

**UNIVERSIDADE SANTO AMARO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSO**  
**MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS**

**Luziane Isaura Barbosa Passos Paixão**

**O JOGO HERÓIS DE TODO O MUNDO: referências negras da  
história brasileira para a construção da identidade do educando**

**São Paulo**  
**2018**

**Luziane Isaura Barbosa Passos Paixão**

**O JOGO HERÓIS DE TODO O MUNDO: referências negras da história brasileira para a construção da identidade do educando**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lourdes Ana Pereira Silva.

**São Paulo  
2018**

## FICHA CATALOGRÁFICA

P172 Paixão, Luziane Isaura Barbosa Passos

O jogo heróis de todo mundo: referências negras da história brasileira para a construção da identidade do educando / Luziane Isaura Barbosa Passos Paixão. – São Paulo, 2018.

111 f.: il.

Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Santo Amaro, 2018.

Orientador(a): Prof. Dra. Lourdes Ana Pereira da Silva

1. Educação Étnico-Racial. 2. Racismo. 3. Interdisciplinaridade. I. Silva, Lourdes Ana Pereira da, orient. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

CDD – 371.3

**Luziane Isaura Barbosa Passos Paixão**

**O JOGO HERÓIS DE TODO O MUNDO: referências negras da história brasileira para a construção da identidade do educando**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro – UNISA como registro parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lourdes Ana Pereira Silva.

São Paulo, 27 de março de 2018.

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

BANCA EXAMINADORA

---

**Profa. Dra. Lourdes Ana Pereira Silva - Orientadora**  
Mestrado em Ciências Humanas  
Universidade Santo Amaro – UNISA

---

**Prof. Dr. Paulo Fernando de Souza Campos**  
Mestrado em Ciências Humanas  
Universidade Santo Amaro - UNISA

---

**Prof. Dr. Ilzver de Matos Oliveira**

Mestrado em Direitos Humanos da Universidade Tiradentes - PPGD-UNIT

CONCEITO FINAL:

---

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a meus familiares, meu amado esposo Ricardo Paixão que é um grande companheiro e esteve comigo em todos os momentos ajudando-me em tudo o que foi necessário para que eu realizasse esta pesquisa com todo amor e carinho dispensado.

Aos meus queridos filhos, Paloma, Carol e André por me inspirarem, me deram ânimo e força para poder finalizar esta jornada. A meus pais, Honório e Maria das Graças que me ajudaram dando-me força e ao mesmo tempo me auxiliaram nesta caminhada.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lourdes Ana Pereira Silva que com sua orientação, seus conhecimentos compartilhados, recomendações e cordialidade me ajudou na construção desta dissertação. Como professora foi exemplar nos expandindo horizontes, transmitindo suas experiências contribuindo para o nosso desenvolvimento como mestrandos.

À Universidade Santo Amaro, minha gratidão pelo acolhimento em seu espaço acadêmico.

Agradeço a todos que contribuíram comigo, para que chegasse até aqui, de uma forma ou de outra, além de permitirem que esta dissertação se tornasse uma realidade.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o Jogo “Heróis de todo o Mundo” para a educação das relações étnico-raciais de maneira interdisciplinar, verificando sua contribuição para a formação da identidade do educando. O problema de pesquisa consiste em resolver de que forma os professores poderão utilizar o Jogo “Heróis de Todo o Mundo” como recurso para uma educação étnico-racial que contribua com a formação da identidade dos educandos. O referencial teórico delinea a relação entre cultura e identidade a partir das contribuições de Dennys Couche e Stuart Hall; Abdias Nascimento, Florestan Fernandes e Petronilha Silva, possibilitam conhecer a história dos movimentos negros no Brasil, fatos históricos da trajetória dos negros no olhar de cada autor, lutas, conquistas em relação a direitos humanos e educação; Kabengele Munanga, Nilma Gomes contribuem para a compreensão da educação étnico-racial e a importância da aplicação da lei que a ampara; Roberto da Mata, Gilberto da Silva e Michel Debrun para descrever o multiculturalismo e a formação da cultura brasileira; com Hilton Japiassu e Ivani Fazenda a problematização da interdisciplinaridade na educação étnico-racial; Frantz Fanon e Edgar Morin dão suporte para analisar as possibilidades da contribuição de referências positivas para a construção da identidade do educando. A metodologia aplicada na pesquisa é de abordagem qualitativa com caráter subjetivo, interpretativo e explicativo. Faz-se uma análise de como o jogo pode ser usado pelos professores para contribuir para uma educação étnico-racial. Analisa-se as histórias de duas personalidades do referido jogo, Maria de Firmina dos Reis e Abdias do Nascimento como exemplos de referências positivas para a formação do educando. Quanto aos resultados, verifica-se que a educação étnico-racial se faz necessária no ambiente escolar visto que, a desigualdade é latente entre etnias e classes sociais. Defende-se que a escola é um espaço propício para a promoção da educação étnico-racial e do combate à discriminação, desigualdade racial colocando esta temática como parte do projeto político pedagógico da escola incluindo o assunto nos currículos escolares.

**Palavras-chave:** Educação étnico-racial; Racismo; Interdisciplinaridade; Identidade.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the Game "Heroes around the world" for the education of ethnic-racial relations in an interdisciplinary way, verifying their contribution to the formation of the identity of the student. The research problem is to solve how teachers can use the Game "Heroes Around the World" as a resource for ethnic-racial education that contributes to the formation of learners' identity. The theoretical framework delineates the relationship between culture and identity from the contributions of Dennys Couche and Stuart Hall; Abdias Nascimento, Florestan Fernandes and Petronilha Silva, make it possible to know the history of black movements in Brazil, historical facts of the trajectory of blacks in the eyes of each author, struggles, achievements in relation to humanitarian rights and education; Kabengele Munanga, Nilma Gomes contribute to the understanding of ethnic-racial education and the importance of applying the law that protects it; Roberto da Mata, Gilberto da Silva and Michel Debrun to describe multiculturalism and the formation of Brazilian culture; with Hilton Japiassu and Ivani Fazenda the problematization of interdisciplinarity in ethnic-racial education; Frantz Fanon and Edgar Morin give support to analyze the possibilities of the contribution of positive references for the construction of the identity of the student. The applied methodology in the research is of qualitative approach with subjective, interpretative and explanatory character. An analysis is made of how the game can be used by teachers to contribute to ethnic-racial education. It analyzes the stories of two personalities of the game, Maria de Firmina dos Reis and Abdias do Nascimento as examples of positive references for the formation of the student. As for the results, it is verified that ethnic-racial education is necessary in the school environment since inequality is latent between ethnicities and social classes. It is argued that the school is a space conducive to the promotion of ethnic-racial education and anti-discrimination, racial inequality by placing this theme as part of the school's political pedagogical project including the subject in school curricula.

**Keywords:** Ethnic-racial education; Racism; Interdisciplinarity; Identity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Busto de negros de diversas nações de Rugendas.....	14
Figura 2:	Venda em Recife.....	55
Figura 3:	Preto Vendedor.....	56
Figura 4:	Imigrantes trabalhando na fábrica.....	57
Figura 5:	Comércio de imigrantes.....	58
Figura 6:	Kit A Cor da Cultura.....	70
Figura 7:	Valores civilizatórios afro-brasileiros.....	73
Figura 8:	Caixa do Jogo “Heróis de Todo o Mundo”.....	83
Figura 10:	Tabuleiro do Jogo Heróis de Todo o Mundo.....	83
Figura 11:	Heróis de todo o mundo.....	92
Figura 12:	Maria Firmina dos Reis.....	94
Figura 13:	Busto de Maria Firmina no Museu Histórico do Maranhão.....	97
Figura 14:	Abdias do Nascimento.....	99
Figura 15:	Oxumaré Ascende – Acrílico sobre tela- 1971.....	102
Figura 16:	Composição n.2- Acrílico sobre tela- 1971.....	103
Tabela 1:	Anos de estudo de acordo com a faixa etária e a cor/raça.....	39
Tabela 2:	Analfabetismo com faixa etária e a cor/raça.....	40
Tabela 3:	Frequência escolar.....	40
Tabela 4:	Contribuição do programa segundo os professores.....	76
Tabela 5:	Condição da escola.....	77
Tabela 6:	Acesso ao programa.....	78
Tabela 7:	Acesso ao material do programa.....	79.
Tabela 8:	Mudanças percebidas.....	79.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1 O NEGRO E A EDUCAÇÃO NO BRASIL</b> .....	<b>14</b>
1.1 O Racismo na Escola.....	33
1.1.1 Perspectivas para uma Educação Étnico-racial .....	37
1.1.2 O professor como mediador de uma educação étnico-racial .....	42
1.1.3 Projeto Político Pedagógico como norteador da educação étnico racial.....	45
1.1.4 Mudanças curriculares .....	47
1.1.5 Mudanças nos Livros Didáticos.....	52
<b>2 A COR DA CULTURA, UM PROJETO INTERDISCIPLINAR</b> .....	<b>61</b>
2.1 Raças, Cultura e Identidade.....	61
2.2 Projeto “A Cor da Cultura para uma Educação Étnico- racial” .....	68
<b>3 O JOGO HERÓIS DE TODO O MUNDO</b> .....	<b>81</b>
3.1 O Jogo Heróis e a Interdisciplinaridade .....	82
3.2 O Jogo e a identificação com as personalidades .....	88
3.3 Conhecendo as Personalidades para tê-las como referência .....	93
3.3.1 Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira .....	94
3.3.2 Abdias do Nascimento, ativista, poeta e artista plástico .....	98
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>106</b>

## INTRODUÇÃO

O Brasil é formado pela união das diferentes etnias e culturas que deu ao país características multiculturais e pluriculturais da sociedade onde ser negro é desafiador. As consequências da colonização deixaram como herança as diferenças sociais causadas pela escravidão e exclusão. Apesar da globalização e todas as informações, as discursões contra a discriminação, desigualdade e racismo ainda são necessárias.

A discriminação é um dos principais motivos que ainda leva muitos sujeitos a não se identificarem como negros. A busca por uma identidade faz parte da formação de toda criança e adolescente. Neste sentido, ter referências inspiradoras é fundamental para a construção identitária. Em geral, crianças e jovens afrodescendentes não encontram muitas referências positivas, exemplo disso são os materiais didáticos e a mídia, que apresentam referenciais bastante tímidos e na maioria das vezes, representações estereotipadas que possam contribuir para inspirá-los positivamente.

A educação para as relações étnico-raciais ainda é pouco problematizada no meio escolar e sua inclusão no currículo escolar geralmente se resume em atividades nas datas comemorativas. A história, a cultura africana e afro-brasileira tem muito mais a ser ensinado do que a lembrança das datas “13 de maio” e “20 de novembro”<sup>1</sup>. Destacam-se assim as leis 10.639/03 e 11.645/08 que foram criadas para que todos tenham o conhecimento da contribuição que os ancestrais africanos deixaram ao Brasil. Estas leis fazem parte das conquistas do movimento negro que tem como principal meio para combater a discriminação e o preconceito através da educação.

Convém ressaltar que não há local mais propício do que a instituição escola para grandes discussões acerca de qualquer conteúdo, uma vez que nenhuma sociedade vive ou cresce sem educação, e sem o espaço que a escola dá.

Com este propósito, em 2004 foi criado o projeto “*A Cor da Cultura*”, uma parceria entre a Fundação Palmares, Petrobras, MEC, TV Globo, TV Educativa e

---

1 O dia 13 maio, Dia da Libertação dos escravos e 20 de novembro, Dia da Consciência Negra são datas comemorativas usadas como referências para lembrar da participação do negro na história do país. Durante o restante do ano letivo tais referências não são utilizadas no currículo escolar.

Canal Futura que tem como finalidade a inclusão da História, a cultura africana e afro-brasileira no Currículo Escolar. Compõe o material didático deste projeto um kit que inclui vídeos, livros com histórias infantis, músicas e um jogo intitulado “*Heróis de todo Mundo*”, objeto de estudo desta dissertação.

O projeto “*A Cor da Cultura*” tem como sua principal função preparar os professores e traçar caminhos para uma educação étnico-racial com materiais que valorizam a cultura e a história negra do Brasil bem como a africana. Os materiais audiovisuais e os impressos enaltecem a beleza da cultura afro-brasileira e africana. As abordagens escolhidas consideram a pluralidade da miscigenação brasileira e refletem o empenho da organização do movimento negro, de pesquisadores e ressaltam questões como cultura, identidade e religiosidade. Possui uma estrutura com acesso a todas as áreas e mobiliza o professor a usar os materiais didáticos de maneira interdisciplinar.

A conscientização da identidade cultural é essencial para a educação étnico-racial, com esse propósito o projeto “*A Cor da Cultura*”, por meio do Jogo “*Heróis de Todo o mundo*”, apresenta a história de trinta personalidades negras brasileiras que contribuíram efetivamente para a história do país. A proposta do Jogo é inspirar crianças e jovens estudantes a se tornarem protagonista de sua vida e da sociedade, de modo a contribuir para a superação das desigualdades étnico-raciais no ambiente escolar. Este Jogo possui uma série em vídeos que mostram um resumo da vida destas personalidades que por sua vez, tiveram um papel marcante para a história do negro no Brasil. Ressalte-se que tais personalidades foram interpretadas por artistas negros contemporâneos que também enfrentaram obstáculos por conta de sua cor de pele.

A imagem do negro ainda é vista com base em vários estereótipos negativos criados ao longo da história. A proposição deste Jogo é mudar esta imagem e transformar o afrodescendente como parte integrante da formação da História e cultura brasileira, respectivamente.

Considerando que a escola constitui-se num lugar onde os educandos recebem sua formação e aprendem sobre sua ancestralidade abrangendo história e cultura, para que ele forme a sua própria identidade e valorize a sua herança, justifica-se nesta dissertação que é importante apresentar aos educandos

referências positivas que possam dar a eles exemplos que venham a inspirar suas vidas e torná-los protagonistas da própria história.

Diante do exposto, este trabalho tem como problemática de pesquisa, o seguinte: de que forma os professores poderão utilizar o Jogo “Heróis de Todo o Mundo” como recurso para uma educação étnico-racial que contribua com a formação da identidade dos educandos?

O objetivo geral é analisar o Jogo “*Heróis de todo o Mundo*” para a educação das relações ético-raciais de maneira interdisciplinar e a sua contribuição para a formação da identidade dos educandos. E por objetivos específicos:

- Compreender conceitualmente a relação entre cultura e identidade para a formação dos educandos;
- Verificar a participação de personalidades negras brasileiras na construção da história do país e a mobilização dos movimentos negros pelos direitos de igualdade social e educação;
- Analisar o Jogo “Heróis de todo o Mundo”, sua contribuição interdisciplinar para a educação das relações étnico-raciais;
- Analisar especificamente a história de duas personagens do jogo, a saber, Maria Firmina dos Reis e Abdias do Nascimento, para identificar como suas histórias podem ser referências positivas para a formação da identidade dos educandos.

Quanto à metodologia, a pesquisa é de abordagem qualitativa, pois é direcionada para o caráter subjetivo, interpretativo e explicativo a partir dos conteúdos específicos sobre o Jogo “Heróis de todo o mundo”.

No primeiro capítulo discorre-se sobre históricos das lutas e movimentos contra a opressão sofrida pelos africanos e afrodescendentes a partir de sua chegada, faz-se um relato dos movimentos negros a partir do século XX suas conquistas e lutas após abolição e as conquistas políticas, legislativas de inclusão racial. Faz-se um referencial à escola como espaço de mudança e combate a discriminação e racismo. Relata-se as perspectivas para uma educação étnico-racial a partir de mudanças no Projeto Político Pedagógico escolar assim como mudanças no currículo e material didático.

O segundo capítulo descreve o Projeto “A Cor da Cultura” apresentando sua estrutura conceitual que compõe o projeto apresentando os materiais áudio visuais e livros, paradidáticos e o jogo “Heróis de todo Mundo”. Problematizam-se conceitos

de cultura em suas diversas definições, assim como a base cultural, as transformações da humanidade e preservação da cultura.

Apresenta-se no terceiro capítulo o Jogo "Heróis de Todo o Mundo". Estuda-se a questão da identidade, definições sobre cultura e formação da identidade, ideologias, influências sociais a partir das referências. Faz-se uma análise sobre as duas personalidades escolhidas para a pesquisa, Maria Firmina dos Reis e Abdias Nascimento, além de relacionar-se o uso do jogo e a interdisciplinaridade, bem como se analisa a importância de referências positivas para a formação da identidade do educando. Verifica-se também como ponto fundamental para uma educação étnico-racial a interdisciplinaridade.

Enfim, as considerações finais são baseadas nos estudos realizados e nas expectativas de uma educação étnico-racial de maneira interdisciplinar sem a pretensão de esgotar o assunto.

## 1 O NEGRO E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

As contribuições dos negros africanos na formação do povo brasileiro são imensuráveis, sua colaboração para o desenvolvimento do Brasil custou seu sangue, mas a falta de reconhecimento trouxe como consequência a discriminação e desigualdades sociais.

**Figura 1: Busto de negros de diversas nações de Rugendas**



Rugendas, diferentes etnias, 1820.

(1) Angola, (2) Congo, (3) Bengüela, (4) Monjolo, (5) Cabinda, (6) Quiloa, (7) Rebolo, (8) e (9) Moçambique, (10) Mina. As etnias de 1-5 e 7 são da África central, 8-9 são do sudeste africano e 10 é da África ocidental. A presença de um escravo Quiloa é peculiar, pois essa é uma etnia da África Oriental, região da qual vieram muito poucos escravos para o Brasil. Todos, com exceção da escrava da Mina, falavam dialetos da família Bantu.

**Fonte:** Disponível em <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/03/documento-semana-29-marco-1802-nasceu-pintor-johann> >Acesso em 12/02/2017.

De acordo com Sant'Anna (2005), o Brasil teve a contribuição de três grandes grupos culturais africanos: os bantos (angolas, congos e monçambiques); os sudaneses, (iorubas) (nagôs)- vindos da Nigéria, demenanos (Jejês) – oriundos de Daomê atual Benin, os fanto-axantis (minas)-oriundos da região do Gana; os sudaneses islamizados: os hauças, oriundos do norte da Nigéria, os pelus (fulas) oriundos do da região de Guiné Bissau, os mandigas (Mali), da região de Serra Leoa e os tapas ( nupê), oriundos do norte da Nigéria. Apesar da diversidade, ainda são referidos como africanos como se fossem um só povo.

A partir do momento que começaram a expandir seus domínios com a colonização pela costa africana no século XV, iniciaram o tráfico de negros como escravos, pois mostrava ser uma atividade muito lucrativa (VALENTE, 1987, p.10). O tráfico trouxe um número grande de escravos vindos do continente africano, cerca

de onze milhões foram trazidos, mas somente um terço sobrevivia à travessia no oceano atlântico. Foram desembarcados nos portos de Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Vicente (AMARAL, 2011, p.10-11 ). Esta população escravizada foi distribuída em todo o país expressando sua diversidade cultural mesmo com a aculturação que sofreram. Apesar da diversidade ainda são referidos como africanos como se fosse um só povo.

No século XVI, a população negra assegurou a expansão das lavouras de cana de açúcar, o cultivo do café e a exploração de minério nos séculos XVII ao século XIX. Trabalhavam também em serviços domésticos, na criação de gado, nas construções e nos comércios de gênero alimentício (AMARAL, 2011, p.13). Enquanto a escravidão deu aos senhores de engenho e latifundiários um grande patrimônio, o povo negro foi sujeitado às piores condições de sobrevivência resultando em um grande quadro de desigualdade entre negros e brancos na sociedade brasileira trazendo os baixos índices de desenvolvimento humano que correspondem ao racismo e discriminação, um reflexo dos 300 anos de escravidão.

O papel do negro escravo foi decisivo para os começos da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca (NASCIMENTO, 2017, p. 49).

O progresso da nação teve em seu custo muito suor, sangue e vidas que foram dizimadas prematuramente. Estes escravizados que deram as suas vidas, tiveram o valor de um objeto, um mecanismo de trabalho que ao falhar eram descartados, apesar da violência que eram submetidos, frequentemente havia rebeliões (AMARAL, 2011). Além dos grilhões, açoites e atribuições negativas, a exploração e a violência sexual também marcaram a relação dos escravos com seus senhores. Vítimas dos desejos de seus algozes as mulheres negras ou se sujeitavam ou eram castigadas, torturadas ou mortas, como resultados tinham seus filhos mestiços que eram submetidos à escravidão. Eles não eram passivos a esta condição a qual formam obrigados, muitos fugiam e formavam quilombos, ou preferiam a morte, outros se deixavam morrer pelo *banzo*, ou melancolia que lhes afetava fortemente (GONÇALVES E SILVA, 2000).

Nesta estratificação os escravos eram mais necessários que os libertos e para terem o controle da representação do conceito de raça surgiu o mito criando a imagem de “negro leal, devotado ao senhor, à sua família e a própria ordem social”, desta maneira os senhores buscavam fidelizar seus escravos. Tais ações buscavam manter o equilíbrio entre as classes onde os brancos continuavam a preservar seu status de classe superior.

A discussão sobre igualdade racial no Brasil seguia um percurso bem diferente do que acontecia nos Estados Unidos. Os abolicionistas brasileiros não discutiam a questão de raça, porque os defensores da escravidão recorriam às teorias de inferioridade, enquanto nos Estados Unidos era desmentida a inferioridade com argumentos políticos e econômicos em defesa da escravidão (SKDMMORE, 1976, p.34). Defendiam-se no Brasil os direitos humanos além da liberdade, fazer com que os senhores vissem seus escravizados como pessoas.

Para Gonçalves e Silva (2000), o Brasil se tornou o maior importador de africanos e o principal alvo da estratégia britânica com inúmeras pressões contra a escravidão. Muitos tratados foram assinados neste sentido, sendo que em 1810, foi assinado o primeiro deles que restringia a ação dos navios negreiros às colônias de Portugal. As pressões se tornaram mais fortes após a Independência do Brasil. O comércio de escravos se tornou proibido em 1850, embora o país tenha continuado a traficar por muito tempo.

E os autores acima dizem mais que “em relação ao acesso as escolas essas diferenças eram distintas, somente pessoas brancas podiam frequentá-las, enquanto a educação dos negros era apenas para o trabalho. De acordo com as Leis de 1846 e 1850, era proibida a presença de escravos e negros em salas de aula ainda que fossem libertos” (GONÇALVES E SILVA, 2000, p.137).

A luta abolicionista e a pressão europeia conquistaram a Lei do Ventre Livre, em 1871, assinada pela Princesa Isabel que deu o direito a todos os que nascessem a partir daquela data, serem livres, mas na condição de que seus pais permanecessem escravos. Muitas crianças que continuavam com seus pais acabavam fazendo o trabalho escravo, pois não tinham alternativa, os senhores tiveram vantagens sobre isso (GONÇALVES E SILVA, 2000, p.138).

E a Lei do Sexagenário (1885), dava liberdade aos escravos quando completavam sessenta anos, com o trabalho pesado e precariedade na forma de

tratamento a eles; muitos deles não resistiam à labuta e morriam antes dos 60 anos, provando mais uma vez que os escravos não conseguiam desfrutar de sua liberdade. Estas leis que precederam o fim da escravidão fizeram com que houvesse o aumento de crianças pardas e negras abandonadas nos orfanatos (GONÇALVES E SILVA, 2000, p.138).

Não havia liberdade afinal, eram leis que foram colocadas para acalmar os ânimos dos abolicionistas. No Rio de Janeiro em 1878, o Decreto de Leôncio de Carvalho <sup>2</sup>, que criou os cursos noturnos para livres e libertos, inicia-se a oportunidade à educação ainda negada para a população negra e mestiça. Este decreto estabeleceu normas de validade nacional que levou várias províncias a criarem seus próprios cursos, onde os escravos ainda eram vetados de frequentar as salas de aula. A luta continuava apesar de tantas investidas pelos abolicionistas.

Em 1879 houve uma reforma do ensino primário e secundário apresentada pelo próprio Leôncio, porém, ainda assim muitas escolas não aceitavam crianças negras ou mestiças libertas. Em relação à educação, os proprietários de escravos insatisfeitos com as leis anteriormente citadas, continuavam pressionando o governo para liberá-los da obrigatoriedade de educação de seus escravos com a Lei 2.040 de setembro de 1871.

Seriam educadas as crianças que fossem entregues ao governo mediante indenização em dinheiro, as que permanecessem com eles receberiam a mesma educação dada aos pais, com fogo e chicotes (GONÇALVES E SILVA, 2000 p.137-138). Estas atitudes opressoras trouxeram um grande atraso ao país, pois como as pessoas negras e mestiças ainda eram tratadas como “coisas”, era de interesse da sociedade mais abastarda que eles permanecessem na ignorância, neste caso, seriam mais facilmente manipuladas, sujeitas às condições subumanas e desmandos que para seus senhores lhes pareciam mais agradáveis.

Com a Lei Áurea de 13 de maio de 1888, os negros tornaram-se livres dos grilhões, mas não livre da opressão e abandono da sociedade. Foram estilhaçados pela escravidão tanto quanto pela “pseudo” liberdade e “pseudo” igualdade que

---

2 Carlos Leôncio de Carvalho foi deputado pela província de São Paulo, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, reformulou a educação e deu origem à reforma do ensino primário, secundário e superior na corte do Império, em 1882, 1883, neste decreto o Governo autorizava os escravos a frequentarem as escolas buscando estimular a alfabetização dos adultos exigindo leitura e escrita dando preferencia para que estes pudessem concorrer à vagas de trabalho.

conquistou. A “nova liberdade” deveria significar uma vitória do oprimido, mas o que aconteceu foi que os negros recém-libertos não tiveram como apoio uma política de emancipação que desse aos ex-escravos meios de recomeçar sua nova vida de maneira digna (FERNANDES 1972).

Para sobreviver após a abolição, os recém-libertos se juntaram ao homem livre pobre, aos índios e também aos quilombolas, que puderam sair de seus esconderijos. Buscavam sobreviver segregados aos trabalhos livres, sendo participantes ocasionais da vida social e encontrando velhos dilemas. As mulheres eram geralmente indicadas para trabalhos domésticos e o homem negro por não ter qualificação era levado à frente de trabalho mais pesado e sujo como limpar ruas, fazer coleta de dejetos, entre outros do mesmo porte.

Viviam em porões, casas de cômodos alugadas, havia uma desorganização social e a violência ocorria simultaneamente. A luta por trabalho acabou afastando mulheres e homens negros da escola, além de lutar por sua sobrevivência e a discriminação, passaram a competir com os imigrantes que possuíam condições mais elevadas e era considerada uma melhor opção para ocuparem as vagas de trabalho (FERNANDES, 1972, p.26-27). O reflexo desse abandono resultou em um grande número de comunidades pobres na atualidade, que possui em sua maioria negros e mestiços com condições de baixa escolaridade e na linha da pobreza.

O branqueamento foi um processo eufemístico, pois, o português misturou-se tanto ao índio quanto ao negro, “assimilou” as duas etnias ao invés de separar-se (SKIDMORE, 1976, p. 40). Segundo Freyre (2006, p. 70,71), os portugueses se misturavam aos outros povos com facilidade, “gostosamente”. Como colonizador misturou-se com as mulheres de cor, negras, mulatas e índias, e tiveram vários filhos, este davam preferência às mulheres de cor do que as brancas. Mesmo aparentemente mais atraentes, as mulheres negras ainda eram vistas como objetos sexuais conforme a seguinte expressão citada por Freyre, (2006, p.72), “Branca pra casar, mulata pra f... negra pra trabalhar”. Esta preferência sexual, vista por Freyre como uma glorificação da mulher de cor sobre a mulher branca, esconde os estupros e maus tratos da época colonial vivenciada por uma grande parte destas mulheres.

Em sua obra, *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre, a democracia racial é demonstrada com a figura do colonizador como o que conquistou sem conflitos, a sua relação com o negro e o índio é apresentada com uma forma apaziguadora. O mito da democracia racial passada por Freyre foi uma realidade falsa do processo discriminatório vivido entre negros e brancos na construção de um país: "O Brasil formou-se, despreocupados os seu colonizadores da unidade ou pureza das raças. Durante quase todo o século XVI a colônia esteve escancarada para os estrangeiros(...)"(FREYRE, 2006, p. 91).

O povo brasileiro era considerado feio e inferior pela mistura com o sangue africano (FERNANDES, 1972, p.27). Este estigma ainda segue na atualidade quando pessoas usam as redes sociais para expressar sua repulsa por pessoas negras, só pelo fato de serem negras, lembrando que nem mesmo pessoas públicas são poupadas de tais agressões.

Para reverter à situação, os portos do Brasil foram abertos em 28 de junho de 1890 onde indivíduos aptos para o trabalho e que não tivessem indícios criminais poderiam vir para o Brasil.

Foi acrescentada a cláusula de que indígenas e pessoas do continente africano de cor, só seriam admitidos mediante autorização do Congresso Nacional. Para os republicanos este decreto traria o desenvolvimento econômico ao País. Estes imigrantes possuíam mão de obra qualificada para trabalhar nas indústrias e comércio. Esta ideologia era próxima do liberalismo que colocou a margem os recém-libertos (NASCIMENTO, 2017).

A mão de obra dos imigrantes europeus não foi apenas uma saída para a economia do país que estava afundando após a Abolição, a pretensão era de que o crescimento da população de negros e mulatos deveria desaparecer. Diferente dos Ingleses e Norte Americanos que mantiveram os negros apenas para o trabalho escravo, mantendo uma restrição a envolverem-se com eles, os portugueses não viram esta restrição e o número de mestiços no Brasil era muito grande.

O Governo republicano buscava associar os valores do sangue dos europeus aos dos brasileiros e a pretensão era de que nos próximos duzentos anos a raça negra desaparecesse do país (NASCIMENTO, 2017). Os efeitos desta concorrência foram altamente prejudiciais aos antigos escravos que estavam

despreparados para enfrentá-las, mas correspondiam aos interesses dos proprietários das terras e donos de fazenda tanto quanto aos mecanismos da economia emergente.

O negro e o mulato foram substituídos nas posições que ocupavam no artesanato urbano ou no comércio de miudezas e de serviços, fortalecendo-se de modo severo a tendência de dar aos negros os trabalhos mais brutos, mal retribuídos e degradantes. A exploração chegou também a atingir as crianças que eram trazidas para as casas dos patrões, para serem “tratadas como filhos”, em troca faziam prestações de serviço gratuitas.

Os negros da casa grande tiveram maior vantagem, pois as famílias os protegiam para que permanecessem a lhes prestar serviços em troca de agrados, eram conhecidos como “crias da casa” (GONÇALVES E SILVA, 2000). A situação das novas gerações era serem exploradas em serviços domésticos em troca de roupas, comida, educação, sem receberem pelo trabalho, somente neste século este mal foi combatido.

O mito do “negro de alma branca” é criado para uma aceitação social e os que possuíam talentos reconhecidos eram levados para a sociedade global, este sujeito acabava se afastando e destruindo seu vínculo de origem e redefinindo seu meio para a aceitação social, significando “subir de classe”, procurando viver uma vida numa expectativa dos costumes dos brancos, como foi o caso do psiquiatra baiano Nina Rodrigues que mesmo sendo mestiço possuía uma visão eurocêntrica, em seus estudos antropológicos sobre o africano, considerando que a população negra não era constituída de um povo civilizado, constatando a inferioridade do povo brasileiro (NASCIMENTO, 2017, p.82).

Nascimento (2017) afirma que estes novos negros repudiavam os movimentos de protestos políticos que favoreciam sua classe, consideravam que estes movimentos atrapalhavam seu progresso na redefinição de classe social. Poetas de origem negra como Caldas Barbosa (1738-1800), Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1730-1800), seguiam o modelo literário europeu, se distanciando de suas raízes africanas, Gregório de Matos (1633-1696), ironizava os mestiços por terem amantes negras e mulatas, pois o ideal da beleza era a mulher branca.

A aproximação com sua descendência africana dariam a eles sérios problemas sociais. Diferente dos anteriores, Lima Barreto focalizava suas histórias

no ambiente de subúrbio onde a maioria é de gente negra com uma linguagem popular e Maria Firmina dos Reis, ressaltava o sofrimento do negro em suas histórias. De acordo com Nascimento:

Ansiosos pela aceitação e o reconhecimento da sociedade vigente, ambicionando atingir os níveis mais elevados da hierarquia social além de candidatos ao mundo literário, os intelectuais negros e mulatos se submetiam ao implacável processo de branquificação interior (NASCIMENTO, 2017, p.154).

Muitos brasileiros reagem mal ao serem chamados de negros ou mulatos, estes então por serem mestiços não se definiam como negros. O orgulho de ser negro passou a ser defendido no Brasil a partir das consequências das revoluções africanas, dos movimentos negros nos Estados Unidos e África do Sul que foi espalhado pelo mundo (NASCIMENTO, 2017).

A segunda maior população de negros no mundo é a do Brasil depois da Nigéria de acordo com Sant'Anna (2005, p.4). O número de negros trazidos para a mão de obra é imensurável e tornou-se impossível a estatística por conta da Circular nº 29 de 13 de maio de 1891 assinadas pelo Ministro de Finanças, Rui Barbosa que mandou queimar documentos históricos e arquivos referentes à escravidão, inclusive registros estatísticos, demográficos e financeiros. Como consequência, não há fontes indispensáveis para analisar a história dos africanos no Brasil. A memória era a única lembrança destes que vieram obrigados de outra terra para cá (NASCIMENTO, 2017).

Após 65 anos da Abolição em 1953, a população negra procurava se integrar e competir nas classes sociais. A democratização racial consistia no contorno negativo da economia que levava a população negra e mestiça a sofrer preconceitos raciais, sociais e culturais.

Desde os primeiros tempos da vida nacional aos dias de hoje, o privilégio de decidir tem permanecido unicamente nas mãos dos propagadores e beneficiários do mito da "democracia racial". Uma "democracia" cuja artificialidade se expõe para quem quiser ver; só um dos elementos que a constituiriam detém todo o poder em todos os níveis político-econômico-sociais: o branco. Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país (NASCIMENTO, 2017, p. 46).

O século XX iniciou com protestos de grupos negros em várias localidades do país, esta mobilização mostrava o contrário da filosofia de democracia racial aparentemente existente, para a população negra houve um longo processo de luta.

O Movimento Negro buscou uma nova visão de ordem legal com a ajuda de intelectuais, organizações e associações negras que tinham como objetivo desmascarar a realidade e realizar manifestações contra a discriminação e preconceito. O direito a educação estava sempre presente nas lutas do movimento como bandeira principal para acessão social, integração e instrumento de conscientização. Essa discriminação racial trouxe para a maioria dos afrodescendentes viver nas periferias e se tornarem marginalizados pela sociedade.

Fugir das realidades étnicas é recurso totalmente inútil. Pois enquanto os brasileiros tentam enganar a si mesmos com a invenção da "democracia racial", os povos de outros países manifestam um conhecimento perfeito de fatos e ocorrências supostamente não existentes na sociedade brasileira, segundo a teoria oficial em vigor (NASCIMENTO, 2017, p.80).

As consequências da discriminação perpetuam até a atualidade. Muitos negros buscam se firmar como negros e combater as diferenças e buscar firmar sua identidade valorizando sua ancestralidade.

A imprensa negra possuiu um papel importante para o fortalecimento dos movimentos negros, a circulação era restrita e eram poucos os negros alfabetizados, eles juntavam as famílias para poderem saber das notícias por menores que elas fossem, em 1798, negros da Bahia, em Salvador, organizaram o informativo "A Revolta do Búzios" que era o veículo de manifestação colocado nas paredes da cidade como um jornal mural. O negro Francisco de Paula Brito, tipógrafo que fundou "O Homem de cor" (1833), que depois se denomina "O Mulato", foi o percussor do que ficou conhecido como imprensa negra. Com "O Homem de Cor" surgem no Rio de Janeiro, "Brasileiro Pardo", "O Cabrito", "O Crioulinho", "O Lafluyente", que tinham como objetivo comum ser um veículo de denúncia do preconceito de cor nos espaços públicos tanto da Corte quanto de outras localidades do país. A partir do século XIX outros negros seguiram o exemplo, como Ferreira de Menezes, fundador dos jornais O Ipiranga e a Gazeta da Tarde que foi sucedido por José do Patrocínio, que mais tarde fundou "A Cidade do Rio de Janeiro" que noticiou a promulgação da Lei Áurea. (SILVA E OLIVEIRA, 2008).

No século XX os jornais mais destacados foram: Baluarte (1903), O Menelik (1915), A Rua (1916), O alfaiate (1918), A Liberdade (1919), a Sentinela (1920), O Getúlio (1923), e o Clarim d'Alvorada (1924), (BRASIL, 2006, p.15).

Em geral, eram ligados a entidades ou os constituíam mesmos uma entidade autônoma, como foi o caso do Clarim d'Alvorada, veículo pelo qual o militante, Correia Leite, entre outros, passaram suas ideias sobre o destino da raça negra. Os jornais negros eram usados de forma contundente e buscavam chamar a atenção principalmente dos pardos para que se juntassem à causa, não poupando críticas, formavam lideranças e chamavam a atenção do pouco número de negros nas escolas destas comunidades.

Com a falta de políticas públicas as associações negras criaram cursos complementares de alfabetização para crianças e jovens, no entanto estas iniciativas não eram bem-sucedidas, pois os pais não iam e nem mandavam seus filhos. E como se não bastasse, os jornais passaram a acusar a própria família pela precariedade educacional dos negros (GONÇALVES E SILVA, 2000, p.140-141). O não interesse pela educação fez com que muitos permanecessem em circunstâncias precárias. Na atualidade ainda se faz necessário iniciativas para conscientizar a população da importância da educação. Conquistas como as "Cotas Raciais" são uma forma de apoio para garantir as vagas nas Universidades e concursos.

Com a expansão do capitalismo brasileiro no início do século XX, não houve nenhuma iniciativa relevante voltada para a promoção da cidadania pela população negra, mesmo com as experiências da I e II Guerra Mundial. Houve momentos de protesto das comunidades negras e o mais emblemático foi o da Frente Negra Brasileira, em 1931, na cidade de São Paulo. Os militantes reivindicavam um novo padrão para a cidadania do negro brasileiro buscando resolver situações de direitos sociais com o ativista Abdias Nascimento à frente. E em meio à repressão do Estado Novo foi realizada o I Congresso Afro-Brasileiro em comemoração aos 50 anos da Abolição (GONÇALVES E SILVA, 2000, p.139).

A frente negra pernambucana, em Recife, foi criada em 1936 e tinha entre seus fundadores o poeta Solano Trindade. O movimento usava a educação das novas gerações e a promoção da raça negra, a princípio em Pernambuco. Este movimento, conhecido como Teatro Popular Brasileiro, reunia jovens negros e proletários para realizar pesquisas sobre a manifestação cultural afro-brasileira e

organizava apresentações em todo o país (GONÇALVES E SILVA, 2000, p. 145). O objetivo era conscientizar, levar conhecimento, ajudar a juventude negra brasileira a terem uma identidade brasileira, saberem sobre seus antepassados e aumentarem sua autoestima.

Uma nova perspectiva acadêmica foi motivada com os trabalhos de Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez, Otávio Ianni, Roger Bastide entre outros, sobre as condições desiguais da população negra brasileira fazendo contraponto às teorias de Silvio Romero, Oliveira Viana, José Veríssimo, Nina Rodrigues e Gilberto Freyre.

A década de 40 foi marcada com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, pela proclamação em 1948 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que propunha um ideal comum a ser atingido por todos os povos e nações (BRASIL, 2006, p.15-16).

Estes protestos se espalharam pelo país, no Rio de Janeiro foi organizado em torno do Teatro Experimental do Negro, liderado por Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos. O Teatro Experimental Negro (TEN) que valorizava a expressão artística negra exercendo uma forte intervenção política de educação antirracista foi criado em 1944.

O TEN iniciou com pessoas de classe mais sofridas: os favelados, as empregadas domésticas, os operários e os frequentadores de terreiro. O TEN educou, formou e apresentou os primeiros atores e atrizes negros do teatro brasileiro. Inspirou e estimulou a criação de uma literatura dramática baseada na experiência afro-brasileira dando ao negro a oportunidade de aparecer como herói. O movimento não separava momentos político-sociais de interesse ao afrodescendente do que representavam no palco. Por isso, promoveram a Convenção Nacional do Negro e o I Congresso do Negro Brasileiro (NASCIMENTO, 2017, p. 162).

. Este movimento foi expandido para outros estados e consolidou uma aliança nacional. A prioridade do TEN era combater o racismo por meio de processos culturais educacionais, baseando-se na história real do negro brasileiro. Outra visão era voltada ao direito à educação (GONÇALVES E SILVA 2000, p.149).

O TEN atuou arduamente com denúncias contra racismo e opressão, procurou instalar mecanismos de apoio psicológico e que ajudasse o negro a dar um salto quantitativo que superasse o complexo de inferioridade, visando à liberdade psicológica, social e espiritual das futuras gerações de afrodescendentes.

A Associação de Negros Brasileiros com o apoio da União Nacional dos Estudantes - UNE realizaram a I Convenção Nacional do Negro em 1945 na cidade de São Paulo, onde foi lançado o Manifesto de Defesa a Democracia. Houve o surgimento de várias manifestações políticas das organizações negras exigindo que se definisse o racismo como crime de lesa-pátria. Diversos trabalhos foram apresentados de forma escrita e oral, está reunido esse material, no volume "O Negro Revoltado". A II Convenção foi realizada no Rio de Janeiro em 1946, no final desta convenção os militantes lançaram o Manifesto à Nação Brasileira com suas reivindicações (GONÇALVES E SILVA, 2000, p.148).

O ano de 1950 foi marcado pela I Congresso do Negro Brasileiro. Afonso Arinos, em 1951 apresentou um Projeto de Lei antirracista conhecido como Lei Afonso Arinos que foi aprovada sobre fortes protestos e pressões. Esta lei caracterizou a discriminação racial como contravenção penal.

Após os anos 50 foi desencadeando o mito da democratização racial que construía discursos da unidade entre negros, brancos e índios, que encobria as hierarquias e discriminações construtivas das relações entre as raças. A mudança significou o tratamento da questão étnica racial com o ressurgimento das reivindicações que questionavam sobre o preconceito associado à escravidão.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), 4.024 de 20 de dezembro de 1961, conciliava as posições que dividiram as discursões de educadores e demais interessados na educação em relação ao preconceito racial. Esta lei defendendo em seu artigo 1º a condenação a qualquer tratamento desigual por convicção filosófica, política e religiosa, e no 2º artigo diz que a educação é um direito de todos no lar e na escola, passa a tratar com condenação qualquer preconceito de classe e de raça. As discursões não continuaram.

A Ditadura Militar não acouo o movimento, o negro foi uma força vital para a relação democrática da revolução nacional, estava envolvido no processo de combate a essa ditadura buscando transformar o Brasil em uma sociedade democrática. Os que apoiavam, formaram um grupo de base popular em 64 com a

manifestação do dito “13 de Maio” com mais de cinco mil pessoas (GONÇALVES E SILVA 2000). O objetivo era desenvolver uma consciência de responsabilidade que aceite a luta pela igualdade racial, conquistar negros das diversas classes para terem o mesmo objetivo, buscando dentro dos grupos líderes e intelectuais para os ajudarem.

O Teatro Experimental foi de grande importância para a discursão de uma nova carta constitucional em 1964. As discursões continuaram com a Lei 5.540/68 que tratou do Ensino Superior dando um novo ajuste ao momento político, teve como ponto principal o controle político das Universidades Públicas e a formação de mão de obra para a economia do país.

Na cidade de Porto Alegre (RS) foi criado o Grupo Palmares que propôs a data 20 de novembro como data comemorativa pela morte de Zumbi dos Palmares em 1971. Neste mesmo ano foi implantada a Lei 5.692/71 que se refere à educação de primeiro e segundo grau, tornando obrigatória a educação de crianças de 7 a 14 anos no primeiro grau, o segundo grau passa a ser profissionalizante, a educação à distância a ser uma modalidade de ensino, professores precisam ter formação superior, inclusão das disciplinas Moral e Cívica, Educação Física e Educação Artística no currículo.

O Bloco Afro baiano Ilê Aiyê, foi inaugurado em 1974, tornando-se o maior referencial da cultura afro-brasileira no país trazendo ritmos da raiz civilizatórias das etnias Gêge, Ketu e Angola se tornando popular e estimulando a criação de outros grupos como Olodum e Araketu. Estes grupos não tinham apenas a função cultural, mas a de fortalecer o Movimento Negro, e propagar a cultura afro-brasileira assim como a africana, resgatando cultos e dialetos. Na atualidade eles funcionam como grandes Centros Culturais com projetos educativos que buscam aumentar a autoestima do afrodescendente e fortalecer a sua identidade (SANTOS 2009).

No dia 07 de julho de 1978 o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) é criado em São Paulo recebendo apoio de representantes de vários estados do país, em que este movimento deu uma nova perspectiva de luta contra o racismo. Vários militantes declararam que estavam lutando contra o racismo e instauraram o Dia da Consciência Negra lembrando os séculos de história dos negros no Brasil, propondo combater o racismo onde o negro estiver. Gonçalves e Silva (2000, p.150) dizem que: “Como um dos lugares onde o negro vive é a escola,

ou seja, os sistemas de ensino buscou-se orientar a ação de combate ao preconceito nesses ambientes”.

Em 1979 o MUCDR passa a se chamar Movimento Negro Unificado (MNU) que organizou e realizou protestos para denunciar o mito da democracia racial, violência policial e pobreza da população negra. Segundo Santos:

Entre seus eixos de atuação estavam: atividades recreativas que valorizassem a identidade cultural negra; crítica ao sistema educacional e promoção da educação antirracista: crítica aos órgãos de segurança pública quanto à forma preconceituosa de abordar a juventude negra; denúncia da relação de gênero e raça machista e patriarcal e estímulo à autoestima da mulher negra; Denúncia da desigualdade no mercado de trabalho; abertura de áreas de estudos epidemiológicos para a saúde da população negra; valorização da autoestima dos adeptos da religião de matriz africana; orientação para regularização fundiária das terras dos remanescentes de quilombos; pesquisas acadêmica e/ou estatística com recorte de raça /cor (SANTOS, 2009, p.74).

Estas reivindicações ainda fazem parte dos movimentos negros atuais pelo fato de que esta valorização ainda não tenha alcançado o nível social desejado. São poucas as ações voltadas para uma educação antirracista, o número de negros mortos continua elevado, abordagens preconceituosas ainda acontecem de forma violenta, violência física e verbal que são expostas nas redes públicas da internet e o número de ataques à religião africana tem si tornado cada vez mais frequentes no Brasil, entre outras manifestações desta estirpe.

Nos anos 80 o Movimento Negro toma um caráter nacional reunindo entidades em defesa da democracia, várias organizações apoiaram este movimento como clubes recreativos, associações culturais, entidades de cunho político e movimentos artísticos. De 1980 a 1990 a redemocratização do país trouxe como nova atualização política a questão étnica racial. Os movimentos sociais se renovaram passando a ter um caráter identitário trazendo um conjunto de problematização e novas formas de reivindicações políticas. O novo enfoque do movimento negro são as denúncias das lutas sociais buscando uma compreensão da forma de opressão e exploração estruturante das ações social econômica brasileira. No final dos anos 80 estes movimentos trouxeram rupturas entre os integrantes dos partidos de esquerdos e novos movimentos sociais (BRASIL, 2006, p.17).

A Conferência Brasileira de Educação (CBE), em 1982, realizada em Belo Horizonte, teve como tema principal a discriminação nos sistemas de ensino. Em 1984 e 1985 foi realizado o 11º CBE e o II Encontro Nacional sobre a Realidade do Negro na Educação, tiveram como apoio de agentes da Pastoral do Negro e o Grupo de Negros do Partido Democrático Trabalhista-PDT, do Rio Grande do Sul, ainda participaram militantes intelectuais, pesquisadores e convidados. Como resultado houve a criação de projetos pedagógicos voltados para a cultura e história dos negros nos programas escolares. Em favorecimento dos remanescentes quilombolas, o Art., n. 68 do Ato de Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 se torna favorável à titulação de Terra (GONÇALVES E SILVA, 2000, p. 151-152).

A Lei Federal 7.716, conhecida como a Lei Caó, foi promulgada em pelo Presidente José Sarney em 1989, esta lei decreta punição penal à discriminação racial. A pressão social e insistência das manifestações políticas para as eleições diretas permitiram mudanças na legislação das relações raciais brasileiras. Com a Lei Caó a criminalização se tornou mais rigorosa, inafiançável, que provocou mudanças no comportamento social brasileiro, pois antes era muito difícil julgar práticas racistas escondidas no mito da democracia racial (SANTOS, 2009, p. 80). É evidente que mesmo com a lei, ações discriminatórias não acabaram. Atualmente ainda se vê atos de violência física, verbal e na internet com frequência, estes fatos atestam que o preconceito continua arraigado na sociedade.

Em novembro de 1995 foi realizada a Marcha de Zumbi dos Palmares em Brasília com o objetivo de chamar a atenção para o baixo índice de desenvolvimento humano na população negra. Esta marcha contou com mais de cem mil pessoas que entregaram ao Presidente Fernando Henrique Cardoso um documento reivindicando ações contra o racismo, pela cidadania e a vida. Foram solicitadas políticas públicas que mudassem este quadro envolvendo a educação. Houve então uma mudança no Plano Nacional de Educação e Parâmetros Curriculares Nacionais – (PNE/PCN), incluindo temas com diversidade racial e cultural, foram criados cursos pré-vestibulares voltados para a população pobre em sua maioria negra, principalmente nas regiões sul e sudeste, com o objetivo de dar mais oportunidade de acesso às Universidades Públicas.

A Lei 9.384/96 de Diretrizes e Base teve forte pressão do movimento negro sobre parlamentares que se comprometeram com o Movimento Negro se mostrando sensíveis à luta pela igualdade racial. No artigo 26, parágrafo 4º desta lei, o ensino de História do Brasil deveria levar em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro.

Na sessão três no artigo 32, parágrafo 3º, há a garantia das comunidades indígenas utilizarem a sua língua materna nas escolas. Como resultado, é incluído no PNE um volume sobre pluralidade cultural para serem trabalhados a partir do princípio da diversidade racial do Brasil. Para este trabalho foram incluídos professores, intelectuais, o Ministério da Educação, o Ministério da Justiça em prol das políticas de igualdade racial.

De 31 de agosto a 8 de setembro de 2001 o governo brasileiro participou da III Conferência de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e intolerância Correlata em Durban, África do Sul<sup>3</sup>. Conforme a Secretaria de Políticas Públicas de Igualdade Racial- SPPIR, o Governo Federal afirmou as seguintes ações acordadas na conferência: Reafirma a Declaração e Programa de Ação de Durban (DDPA), conforme foi adotado na Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata em 2001; Avaliar a eficácia dos mecanismos de acompanhamento existentes em Durban e de outros mecanismos das Nações Unidas que lidam com a questão do racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata para aperfeiçoá-las; Promover a ratificação universal e implementação da Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial e consideração adequada das recomendações do Comitê sobre a Eliminação da Discriminação Racial (CERD); Identificar e compartilhar das melhores práticas obtidas em nível nacional, regional e internacional na luta contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata; Identificar e medidas concretas e iniciativas adicionais em todos os níveis para combater e eliminar todas as manifestações de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata ( BRASIL, 2001).

---

<sup>3</sup> A Conferência faz parte de um esforço empreendido por comunidades internacional para combater o racismo, a discriminação e a intolerância em todo o mundo. Esta conferência foi convocada em 1997 pela Assembleia Geral das Nações Unidas através da resolução 52/111, que declara a necessidade de adotar medidas eficazes contra o racismo e a discriminação. Disponível em : <http://direitoshumanos.gddc.pt/pdf/Racismo.pdf> Acesso em : 16/04/2018.

Com as manifestações políticas e pressão social, o Poder Executivo, criou a Secretaria Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial em cumprimento a promessas eleitorais em 21 de março de 2003, Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial. Através da Medida Provisória n. 111<sup>4</sup>, que se tornou Lei n. 10.678<sup>5</sup> da Casa Civil da Presidência da República que cria a secretaria atualmente denominada Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial- SEPPIR.

Em 2003, a Lei 10.639/03, altera o artigo n. 26 da Lei 9394/96 das Diretrizes Curriculares e Base da Educação Nacional que determina a inclusão oficial no Currículo escolar do ensino fundamental e médio, História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Esta lei foi criada como resposta às antigas reivindicações do Movimento Negro para a promoção da igualdade racial, foi uma grande conquista, o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira valorizará o negro na formação do povo brasileiro.

Os assuntos deveriam ser abordados nas disciplinas de História, Língua Portuguesa e Artes, podendo ser utilizados interdisciplinarmente. Tais conhecimentos mudariam a visão sobre a história da África e do negro africano no Brasil. Além de inserir o dia 20 de novembro no Calendário Escolar como “Dia Nacional da Consciência Negra”. Todas estas diretrizes vieram acompanhadas de iniciativas para a promoção de uma educação étnico-racial, como foi o caso do Projeto “A Cor da Cultura”.

Em 2004 foram realizados 20 fóruns em vários Estados para a prática da educação étnico-racial reunindo Secretarias Municipais, Estaduais, Conselhos de Educação e Movimento Negro. Estes fóruns influenciaram a Conferência Nacional para a igualdade racial realizada pelo Governo Federal em 2005. Houve uma grande discussão para a prática em educação étnico-racial e políticas públicas voltadas para a classe carente incluindo as cotas raciais.

Neste mesmo ano, grupos de empresários e o Ministério da Educação juntamente com a TV cultura e a rede Globo iniciam o Projeto “A Cor da Cultura”, que tem por objetivo preparar professores a colocar em prática a Lei 10.639/03, com o ensino da história da cultura Africana e Afro- brasileira. A formação de professores foi realizada em 13 estados, 63 municípios e mais de 26.000 educadores.

---

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/mpv/Antigas\\_2003/111.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/Antigas_2003/111.htm). Acesso em: 18/04/18.

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.678.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.678.htm) . Acesso em 18/04/18

O Programa de Universidade para Todos- PROUNI foi criado em 2004 com a finalidade de conceder bolsas integrais e parciais a estudantes de baixa renda em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior, oferecendo a estas instituições isenção de alguns tributos de acordo com a MP nº 2013/2004, BRASIL, 2004).

E em 10 de março de 2008 é aprovada a lei 11.645<sup>6</sup>, que altera a Lei 10639/03, incluindo nas diretrizes e bases de educação nacional a obrigatoriedade do ensino da “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. Neste caso é acrescentada a contribuição cultural, política e social indígena para a formação do povo brasileiro. O cumprimento desta lei busca promover acesso à educação a todos, proibição de discriminação baseado na raça, cor, descendência e origem nacional ou étnica em todos os níveis de educação, dar apoio aos esforços que asseguram um ambiente escolar seguro e livre de violência e discriminação, assédio motivadores de racismo, intolerância e xenofobia.

Em 2010 o Estatuto da Igualdade Racial se torna um instrumento legal por mais igualdade de oportunidades e garantias de direitos pela população negra unificando as políticas de combate ao racismo e discriminação com a Lei nº 12.288/2010<sup>7</sup>, segundo Nilma Lino Gomes, Ministra na ocasião, as promoções de igualdade racial precisam ser promovidas nas esferas do governo, ( BRASIL, 2015).

Outra conquista foi a criação da Ouvidoria Nacional da Igualdade Racial criada em 2011, com a função de receber denúncias contra a mulher, juventude ou população negra em geral e denúncias contra comunidades quilombolas, de terreiros, ciganos e religiões de matriz africana. A partir de 2011 as denúncias registradas passaram a aumentar, pois a população foi encorajada a levar a justiça os crimes sofridos por racismo. Foram 219 denúncias em 2011, 413 em 2012. 425 em 2013, 567 em 2014, 626 em 2015. A cada ano o número de denúncias aumentou, mostrando a realidade de que no Brasil ainda há racismo, mesmo que velado, disfarçado e que a população tem tomado consciência de seus direitos e buscado cada vez mais formas de combater crimes de preconceito racial, para a

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm) Acesso em : 18/04/18.

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm) . Acesso em 18/04/18.

Ministra, o racismo é ambíguo, pois quanto mais a sociedade brasileira nega, mais o racismo se perpetua (BRASIL, 2016).

Uma das formas de combate a desigualdade foi a criação de cotas estudantis que garante 50% de reserva das matrículas e por cursos nas universidades públicas federais e Institutos Federais de educação, ciências e tecnologias com a Lei 12711<sup>8</sup> de 29 de agosto de 2012 que determina vagas para autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoa com deficiência. Com o cumprimento da lei o número de negros tem aumentado gradualmente nas universidades. De acordo com o ministério da educação em 1997 o percentual de jovens negros de 18 à 24 nas universidades era de 1,8%, de pardos de 2,2%, com o cumprimento da lei em 2013 este percentual subiu para 8,8% e 11% respectivamente (BRASIL, 2016).

O sistema de cotas demonstra a realidade de desigualdade do país que são necessárias leis para que os menos favorecidos tenham acesso à educação, mas isso não quer dizer que o problema esteja resolvido. Este é um sistema provisório, longo para a diminuição das desigualdades de acordo com Munanga:

A cota é apenas um instrumento e uma medida emergencial enquanto se buscam outros caminhos. Se o Brasil, na sua genialidade racista, encontrar alternativas que não passam pelas cotas para não cometer injustiça contra brancos pobres – o que é uma crítica sensata – ótimo! Mas dizer simplesmente que implantar cotas é uma injustiça, sem propor alternativas a curto, médio e longo prazo, é uma maneira de fugir de uma questão vital para mais de 70 milhões de brasileiros de ascendência africana e para o próprio futuro do Brasil. É uma maneira de reiterar o mito da democracia racial, embora este esteja desmistificado. (MUNANGA, 2001, p, 42)

É evidente que muitas críticas surgiram junto com o cumprimento da lei, Munanga cita algumas destas críticas, como a dificuldade de dizer quem é negro no Brasil; fatos de abandono desta política nos Estados Unidos por não ter ajudado a diminuir as diferenças raciais; as cotas podem prejudicar a imagem das instituições dos estudantes e trabalhadores por terem sido cotistas; representantes de universidades públicas alegam que o sistema de cotas poderá levar à degradação do nível de ensino da instituição. Respondendo a estas questões ele afirma que não há necessidade do indivíduo fazer teste de DNA para provar ser afrodescendente, a identificação é uma questão de auto definição combinando critérios de ascendência

---

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm) . Acesso em: 18/04/18.

politicamente assumida com os critérios de classe social; a representação é mais fenotípica do que genotípica; os afro-americanos possuem alternativas além das cotas para entrarem nas universidades, já possuem universidades fundadas por negros para negros, a realidade brasileira possui uma realidade não só de “raça” mas de “classe” respeitando o censo étnico de cada estado com implementação de políticas públicas de curto, médio e longo prazo; o conhecimento adquirido por cotas os estudantes tiveram uma grande mobilidade social; as universidades públicas tem recursos humanos capazes de superar as lacunas dos estudantes oriundos de escolas públicas. (MUNANGA, 2001)

A adesão do estatuto foi implantada aos poucos nos estados e municípios do país. Atualmente as discussões e promoções de projetos continuam sendo executados para o que haja uma prática efetiva do estatuto. Um dos resultados do estatuto foi a criação de cotas em 2014 com a instituição de 20% de vagas para negros no serviço público federal. Esta lei proporcionou que mais pessoas declaradas negras assumissem cargos públicos através da Lei nº 12.990/2014<sup>9</sup>. O sistema de cotas ainda é muito discutido e possui várias polêmicas incluindo fraudes nas universidades com o preenchimento das vagas.

A educação e mobilidade social foram um marco importante para as mudanças das estratificações sociais. Desde os projetos da Frente Negra Brasileira até as mais recentes ações afirmativas para o ensino superior com as cotas, a educação propicia a emancipação do povo negro. O sistema educacional brasileiro ainda necessita de ações e políticas que diminua as desigualdades e desvantagens históricas.

### **1.1 O Racismo na Escola**

O racismo é um dos problemas enfrentados na sala de aula, este comportamento abrangem as tensões, concepções, práticas discriminatórias por um grupo que se denomina superior. É um comportamento resultante da aversão, do ódio em relação a pessoas que possuem o pertencimento racial diferente como a cor do cabelo, tom da pele (GOMES, 2012, p.52). Na escola o racismo se encontra nas

---

<sup>9</sup> Disponível em : [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2011-2014/2014/Lei/L12990.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2014/Lei/L12990.htm) . Acesso em 18/04/18.

atitudes de agressão físicas e verbais, manifestações e formas de isolamento causadas por professores, estudantes ou colaboradores.

A discriminação e o desrespeito são fatores que geram conflitos inclusive no ambiente escolar. Crimes de violência acontecem no ambiente escolar tendo a necessidade de saber quais os seus fatores e um deles é a discriminação racial, medidas para combater atitudes discriminatórias e desigualdades que resultam em exclusão devem ser realizadas no ambiente escolar.

As manifestações da discriminação racial na escola conformam um quadro de agressões materiais ou simbólicas, de caráter não apenas físico e/ou moral, mas também psíquico, em termos de sofrimento mental, com consequências ainda não satisfatoriamente diagnosticadas, visto que incidem cotidianamente sobre o alunado negro, alcançando-o já em tenra idade (SILVA JR. 2002, p.14).

As diferenças sociais e falta de preparação dos professores, livros didáticos com conteúdos estereotipados e a falta de discursões sobre assuntos sobre igualdade raciais são fatores que contribuem para o racismo na escola.

A violência escondida está expressa nos estereótipos, nas divisões sociais, nas manifestações de rejeição em redes sociais de negros que se destacam, nos números de acadêmicos negros nas universidades e o número de negros em cargos elevados em empresas ou na esfera governamental (VALENTE, 1987, p.27).

Houve no país um atraso na educação, devido aos fatos históricos de exclusão, muitas crianças, jovens e adolescentes principalmente de afrodescendentes, não conseguiram ingressar na escola ou concluir seus estudos. Explicações para tal situação é dada pelo fator econômico, omissão da família e da sociedade em diversas pesquisas. O racismo se manifesta de maneira sutil entre a comunidade escolar com xingamentos, brincadeiras e piadas e a questão da imagem estereotipada que fazem do negro na escola (MUNANGA, 2005, p.28).

Em uma pesquisa realizada em 2009, dados demonstraram que 5% dos alunos de escolas públicas urbanas estaduais e municipais de Salvador, Belém, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal afirmaram ter sido vítimas de rejeição e discriminação por causa da cor da pele. Quando os alunos se identificam como negros esse percentual passa para 13%, e os que se declararam pardos 4% disseram ter sofrido discriminação racial. 9% confessaram ter sido xingados por causa da cor da pele pelos colegas, este número cresce para 22%

quando o aluno se declara negro e 6% entre brancos, os xingamentos provem de apelidos e brincadeiras. Esta diferença também é constatada quando os estudantes são de classe social mais favorecida que indicam que 78,70% dos alunos brancos e 80,60% dos alunos negros estão em estado críticos com suas notas e a taxa de desempenho fraco entre negros é de 23,40% enquanto a de brancos é de 10,30%<sup>10</sup>.

Estes índices levam a refletir que além das diferenças sociais, o racismo velado existe nas escolas. Os xingamento e “brincadeiras” ofensivas são os motivos que levam muitos estudantes a terem baixo rendimento, a abandonarem a escola e gerarem violência.

A história do negro presente no livro didático é contada apenas de maneira pejorativa, com várias consequências como falta de referências positivas, motivação para “*bullying*”, danos psíquicos aos educandos, trazendo a exclusão social que reproduz o ciclo de pobreza e alienação. De acordo com a UNESCO (2017), o Brasil possui cerca de treze milhões de pessoas entre jovens e adultos analfabetos, este número alto é um reflexo da exclusão neste país que atinge principalmente a população negra. Este não é apenas um problema socioeconômico, mas só poderá ser revertido quando o sistema educacional brasileiro for encarado como prioridade.

A comunidade escolar precisa tomar consciência dos conflitos causados pelas diferenças, atitudes de exclusão como abandono escolar e reprovação caem geralmente em maior número aos educandos negros. É comprovado que o número de pessoas negras em sala de aula, que conseguem concluir o Ensino Médio e os que entram para as faculdades, apesar das políticas públicas atuais ainda é menor que as declaradas brancas.

O trabalho de retenção nas escolas ainda não oferecem resultados positivos, pois não possuem um Projeto Político Pedagógico, ações que venham a dar a estes educandos motivação para permanecer na escola. As opressões sofridas por muitos destes educandos partem da sala de aula onde eles não conseguem ser acompanhados pelo professor que tem um número elevado de alunos. Em consequência, seu baixo rendimento chega a ser considerado como “aluno com problemas de aprendizagem” pela falta de apoio na escola e em casa.

---

<sup>10</sup> Disponível em : <https://www.geledes.org.br/alunos-negros-sao-vitimas-de-discriminacao-racial-nas-escolas/>  
Acesso em 19/04/18.

Muitas vezes a necessidade de ser preparado para o mercado de trabalho faz com que este aluno abandone suas expectativas. Constrangimentos com apelidos, xingamentos, por parte dos estudantes e por pessoas do corpo escolar também são fatores discriminatórios desta realidade que geram violência na sala de aula, assim como, os meios de comunicação com crimes cibernéticos que também tem entrado para as estatísticas das discriminações raciais nas escolas. Alunos discriminados geralmente abandonam os estudos e o reflexo desta violência poderá afetar todo o seu futuro.

Ao fazer-se opressora, a realidade implica na existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisa ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca (FREIRE, 1987, p.21).

Lutar contra a discriminação requer que o que sofre opressão tenha um alicerce como apoio familiar e psicológico, que ele conheça as leis que o ampara. A educação oferece possibilidades para que tais circunstâncias sejam mudadas, buscando uma recuperação na formação das identidades destes educandos e combater tais discriminações que às vezes o negro ou mestiço tem consigo mesmo e com os demais da mesma etnia, é um processo contínuo para o sujeito aprender a conhecer a si mesmo, se identificar como negro e aceitar o outro.

O educando que sofre com discriminação na escola, primeiro precisa ter uma visão crítica de que, o que ele sofre não é apenas “brincadeira”, mas uma violência camuflada ou declarada de ações discriminatórias (FREIRE, 1987). O professor precisa estar atento a estes acontecimentos para que possa intervir e fazer um acompanhamento da solução do problema feito por uma junta de profissionais como o professor, um psicólogo e um assistente social, além do acompanhamento da família tanto para o agressor como para a vítima.

Além do reconhecimento é necessário combater a discriminação no espaço escolar com a promoção do respeito mútuo, ensinar e aprender a respeitar as diferenças, a escola é a responsável de promover atividades e ter os espaços para as discussões promovidos pelos professores. Lidar com o preconceito necessita que os agentes da educação (professores, orientadores, coordenadores, diretores), conheçam os Parâmetros Curriculares Nacionais juntamente com a Lei 11.645/08

voltados para uma educação étnico-racial. Proporcionar no Projeto Político Pedagógico ações que favoreçam a discursão sobre respeito às diferenças e valorização das culturas e história.

Ter referência é uma forma de ajudar os educandos a terem exemplos de superação, no caso de discriminações raciais, referências com histórias de superação, de realizações e que venham a inspirar e ajudar a superar as discriminações.

É como homens que os oprimidos têm de lutar e não como “coisas”. É precisamente porque são reduzidos a quase “coisas”, na relação de opressão que estão que se encontram destruídos. Para reconstruir-se é importante que ultrapassem o estado de “coisas”. Não podem comparecer a luta como quase “coisas”, para depois ser homens [...]. A luta pela reconstrução começa no auto reconhecimento de homens destruídos (FREIRE, 1987, p. 31).

Realizar acompanhamento constante com a participação da família e oferecer apoio psicopedagógico. Revisar seus conteúdos e materiais didáticos para que possam ajudar seus educandos a terem referências positivas que os incentive a exercer seu papel como estudante e cidadão com uma educação que valorize e respeite as diferenças.

A aplicação da Lei 10.645/03 com da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar dará ao educando uma nova visão sobre a África e a colaboração do negro na história do país.

### **1.1.1 Perspectivas para uma Educação Étnico-racial**

Já se passaram 130 anos da Abolição e ainda não foi suficiente para resolver a questão das desigualdades sociais e educacionais que o afrodescendente possui. Ainda é necessário lutar pela participação da população negra para a igualdade social.

Foi decretada em 2015 pela Organização das Nações Unidas-ONU, a Década do Afrodescendente que busca reforçar a colaboração nacional, regional e internacional em relação ao pleno aproveitamento dos direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos da pessoa afrodescendente. A educação através das diversas ações voltadas à valorização da história e cultura afro-brasileira e africana

busca combater as desigualdades culturais, sociais, raciais, levando-os a exercer sua cidadania em uma nação democrática. Não só por meio da educação, são várias as ações realizadas para conseguir alcançar a igualdade racial envolvendo principalmente artistas e intelectuais para que a população negra se faça visível.

A escola é o ambiente que pode contribuir para a construção desta conscientização étnico-racial e com a contribuição do jogo “Heróis de Todo o mundo”, o estudante tem possibilidade de conhecer histórias de personalidades que se destacaram nas mais diversas áreas e como suas histórias poderão inspirá-los ajudando-os a se firmarem como cidadãos e protagonistas de sua própria história, capazes de superar as desigualdades sociais.

O espaço escolar deve proporcionar discursões sobre a desmitificação das diferenças raciais e combate à discriminação. É o local onde as diversidades culturais são valorizadas e que podem ser apresentadas durante todo o ano sem esperar datas comemorativas. Com a educação o estudante pode vir a compreender esta diversidade e aprender a convivência, orientar e levar o conhecimento através do ensino das relações étnico-raciais.

Após 130 anos da liberdade escravocrata os índices educacionais revelam a realidade dos números de analfabetos, analfabetos funcionais, reprovações e abandono das escolas antes de completarem os ciclos do Ensino Fundamental, principalmente pela população negra e indígena, pobre e nordestina. De acordo com o relatório apresentado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA, demonstra a desigualdade na área de educação e pobreza entre brancos e negros.

Conforme o IPEA, entre os anos de 1995 a 2015, foi identificado que os números de permanência na educação demonstram melhorias graduais, porém as desigualdades ainda permanecem na sociedade limitando o progresso, o acesso e oportunidades de trabalho especialmente de negros e nordestinos. Os dados demonstram que o índice entre negros e pobres tem um grande diferencial dos brancos que conseguem passar mais tempo na escola, tornando-os mais qualificados para o mercado. Isso ainda é um reflexo da pós-libertação onde muitas famílias ainda vivem em periferias, ganham menos de um salário mínimo com o trabalho informal, jovens deixam de frequentar escolas antes de terminarem o ensino médio e ainda é relativamente baixo o número de negros nas universidades.

De acordo com o IPEA, as ações afirmativas estão sendo aplicadas para que haja uma integração destes conhecimentos para que todos, independentes de sua cor possam exercer sua cidadania. Ainda são necessárias políticas públicas que incentivem esta população a permanecerem na escola e completarem sua graduação. A própria comunidade necessita conscientizar-se da necessidade de buscarem esta melhoria sem depender de projetos assistencialistas, mas de preparação para o mercado de trabalho. Estas políticas públicas necessitam da participação governamental com acesso a moradia, saneamento básico, saúde e educação, pois infelizmente uma grande maioria não usufrui deste direito.

**Tabela 1: Anos de estudo de acordo com a faixa etária e a cor/raça**

Média de anos de estudo da população, por sexo, segundo cor/raça e faixa etária - Brasil, 1995 a 2015

Cor/Raça e Localização do Domicílio	Região	Total																		
		1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Total	Total	5,2	5,0	5,1	5,3	5,4	5,7	5,9	6,0	6,1	6,3	6,4	6,5	6,7	6,8	7,0	7,2	7,3	7,4	7,5
	7 a 14 anos	3,2	2,4	2,4	2,5	2,6	2,8	2,8	2,9	2,9	2,9	3,0	2,9	2,9	2,9	3,1	3,1	3,0	3,1	3,1
	15 a 17 anos	5,4	5,6	5,7	5,9	6,2	6,5	6,7	6,9	7,0	7,1	7,2	7,2	7,3	7,3	7,5	7,6	7,7	7,8	7,8
	18 a 24 anos	6,6	6,7	6,8	7,2	7,4	7,8	8,1	8,4	8,5	8,7	9,0	9,1	9,3	9,4	9,5	9,7	9,8	9,9	9,9
	25 a 29 anos	6,7	6,8	6,8	7,0	7,2	7,4	7,7	8,0	8,1	8,4	8,7	8,9	9,2	9,4	9,6	9,9	10,0	10,2	10,3
	30 a 44 anos	6,2	6,4	6,5	6,6	6,7	6,9	7,1	7,2	7,3	7,4	7,6	7,7	8,0	8,2	8,4	8,7	8,9	9,0	9,2
45 a 59 anos	4,4	4,6	4,6	4,9	5,1	5,4	5,6	5,8	5,9	6,0	6,3	6,4	6,6	6,7	6,9	7,2	7,3	7,5	7,7	
60 anos ou mais	2,7	2,8	2,9	3,0	3,1	3,2	3,3	3,5	3,5	3,6	3,8	3,9	4,1	4,2	4,4	4,6	4,7	4,8	4,9	
Branca	Total	6,1	5,8	6,0	6,2	6,3	6,6	6,7	6,9	7,0	7,1	7,3	7,4	7,5	7,7	7,8	8,0	8,1	8,2	8,3
	7 a 14 anos	3,8	2,8	2,8	2,9	3,0	3,1	3,1	3,1	3,1	3,2	3,2	3,1	3,1	3,1	3,2	3,2	3,2	3,2	3,1
	15 a 17 anos	6,2	6,4	6,6	6,7	6,9	7,3	7,4	7,6	7,6	7,7	7,7	7,8	7,9	7,8	7,9	8,1	8,1	8,2	8,1
	18 a 24 anos	7,5	7,7	7,8	8,1	8,4	8,8	9,1	9,3	9,5	9,6	9,8	9,9	10,1	10,2	10,3	10,4	10,4	10,5	10,6
	25 a 29 anos	7,6	7,7	7,8	8,0	8,2	8,5	8,7	9,0	9,1	9,4	9,7	10,0	10,2	10,4	10,6	10,9	11,0	11,0	11,2
	30 a 44 anos	7,2	7,4	7,5	7,7	7,7	7,9	8,1	8,2	8,3	8,5	8,7	8,8	9,0	9,2	9,4	9,8	9,9	10,1	10,2
45 a 59 anos	5,4	5,5	5,7	6,0	6,1	6,5	6,7	6,9	7,0	7,2	7,4	7,6	7,7	7,9	8,0	8,3	8,5	8,7	8,8	
60 anos ou mais	3,6	3,6	3,7	3,9	3,9	4,1	4,2	4,4	4,4	4,5	4,7	4,9	5,1	5,2	5,4	5,7	5,7	5,8	6,0	
Negra	Total	4,0	3,9	4,0	4,2	4,3	4,7	4,9	5,1	5,2	5,4	5,5	5,7	5,9	6,0	6,2	6,4	6,5	6,7	6,8
	7 a 14 anos	2,6	2,0	2,0	2,2	2,3	2,5	2,6	2,6	2,7	2,7	2,8	2,8	2,8	2,8	3,0	2,9	3,0	3,0	3,0
	15 a 17 anos	4,5	4,7	4,8	5,2	5,4	5,8	6,0	6,3	6,4	6,6	6,7	6,8	6,9	6,9	7,1	7,3	7,3	7,5	7,6
	18 a 24 anos	5,5	5,7	5,8	6,1	6,3	6,8	7,1	7,5	7,7	7,9	8,2	8,3	8,6	8,7	8,9	9,1	9,2	9,3	9,5
	25 a 29 anos	5,5	5,7	5,7	5,8	6,0	6,3	6,6	6,9	7,1	7,4	7,7	7,9	8,2	8,5	8,8	9,1	9,2	9,4	9,5
	30 a 44 anos	4,8	5,0	5,1	5,2	5,3	5,6	5,8	5,9	6,1	6,3	6,5	6,7	7,0	7,2	7,5	7,8	7,9	8,1	8,3
45 a 59 anos	2,9	3,2	3,2	3,4	3,5	3,9	4,1	4,3	4,5	4,7	4,9	5,1	5,4	5,5	5,8	6,0	6,2	6,4	6,6	
60 anos ou mais	1,4	1,6	1,6	1,7	1,7	1,9	2,0	2,1	2,2	2,4	2,5	2,6	2,8	2,9	3,1	3,4	3,5	3,6	3,7	

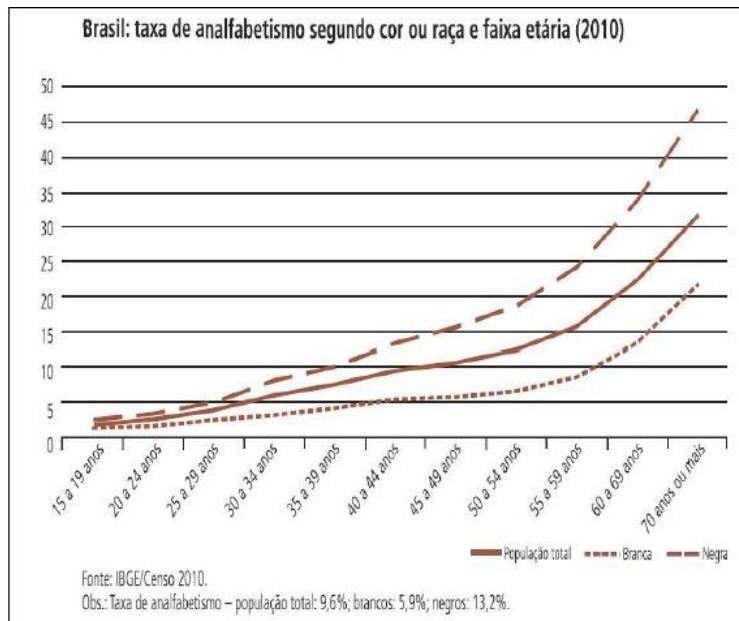
Fonte: IBGE/PANAD  
Elaboração: IPEANIS/SC

Fonte: Disponível

em <[http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com\\_content&view=article&id=614&Itemid=18](http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=614&Itemid=18)> Acesso em: 12 Janeiro 2018.

A diferença entre os anos de estudos entre brancos e negros mostra que as pessoas de cor branca ainda passam mais tempo na escola. Em todas as idades demonstradas nas tabelas nos últimos três anos 2013, 2014, 2015, o total demonstra que o percentual de permanência de negros aumentou gradualmente, mas ainda está quase três pontos de diferença em relação aos brancos o que confirma a necessidade de conscientização do aluno para sua permanência na escola, assim como a escola dar condições para esta permanência.

As taxas de analfabetismo apresentam as desigualdades entre brancos e negros considerando as faixas etárias, apresentando 5,9% entre brancos e 13,2% entre negros.

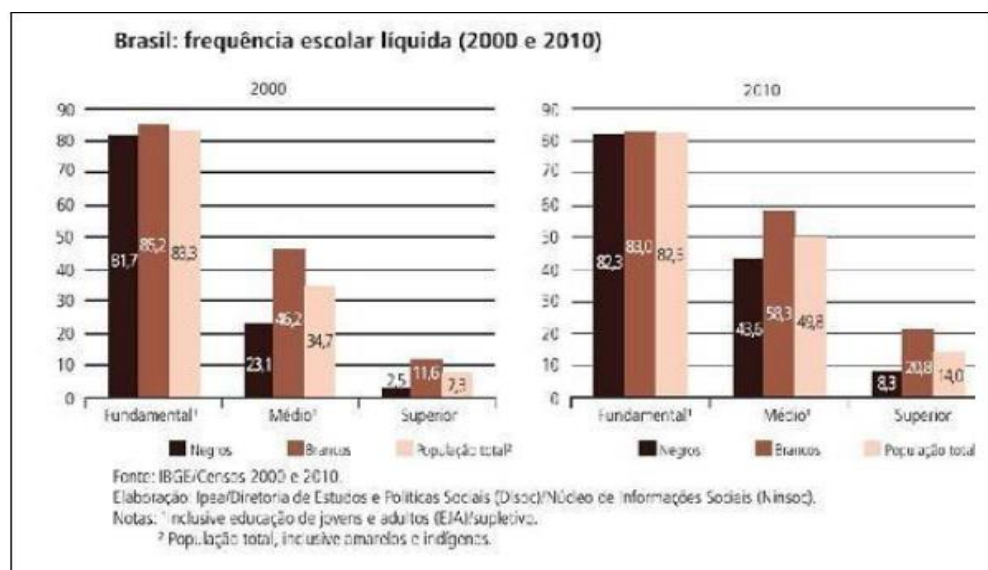
**Tabela 2: Analfabetismo com a faixa etária e a cor/raça**

**Fonte:** Disponível

Em <[http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com\\_content&view=article&id=614&Itemid=18](http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=614&Itemid=18)> Acesso em: 12/04/18.

De acordo com o gráfico, quanto maior a faixa etária, maior é o índice de analfabetos, o número de negros analfabetos adultos é extremamente superior a dos brancos.

Em relação à frequência de acordo com os níveis de ensino, o número de negros também é inferior em relação aos brancos no nível fundamental, médio e superior.

**Tabela 3: Frequência escolar**

Em<[http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com\\_content&view=article&id=614&Itemid=18](http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=614&Itemid=18)>Acesso em: 12/04/18.

Apesar dos níveis de frequência dos negros terem aumentado no ensino fundamental, médio e superior, nos anos de 2000 à 2010, o número de negros ainda é menor que o dos brancos, apesar das medidas de promoção das igualdades raciais. Repensar o papel da escola para a permanência destes alunos, também é repensar nas formas de educação igualitárias que incentivem estes alunos a permanecerem na escola.

Muitos estudos mostram que na escola o tema racial tende a aparecer com a inferiorização do povo negro, levando os alunos afrodescendentes a passarem por práticas racistas e discriminatórias. É muito importante levar aos educandos a valorização da cultura e história que fazem parte da formação do povo brasileiro ligando este conhecimento às experiências do cotidiano escolar. Também é necessário que a escola como local público haja espaço para as várias manifestações culturais e movimentos que retratem a igualdade social.

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas, colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial compromete, sem dúvida, o objetivo fundamentais da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade (MUNANGA, 2005, p.15).

As Diretrizes e Bases Curriculares com a Lei 10.639/03 e 1.645/08, resolução que estabelece o ensino étnico-racial tendo como princípios o fortalecimento das identidades, combate ao racismo e discriminações e aplicações de políticas públicas. A aplicação necessita de uma atenção maior dos gestores e educadores para que a cultura e a história afro-brasileira e africana sejam ensinadas. É necessário resgatar o que foi silenciado nos currículos e dar continuidade à luta dos Movimentos Negros, pois a sociedade tem se tornado cada vez mais fragmentada e esta divisão enfraquece ou muda os rumos da sociedade levando ao esquecimento ou à acomodação a educação apresentada nas escolas

públicas e particulares deixando a margem problemas que ainda precisam ser eliminados.

O cumprimento da lei trará a valorização do patrimônio histórico cultural afro-brasileiro com a aquisição de competências e dos conhecimentos para que os educandos alcancem os requisitos de cada nível de ensino bem como sua atuação como cidadão responsável e protagonista da sociedade.

Para que haja a aplicação da lei da educação étnico-racial, será necessária a mudança em vários fatores do sistema educacional, iniciando pela preparação dos professores que devem buscar novas práticas e conhecimentos,

O preconceito que resulta do julgamento negativo de determinado grupo, etnia, religião apresenta como característica principal a intolerância, inflexibilidade, que impede o sujeito de conhecer mais profundamente o outro e reavaliar sua posição. Para a implantação de uma educação étnica racial a escola necessita socializar e visibilizar a cultura dos povos que formaram o país, viabilizar a formação dos professores com a sensibilização e a construção de estratégias para melhor equacionar as questões ligadas ao combate à discriminação racial. Verifica-se a necessidade de construir materiais didático-pedagógicos que contenha a diversidade étnico-racial brasileira, valorizar as diversas culturas não apenas em datas comemorativas.

### **1.1.2 O professor como mediador de uma educação étnico-racial**

O professor é o sujeito do processo educacional e ao mesmo tempo aprendiz da temática, é o mediador entre o estudante e o objeto da aprendizagem, no caso a história e cultura africana e afro-brasileira. O professor poderá desenvolver uma pedagogia antirracista e antidiscriminatória, construindo estratégias educacionais orientadas pelo princípio da igualdade. Deve buscar orientação e aprimoramento para trabalhar os temas étnicos raciais para que possa elaborar seus planos de ensino.

É o professor quem media as atividades com temáticas raciais, ele pode ligar as experiências do cotidiano escolar tornando reconhecida pelos estudantes envolvidos no processo de educação, tornando o espaço escolar em um espaço onde haja igualdade e prática de cidadania. Os Parâmetros Curriculares Nacionais

precisam ser de conhecimento do educador, para ele apropriar-se deste conhecimento e possuir uma postura que leve à prática o que os estes parâmetros preconizam e exigem colocando adaptações de acordo com a comunidade.

O professor que não reconhece isso e é indiferente aos problemas que ocorrem na sala de aula como discriminação e diferenças sociais, se torna também alguém alienado. É o professor que ajudará o educando a reconhecer-se e encaminhá-lo para o desenvolvimento intelectual e emocional independente do pertencimento étnico-racial do aluno (MUNANGA, 2005). O professor precisa conscientizar-se para poder ajudar a conscientizar os educandos, ser desprovido de preconceitos e ser aberto para aprender a aceitar as diferenças.

Gomes (2005) diz que é necessário realizar um mapeamento das escolas que estejam realizando um trabalho sobre a questão racial, assim como de universidades, centro de formação de professores, equipes técnicas e secretarias de educação, este levantamento poderá levar as várias entidades a interagirem e possibilitar um trabalho integrado da escola com a comunidade.

O professor tem um papel fundamental para a autoestima dos educandos, a sua formação para uma educação étnico-racial inicia na faculdade, e é importante os professores terem em sua grade curricular disciplinas voltadas para a educação das relações ético-raciais, para que não sejam vistas apenas como eletivas. O preconceito está enraizado na sociedade, professores e alunos também sofrem discriminação relacionada à cor e a raça. Muitos educadores não estão preparados para trabalhar sobre a diversidade, somando ainda aos materiais didáticos que possuem poucas informações e relações preconceituosas que desestimulam os alunos levando-os a abandonarem a escola (MUNANGA, 2005).

É papel do professor, tentar resgatar a memória coletiva histórica das comunidades negras. Conforme Munanga (2005), independente de sua antecedência étnica, esta memória coletiva pertence a todos.

[...] esta memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista a cultura da qual nos alimentamos cotidianamente é fruto de todos os seguimentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem , contribuíram cada um a seu modo na formação da riqueza econômica e social, da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.16).

Para colocar em prática a pedagogia da educação étnico-racial o professor necessita se desfazer de algumas preocupações como qualificar um aluno negro como “negro” sem achar que é uma ofensa, para que os estudantes tenham uma consciência política e não somente biológica de que ser negro faz parte de suas características físicas e sociais. A educação étnico-racial poderá ter o fortalecimento da identidade e consciência entre brancos e negros, oferecer conhecimento que permitirá identificar a contribuição e importância da história e cultura dos negros com o seu jeito de ser e viver a sua relação com outros povos. Este procedimento possibilitará que os educandos se posicionem contra o racismo e a discriminação.

Com a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira os educandos passam por formações necessárias para que ele tenha base e que possa desenvolver uma consciência política de reconhecimento da luta pelas igualdades. O ensino sobre a história e cultura não se restringe apenas a alunos negros, mas a todos os brasileiros, independente de suas origens, este conhecimento os ajudará a compreender e colocar em prática a sua cidadania em meio a uma sociedade multicultural (BRASIL, 2004, p. 17).

A capacitação dos professores é fundamental, para esta preparação é importante que os cursos de formação possam ter em suas grades curriculares o embasamento necessário para o trabalho do professor, para que este desenvolva uma postura crítica e saiba desenvolver de maneira interdisciplinar assuntos relacionados à educação étnico-racial, analisando os currículos a serem trabalhados e conhecendo e valorizando a comunidade a qual trabalhará.

A transformação de conceitos no professor é uma preliminar na luta contra o racismo, fará dele um educador capaz de contribuir com o processo da construção da democracia do País. Muitos professores acreditam que falar sobre a história do povo negro africano, debater sobre preconceito e resgatar a história do afro-brasileiro é dever dos militantes, sociólogos e antropólogos demonstrando uma incompreensão sobre a formação cultural brasileira e do papel da escola como espaço para as discussões do processo de formação humana vinculada a realidade humana (GOMES 2005).

O professor pode de além dos livros e paredes escolares, olhar a comunidade, entender sua história e formação o aproximará dos educandos e os levará a entender sua própria história. São necessárias ações significativas que

levem o educando a valorizar a cultura afro-brasileira, os aproximando desta cultura e proporcionando uma mudança de valores que os leve a preservar e propagar o que aprenderam enriquecendo seu conhecimento e alicerçando sua identidade cultural.

A escola, juntamente com o professor, pode promover ações que venham combater a discriminação e promover uma educação étnico-racial com sugestões encontradas nas Diretrizes e Bases de Ensino Nacional que diz que é importante ter uma conexão entre o ensino e a realidade da comunidade, valorizando a aprendizagem dos costumes locais; enfatizar as relações entre as diversas etnias que formam a sociedade; revisão dos materiais didáticos por professores e coordenadores e orientadores para avaliar a representação dos negros e de outras minorias nos textos e providenciar a correção; realizar atividades que valorizem a oralidade, leitura, escrita e a arte marcadas pelas culturas de raiz africanas; realizar uma educação patrimonial com o aprendizado sobre o patrimônio cultural afro-brasileiro com a finalidade de preservação e propagação do conhecimento; valorizar a participação de grupos culturais da comunidade na escola sob a coordenação dos professores e diretores de acordo com os projetos políticos pedagógicos que contemple as diversidades étnico-raciais (BRASIL, 2004, p. 20).

O estudante é sujeito deste processo educacional que vive e convive em situação de igualdade ou preconceito, é ele quem protagonizará o processo de resgate e respeito da história de seu povo para que ele seja o centro da História, conscientizando-se da prática da igualdade. Com o estudo sobre a história e cultura africana e afro-brasileira o estudante poderá conhecer melhor as origens da cultura brasileira, relacioná-las com a cultura africana, analisará as várias diferenças étnicas em seus grupos sociais, refletirá sobre a importância do respeito às diferenças para a convivência.

### **1.1.3 Projeto Político Pedagógico como norteador da educação étnico racial**

Para que tais passos sejam realizados efetivamente a escola, juntamente com seu conselho, elaboram o seu Projeto Político Pedagógico-(PPP), que é o que norteia os objetivos a serem alcançados. O Projeto Político Pedagógico dá para a escola a possibilidade para que os estudantes possam reconhecer a escola como espaço de socialização e relação interpessoal com disciplinas que constituam um

diálogo entre as diversas culturas, que traga a contribuição dos povos que formaram o povo brasileiro.

Por meio do PPP poderá ser dada outra ressignificação à realidade da escola com base nas Diretrizes e Bases Curriculares para a educação das relações étnicas e ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Os sujeitos que constroem o PPP devem ser atuantes na comunidade escolar, a interação do PPP com a comunidade é importante para que possa haver apoio à aplicação do projeto para que os objetivos sejam alcançados. Fazem parte da comunidade escolar o gestor, coordenadores, orientadores, professores, demais profissionais, os estudantes, pais e mães, a responsabilidade com a prática do projeto é coletiva e individual.

Os objetivos do Projeto Político Pedagógicos são contemplados pelos currículos e atividades com o comprometimento de valorização das diversidades. O Projeto Político Pedagógico é responsável em colocar com práticas e atividades que vão garantir o desenvolvimento de ações para todos os estudantes. Estas ações ajudarão a desenvolver nos estudantes suas identidades individuais e coletivas, garantindo o direito de aprender e ampliar seu conhecimento. Este projeto tem a perspectiva da valorização da diversidade.

O projeto inclui uma proposta de matriz curricular que redirecione a organização e a dinâmica da unidade escolar de modo que o fazer pedagógico se disponha a detectar e enfrentar as diversas formas de racismo e valorização a diversidade étnico racial na escola. A comunidade escolar é levada a sensibilizar-se quanto à mudança de comportamento a fim de minimizar as atitudes de descaso e desrespeito, participação efetiva nas atividades que favoreçam a igualdade.

Um Projeto necessita contemplar em seu currículo: metodologias que propiciem aos educandos a gestão de ensinar e aprender referentes à sua identidade e objetivos; Os saberes para além das áreas de conhecimento obrigatórios da base nacional; diversificar as experiências de aprendizagem pautadas em situação cotidianas que desmascarem os mitos e preconceitos em relação à população negra; enfatizar o respeito pela dignidade da pessoa humana, a diversidade cultural, igualdade de direitos e a responsabilidade pela vida social como elementos que orientam as situações de aprendizagem; promover o reconhecimento e a incorporação de atitudes que ressaltem as diferentes formas que constituem a

identidades dos sujeitos na perspectiva da transformação das relações sociais (BRASIL, 2006, p. 91).

O espaço escolar precisa estar preparado para resgatar a história e cultura afro-brasileira e africana como condição para a construção da identidade étnico-racial brasileira através não só das aulas, mas, proporcionando um ambiente que lembre este resgate e que seja aberto para o diálogo, aprimoramento e busca de conhecimentos, além de ser um espaço aberto para os debates e troca de saberes aos educandos e educadores.

É um espaço de inclusão que pode ser usado para combater as relações de preconceito e discriminação. É um lugar para apropriação de saberes e para a desconstrução de hierarquias entre culturas, dando ênfase a cultura brasileira incluindo suas regionalidades, para afirmar caráter multirracial e plurirracial que é característico da sociedade brasileira.

A escola é levada a ser vista como uma ponte para a oportunidade de proporcionar políticas de intervenção que compreendam uma pedagogia antidiscriminatória e multiplicadora de ações inclusivas em outras esferas sociais, um lugar de experiências e trocas culturais nas áreas da dança, música, literatura, linguagem, entre outros. É por meio destes espaços de convivência que a dimensão cultural tem mostrado que as diversidades podem conviver no mesmo espaço.

#### **1.1.4 Mudanças curriculares**

O currículo escolar necessita de uma reflexão sobre os conhecimentos que são organizados para a escola incluindo a história e a cultura africana e afro-brasileira, pois de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais recebidos pelas escolas públicas há uma pequena ou quase nenhuma contemplação voltada para a uma educação étnico-racial que valorize a história e cultura na prática. Muitos professores ainda desconhecem e /ou ignoram o assunto.

Trabalhar com as diversidades no currículo implica compreender as causas políticas, sociais, econômicas na escola. Fenômenos como xenofobia, etnocentrismo e racismo podem ser combatidos com o desenvolvimento de contextos no cotidiano escolar incluindo nos planejamentos discursões e atividades que levem o educando a refletir e apresentar soluções para superar as diferenças. Questionar o currículo

reque mudanças no Projeto Político Pedagógico da escola colocando novos aspectos sociais voltados para as novas diretrizes e cumprimento da lei de educação étnico-racial.

A necessidade de mudança no currículo escolar com a inclusão de temas étnico-raciais é um processo cada vez mais requerido devido às mudanças sociais, políticas e econômicas, a escola como centro social da comunidade tende a ser impactada. As modificações curriculares são baseadas nas discussões realizadas pelo Conselho Escolar que devem repensar as questões socioculturais brasileiras e construir propostas criativas que dialoguem com os conhecimentos científicos e outros conhecimentos históricos, políticos e sociais que leve o educando a agir como protagonista em sua sociedade. Para a realização das mudanças, se faz necessário analisar as propostas pedagógicas da escola.

Segundo Gomes (2012), o currículo possui as reflexões internas à ciência e as questões colocadas pelos sujeitos sociais e ações coletivas da área educacional. Tal movimento leva a ampliar o direito à educação, quanto mais é ampliado este direito a educação se universaliza e o acesso ao ensino é ampliado, e o sujeito passa a ser um sujeito com conhecimento.

Faz-se necessário uma profunda reflexão sobre as condições sociais da comunidade, a dinâmica cultural, identitária e política para que possa levar a uma mudança. A autora acima ainda afirma:

É nesse contexto que se encontra a demanda curricular de introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas da educação básica. Ela exige mudança de práticas e descolonização dos currículos da educação básica e superior em relação à África e aos afro-brasileiros. Mudanças de representação e de práticas. Exige questionamento dos lugares de poder. Indaga a relação entre direitos e privilégios arraigada em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade (GOMES, 2012, p.99).

Para a mudança curricular é necessário o reconhecimento histórico do racismo e das desigualdades raciais e como contribuíram e contribuem para a exclusão de boa parte da população afrodescendente; compreender a realidade da África que foi reinventada no Brasil contribuindo para o enriquecimento do debate sobre as questões ambientais, tecnológicas, históricas, culturais e étnicas em nossa comunidade escolar e social, e cabe ser incluída e na proposta; reflexão crítica acerca da proposta positiva e questionadora que devemos ter em relação ao

enfrentamento do racismo e das desigualdades sociais; que valorize o conhecimento dos profissionais preparando-os para que promovam interdisciplinaridade e/ou transdisciplinaridade; percepção de projetos antirracistas e antidiscriminatória como base de diálogos; busca a promoção do aprofundamento do conhecimento dos professores e estudantes e reconhecer a cultura negra em suas diversas manifestações como patrimônio histórico ambiental econômico, político e cultural levando-os a perceber-se como cidadão (GOMES, 2012).

Para Silva (2005), o propósito do ensino de cultura e história africana e afro-brasileira nos currículos em todos os níveis escolares é: valorizar as diferenças entre as diversidades dos grupos que constituem o povo brasileiro; compreender, respeitar as diferenças do modo de ser, viver conviver e pensar; discutir e analisar as desigualdades raciais brasileiras; reformularem concepções relativas à população negra que foram baseadas no preconceito; identificar e manusear fontes de registros referentes à história dos ancestrais africanos; aprender a respeitar expressões culturais negras e de outras etnias; propor instrumentos para que haja uma análise e crítica da história social e de produções com influência africana no Brasil. Tal propósito proporcionará um trabalho direcionado para a uma educação antirracista e de valorização da diversidade brasileira.

É um desafio descolonizar os currículos, as grades curriculares possuem uma rigidez que não refletem a realidade social da escola pública. Os currículos de modo geral, são conteudistas e não apresentam uma perspectiva que supra as necessidades dos estudantes e professores, pois geralmente não contemplam a realidade do estudante, a história continua mostrando o negro no período colonial e não faz referências positivas sobre a contribuição do negro para o desenvolvimento social e cultural do Brasil, a valorização da cultura e identidade local não são privilegiadas. Para a construção do currículo é necessário um diálogo entre professores e gestores sobre a cultura e história oculta nos currículos.

O currículo escolar tem sofrido mudanças nos últimos quinze anos com as leis educacionais buscando envolver interdisciplinarmente com a inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira. Com isso a escola passa a servir a favor da desconstrução das desigualdades raciais. Estas novas diretrizes contribuem para desmistificar as mais variadas formas de preconceito e aumentar a autoestima dos alunos.

A força das culturas consideradas negadas e silenciadas nos currículos tende a aumentar cada vez mais nos últimos anos. As mudanças sociais, os processos hegemônicos e contra hegemônicos de globalização e as tensões políticas em torno do conhecimento e dos seus efeitos sobre a sociedade e o meio ambiente introduzem, cada vez mais, outra dinâmica cultural e societária que está a exigir uma nova relação entre desigualdade, diversidade cultural e conhecimento. Os ditos excluídos começam a reagir de forma diferente: lançam mão de estratégias coletivas e individuais (GOMES, 2012, p.102).

Para a construção deste encaminhamento é importante diferenciar as visões para o processo de sensibilização do aluno. O trabalho pode ir para além das disciplinas do currículo sendo trabalhados interdisciplinarmente. Existem lacunas nos conteúdos escolares com referências históricas, culturais, geográficas, linguísticas e científicas que possam dar embasamento e explicações que favoreçam o conhecimento e a elaboração de conceitos contribuindo para a formação, fortalecimento, positivação e autoestima dos educandos (BRASIL, 2006, p.55-56).

As mudanças na educação com as Leis 10.639/03 e 11.645/08 trouxeram a ruptura de uma educação eurocêntrica, levando a comunidade escolar a dialogar sobre a história do africano e do afro-brasileiro e as condições que levaram a sociedade para a desigualdade. Com o conhecimento de fatos, o sujeito passa a agir de maneira diferente e busca ser protagonista de sua história iniciando um processo de renovação que acompanha a dinâmica social que está cada vez mais globalizada.

Faltam nos currículos escolares conteúdos voltados para afro-brasileiros, possuem apenas registros folclóricos ou em datas comemorativas ou poucos fatos da história, esta falta leva a discriminação que também é visto como um fator seletivo na escola. O mito da democracia racial deve ser discutido para levando o estudante a encarar sua realidade social e diversidade. Os estudantes precisam de momentos para discutir e debater sobre os contextos que levam à discriminação e o desmascaramento do mito da democracia racial que poderá ser pautada em um diálogo intercultural que propõe falar das diferentes culturas, etnias e respeito em sala de aula.

Este conhecimento pode ser trabalhado em diversas áreas. O professor precisa ter respaldo para saber escolher qual a metodologia adequada para cada conteúdo e disciplina. De acordo com o cotidiano da escola a troca de experiência é

fundamental para a interdisciplinaridade com diálogo, integração de saberes e rupturas de barreiras entre as disciplinas conforme Silva (2005), como por exemplo: *Matemática* poderá ser trabalhada construções matemáticas de diferentes culturas, trabalhar geometria, volumes e outras medidas que eram do domínio dos antigos egípcios; em *Ciências* estudar o meio ambiente no olhar das africanidades brasileiras abordando questões sobre dos territórios ocupados por quilombolas com o cultivo e utilização de recursos naturais que empregam; em *Educação Física* incluir as danças e jogos de raízes africanas. Estas são algumas sugestões, pois poderão ser trabalhados muitos outros assuntos que podem envolver disciplinas como Geografia, Línguas, Filosofia, Sociologia, respectivamente.

Estratégias como, ter mapas mundi ou específicos do Brasil e de países do continente africano, instigando as comparações e desmistificando estereótipos, uma viagem ao passado para demonstrar as riquezas e descobertas como o a escrita, a roda, o relógio, a Arquitetura, entre muitas coisas, trazendo aos alunos uma visão mais rica do continente africano.

A educação étnico-racial necessita contemplar em seu conteúdo a valorização das diversidades, o fortalecimento da identidade e ações de combate ao racismo e a discriminação, levando a reflexão e prática da cidadania. Referencias das histórias africanas e afro-brasileiras para o contexto que aborda a origem da civilização ocidental. E de acordo com Silva (2005), a educação da história e cultura africana e afro-brasileira reivindica que os currículos escolares contenham os seguintes propósitos nos diversos níveis:

Valorizem igualmente as diferentes e diversificadas, raízes das identidades dos distintos grupos que constituem o povo brasileiro; busquem compreender e ensinem a respeitar diferentes modos de ser, viver, conviver e pensar; discutam as relações étnicas, no Brasil, e analisem a perversidade da assim designada “democracia racial”; encontrem formas de levar a refazer concepções relativas à população negra, forjadas com base em preconceitos, que subestimam sua capacidade de realizar e de participar da sociedade, material e intelectualmente; identifiquem e ensinem a manusear fontes em que se encontram registros de como os descendentes de africanos vêm, nos quase 500 anos de Brasil, construindo suas vidas e sua história, no interior do seu grupo étnico e no convívio com outros grupos; Permitam aprender a respeitar as expressões culturais negras que, juntamente com outras de diferentes raízes étnicas, compõem a história e a vida de nosso país; Situem histórica e socialmente as produções de origem e/ou influência africana, no Brasil, e proponham instrumentos para que sejam analisadas e criticamente valorizadas (SILVA, 2005, p.157).

O Currículo Escolar precisa adequar-se ao conteúdo étnico-racial a cada ciclo escolar como, por exemplo: Na educação infantil, promover iniciativas como roda de leitura com contos, lendas e valorização de cânticos e jogos de origem africana. No ensino fundamental, conteúdos que promovam o diálogo sobre as diferenças, reconhecimento da história do racismo e das desigualdades. Compreensão da contribuição do africano para a história e cultura brasileira. Abordar situações de diversidade étnicas raciais no cotidiano.

Combater posturas etnocêntricas para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Mostrar imagens que desconstrua os estereótipos criados do negro valorizando uma imagem positiva. O conteúdo envolvendo a história africana e afro-brasileira devem evidenciar a contribuição e ressaltar a cultura e seu traços ancestrais reconhecendo a importância sociocultural da herança africana. No Ensino Médio, promover projetos que envolvam a comunidade escolar envolvendo as relações étnico-raciais visando valorizar a história e a cultura afro-brasileira e africana relacionando este conhecimento com a comunidade (BRASIL, 2006).

A cultura seletiva tem a necessidade de ser superada para a construção de uma sociedade melhor, as práticas excludentes, segregadoras e classificatórias podendo ser combatidas na escola e superando os conteúdos e avaliações celetistas, possibilitando que os educandos, sejam crianças, jovens e adultos, sejam respeitados em suas diferenças culturais e processo de aprendizagem, desenvolvimento humano. O sistema escolar melhorará com o cumprimento da justiça de igualdade e garantia dos direitos sociais e culturais de todos. Todo o coletivo escolar poderá ser envolvido para que a mudança curricular possa alcançar seus objetivos.

### **1.1.5 Mudanças nos Livros Didáticos**

Outro aspecto importante a ser analisado é a busca da identificação do negro no material escolar. Os livros escolares De História, Língua Portuguesa e Arte necessitam conter a história dos africanos e sua contribuição para a formação do povo brasileiro apresentando a imagem deste povo não somente como escravo e submisso, mas como participante da construção da história do país.

Os livros didáticos ainda são as principais fontes de pesquisa dos educandos principalmente em escola pública onde se encontra as camadas mais empobrecidas da sociedade. Em muitas comunidades o professor só tem este recurso como material de apoio para seus educandos.

Como material, o livro didático apresentam conteúdos estereotipados, realidades de fatos históricos que promovem o preconceito, a dúvida, que promovem exclusões e constrói uma ideologia negativa sobre as diversidades não aceitando as diferenças étnicas e socioculturais.

Geralmente quando personagens negros aparecem na história, aparecem vinculados à escravidão. As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedoras da marca da condição inferiorizados pela qual a humanidade negra passou. Cristalizar a imagem do estado do escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente, marca numa única referencia toa à população negra, naturalizando-se, assim, uma inferiorização datada (LIMA, 2005, p.102).

As crianças negras sentem-se constrangidas ao serem associadas a estas imagens levando-as à negação e não aceitação da própria imagem, vindo a depreciar a cultura e história (LIMA, 2005). Muitas buscam ter a aparência do que lhes parece mais apreciado e aceito pela sociedade, ter o cabelo liso e não crespo, ser chamado de “pardo”, “mulato”, “marrom” é mais aceitável do que “negro”, assim como o desconhecimento das heranças culturais que pelo fato de não saberem e não terem uma afinidade , para elas não possui nenhum significado.

Os livros didáticos, muitas vezes, são instrumentos que levam a minimizar a importância do negro na história do Brasil.

As imagens deturpadas e estereotipadas dos negros são apresentadas nos livros de história ou arte como parte da sociedade marginalizada e excluída. Silva (2007) confirma que:

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses,

propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos. (SILVA, 2007, p.490).

Os livros didáticos que possuem uma postura euro-centrista devem incluir fatos históricos relevantes que desmistifiquem a imagem do negro e do índio como inferiores e submissos, o currículo que possuem conteúdos eurocêntricos, o espaço escola precisa valorizar as diversidades, os projetos políticos pedagógicos que deveria alicerçar-se em uma educação libertadora que envolva a prática da cidadania. Materiais elaborados pelo governo federal e pela ONU tem dado suporte para a formação dos professores sobre a história africana e afro-brasileira, assim como outros materiais inclusive livros que tem sido elaborados e experiência que continuam em andamento no meio acadêmico como contribuição para a educação étnico-racial.

No Livro Aprender Juntos de História do 3º ano do Ensino Fundamental, o capítulo dois com o título: Trabalhando nas cidades. A imagem de trabalhadores é colocada como referências para apresentar como eram as vendas e compras no começo do Brasil, a diferença entre as imagens é clara, o negro é apresentado como vendedor de rua, mal trajado e aparente sujo. As imagens apresentadas pelo livro são nitidamente de épocas diferentes, mas a imagem do negro é demonstrada na mesma situação humilde de trabalho. Outro exemplo apresentado é a dos imigrantes na Indústria e Comércio em condições sociais totalmente contrárias aos do negro, em uma situação mais digna e condições sociais elevadas, esta foi uma situação real que demonstra o abandono do povo negro brasileiro que ainda reflete na atualidade.

### **Figura 2: Venda em Recife**



*Venda em Recife*, gravura de Johann M. Rugendas, de 1830.

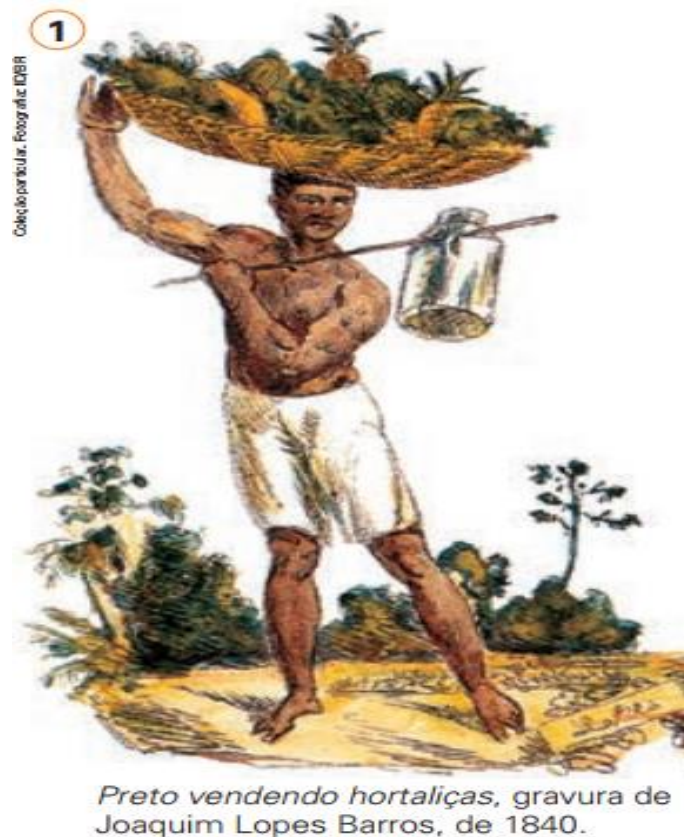
**Fonte:** (Aprender Juntos, 2014, p.41).

Nesta gravura a presença do negro é apresentada mostrando a dinâmica dos negros que faziam suas vendas nas ruas no ano de 1830. A imagem mostra claramente as diferenças sociais dos negros que vendiam na rua dos que vendiam na venda que são figurados com seus trajés mais apumados, mostrando uma condição social mais elevada, enquanto os negros, escravizados viviam em condições mais humildes.

Este exemplo ressalta uma época do comercio antes da Abolição com os escravos de ganho que comercializavam para seus donos, porém os livros não ressaltam que muitos destes conseguiam comprar sua própria alforria e as de seus familiares, como foi o caso de Catarina Mina<sup>11</sup> e Chica da Silva ex- escravas que conseguiram sua liberdade, no caso de Catarina Mina, além da sua libertação e a de seus familiares através de seu trabalho como cozinheira, ela se tornou dona de escravos também formando sua própria fortuna.

---

<sup>11</sup> Personagem da cultura popular maranhense, ex-escrava que morava em um beco no centro de São Luís onde mantinha um estabelecimento de comida, possuía fama de encantar os comerciantes portugueses com sua beleza.

**Figura 3: Preto Vendedor**

**Fonte:** (Aprender juntos, 2014, p.42).

A gravura do Preto vendedor demonstra a figura do negro representando um escravo de ganho que ao vender sua mercadoria tem que dividir seus ganhos com seu senhor, demonstra o negro sujo, desnudo e em condições precárias de trabalho, em 1840. A imagem do negro apenas como subalterno precisa ser substituída por imagens onde homens e mulheres negras demonstrem capacidades em várias profissões que os enalteçam, além de seus feitos e lutas vitoriosas.

**Figura 4: Imigrantes trabalhando na fábrica**



Trabalhadores brasileiros e italianos em fábrica de embalagens, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Foto de 1930.

**Fonte:** (Aprender juntos, 2014, p.45).

Os exemplos citados com as figuras demonstram a imagem dos negros apenas no período de escravidão, não os apresenta de maneira mais positiva. Os livros didáticos não apresentam à imagem dos negros de maneira positiva, com dignidade. A história do negro no Brasil fica estagnada ao período escravo e após isso é como se a história para o negro acabasse neste momento. Não são apresentadas personalidades como Aleijadinho (1730-1814), um grande artesão com obras fantásticas, José Carlos do Patrocínio (1853-1905), jornalista abolicionista, Luís Gama (1830-1882), jornalista e poeta abolicionista, Chiquinha Gonzaga (1847-1935) a primeira maestrina brasileira, entre muitos outros.

É importante a reconstrução da imagem do negro de maneira positiva, mostrá-los como bonitos como bem sucedidos e com sucesso para que as crianças

possam também se identificar como bonitas, inteligentes, que se sintam integradas aos mais diversos grupos sociais.

### Figura 5: Comércio de imigrantes

**1** Observe a foto, leia a legenda e responda às perguntas abaixo.



Padaria em Juiz de Fora, Minas Gerais, de propriedade de um imigrante italiano, em 1930.

a) Que estabelecimento comercial é esse? O que se vende nele?

**Fonte:** (Aprender juntos, 2014, p.46).

A gravura apresenta os imigrantes aparentemente bem vestidos, trabalhando em uma fábrica em condições superiores a apresentada na figura anterior, a do negro, demonstrando ordem e limpeza no local de trabalho diferente da imagem dos negros na venda que os demonstra em condições inferiores.

O imigrante é demonstrado com condições sociais elevadas, donos de comércio e em situação superior a do negro. Com a vida mais organizada e economicamente bem sucedido.

Os textos apresentados nos livros didáticos são para contribuir com a formação do conhecimento e identidade do educando. A aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 são cruciais para o desenvolvimento do educando para que através do conhecimento real da história, cultura e linguagem ele conheça a participação dos africanos na construção do Brasil e p;

Contos, lendas e literatura africana e afro-brasileira podem ser incluídos nos livros de Língua Portuguesa. É riquíssimo o estudo sobre a literatura africana e afro-brasileira, com autores importantíssimos que demonstram em suas poesias, romances e contos as realidades do povo negro. É interessante se fazer as relações entre os diversos textos literários fazendo as comparações e as relações entre as literaturas dos dois povos.

A questão religiosa é outro ponto apresentado com preconceito nas escolas. A religiosidade é algo que pertence a cada grupo familiar ou cultura local, seu estudo pode ser histórico ou de pesquisa, mas não uma imposição. Por muito tempo as religiões de matriz africana foram vistas como algo demoníaco, proibido e ainda é. A liberdade religiosa deve ser colocada em pauta para o conhecimento dos educandos, temas como estes poderiam estar nos livros didáticos para promoverem diálogos sobre as diversidades e respeito.

Professores e coordenadores poderão selecionar os materiais didáticos que trabalharão e necessitam incluir conteúdos que ressaltem as organizações negras como a histórias dos quilombos, o desenvolvimento das comunidades, bairros e localidades municipais. É necessário conhecer as associações culturais, artísticas, educacionais e religiosas da comunidade dando destaque aos acontecimentos dos locais. Datas significativas como 13 de Maio, o Dia Nacional de Denúncia contra o racismo, 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, entre outras datas, como 21 de março, Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, precisam ser conhecidas.

Já existem várias iniciativas, materiais preparados pela ONU e pelo Governo Federal, Ongs, Associações, Centros de Cultura Negra, contando com muitas pesquisas realizadas por professores universitários, para que haja uma aproximação da história africana e afro-brasileira do contexto escolar em cumprimento da Lei 10.639/03.

Um dos projetos que aproximou este cumprimento da lei na sala de aula foi o Projeto “A Cor da Cultura” que foi uma iniciativa de várias instituições para a promoção da educação étnico racial.

A promoção de projetos que venham a abranger o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, que combatam a discriminação e aproxime os educandos de materiais que ressalte a importância deste aprendizado vai depender

da aplicação das ações afirmativas promovidas pelos órgãos governamentais e do incentivo e prática de diretores e professores escolares.

## 2 A COR DA CULTURA, UM PROJETO INTERDISCIPLINAR

### 2.1 Raças, Cultura e Identidade

O termo Raça nasceu da Zoologia e Botânica para classificar animais e objetos criados pelo sueco Carl Von Linné (1707-1778), noção já abandonada. Munanga (2014) explica que na Época Medieval o termo foi utilizado para classificar a diversidade humana, é a partir dos séculos XVI e XVII esta teoria passa a atuar nas relações entre as classes na França para identificar os Francos e os Gauleses, consideradas Plebes.

Até o fim do século XVII a teoria teológica da criação era a explicação da humanidade, pois todos são “filhos de Adão”, para a teoria criacionista o homem foi gerado segundo a imagem e semelhança do criador. A teoria da evolução de Darwin (2009) afirma que indivíduos de uma mesma espécie apresentam variações, não sendo idêntica entre si, à atuação das seleções naturais sobre os indivíduos mantém ou melhora a adaptação ao meio. Esta teoria se baseia na evolução das espécies e afirma que prevalece quem for mais forte.

A partir do séc. XVIII os conceitos sobre a classificação humana voltou a ser de hierarquização que deu fundamentos ao racionalismo, cor da pele foi o fundamento para a classificação das raças. No séc. XIX foi acrescentado o formato do nariz, crânio, ângulo fácil, etc., para aperfeiçoar a classificação. As ciências biológicas (Genética, Humana, Biológica e Molecular) no séc. XX descobriram que as divisões da humanidade em raças eram estacas a partir de pesquisas químicas no sangue que indicaram patrimônios genéticos estão presentes em nos seres humanos independentes que da raça.

A invalidação científica do conceito de raça não significa que todos os indivíduos ou todas as populações sejam geneticamente semelhantes. Os patrimônios genéticos são diferentes, mas estas diferenças, mas essas diferenças não são suficientes para classifica-las em raça (MUNANGA, 2014, p.15).

O racismo biológico que tem como marca a cor da pele tem sido utilizado para afirmar as diferenças sociais e culturais dando ao negro o estigma de preguiçoso, de baixa capacidade intelectual e violenta. Quanto mais a relevância em

relação à etnia mais as características são representadas como fixas e inerentes a um grupo, estas ideologias são transmitidas de geração a geração.

A classificação humana do séc. XVII e XVIII foram à base usada para desencadear o racismo e submeter alguns povos à submissão escrava e à ideologia de supremacia de raça. A imagem dos negros foi colocada como incomum por ser diferente do branco, não só pela cor da pele, mas pela forma física, dos lábios, nariz, cabelos.

O fato de ser branco foi assumido com condição humana normativa e o negro necessitava de uma explicação científica. Uma primeira tentativa foi a de pensar o negro como um branco degenerado, caso de doença ou desvio da normalidade (MUNANGA, 2012, p.99).

De acordo com Munanga (2012), para justificar a cor da pele foram realizados estudos científicos sobre o clima, alimento, solo, a água e ar dos africanos. Estudos religiosos baseados no mito dos descendentes de Cam, neto de Noé<sup>12</sup>, também foram usados para a justificativa do negro ser amaldiçoado. Após os fracassos na evangelização dos negros, missionários viram como única possibilidade de salvar suas almas da escravidão. O Catolicismo fez da cor preta a representação do pecado e maldição, com esta simbologia não haveria problemas morais na sociedade.

A aculturação foi à maneira de embranquecer o negro com o ensino da nova língua, costume e religião. A imagem do branco como superior fez parte do processo de assimilação do negro com hábitos, roupas, penteados, foram copiados para que houvesse uma aceitação pelo branco e evitasse as humilhações e violência.

O Nazismo seguiu estas ideologias e buscou eliminar etnias que para eles eram denominadas inferiores, como os judeus e ciganos. Tais fatos históricos ainda refletem na sociedade dando inspiração nova idealizadores de racismo como os Skinheads<sup>13</sup> e Kun Klus Kan<sup>14</sup> que pregam a supremacia branca. Infelizmente a

---

12 De acordo com a Bíblia, Noé amaldiçoa Cam por tê-lo visto desnudo, esta maldição condena os descendentes de Cam, os Cananeus, como servos. Membros de religiões abraâmicas usaram este trecho para justificar a escravidão dos negros africanos, pois acreditavam que eles eram descendentes literais de Cam. Escravocratas americanos usaram este relato para defender seus interesses na permanência da escravidão.

13 A tradução significa "cabeças raspadas", movimento que se originou no Reino Unido com jovens da classe operária em 1960. O que começou como moda e encontro de jovens tornou-se um grupo violento, xenofóbico e apoiadores radicais das ideologias nazistas.

Fonte <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Skinhead>> Em:27/12/2017.

história da humanidade possui vários de exemplos de intolerância e xenofobia. Os grupos humanos possuem diferenças e características culturais que os definem como seus costumes, suas tradições e crenças. Estes conjuntos de informações formam a identidade coletiva que faz parte da identidade individual. A cultura e a identidade são pontos fundamentais para distinguir um povo conhecendo sua história e características comuns.

O conceito de cultura é socializado a uma forma de processo social que busca tornar significativo as definições e o lento desenvolvimento dos significados de uma cultura comum (HALL, 2003, p.135). Assim, é definida como estudo de relações entre elementos de uma mesma convivência, é uma prática, não uma soma descritiva de costumes sociais. Passa por todas as práticas, são valores, costumes e mentalidades que definem as características de vida de um povo.

Sobre o conceito de cultura, Hall afirma que:

A cultura era local de convergência. Mas, que definições de conceito central emergiram desse conceito central emergiu desse conjunto de obras! E, em torno de qual espaço foram unificadas as suas preocupações e conceitos, já que decisivamente essa linha de pensamento moldou os estudos culturais e representa a tradição autóctone ou “nativa” mais formativa! O fato é que nenhuma definição única e não problemática de cultura se encontra aqui. O conceito continua complexo (HALL, 2003, p.134).

As culturas nacionais são parte das principais fontes da formação da identidade. Esta cultura não nasce com o sujeito, mas é inserida em sua formação tornando-se parte dele através das representações como um conjunto do significado. Uma nação não é apenas um lugar físico ou de pertencer a um lugar, uma representação política, mas uma produção do sistema de representação cultural (HALL, 2003).

A cultura nacional de uma comunidade é constituída pelas memórias do passado, o desejo por viver em conjunto e a perpetuação da herança. As memórias fazem parte da construção do sujeito que espelha em seu presente as representações que o influenciaram. O desejo de viver em conjunto faz com que os que se consideram semelhantes queiram viver as mesmas filosofias, tradições e

---

14 O Kun Klus Kan é um grupo de extremistas americanos , reacionários , que pregam a supremacia branca, o nacionalismo branco, são anti-imigração, anticatoliquíssimo, antisemitas. Este grupo surgiu em 1860 nos Estados Unidos e continua a se propagar em diversos países. Fonte<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ku\\_Klux\\_Klan](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ku_Klux_Klan)>Acesso:27/12/2017.

ritos. A perpetuação da herança é um ponto crucial para que a cultura nacional não desapareça, as gerações mais velhas têm a responsabilidade de passar seu conhecimento aos da nova geração.

As obras literárias, historiográficas e narrativas populares, mantêm a ideologia da identidade nacional. Dão significados diferentes a estes termos, esta mistura exprime o contato entre os povos como aculturação harmônica do universo simbólico. As tradições possuem valores de natureza ontológicas espirituais e materiais acumulados com o tempo com a importância de ser preservado (ORTIZ, 2006).

Em 1922 artistas brasileiros renomados da época organizaram a I Semana de Arte Moderna em 1922. A mostra se deu nos dias 11 e 16 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo. Foram apresentados concertos e conferências, exposições foram montadas nos saguões com as obras de Antônio Moya, Georg Przyrem, Vitor Brecheret, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, John Graz, Martins ribeiro, entre outros. O objetivo destes artistas foi o de mostrar ao mundo as características culturais do Brasil dando a arte brasileira uma identidade.

Participaram também os músicos Villa-Lobos e Guiomar Novais, escritores Graça Aranha, Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Ronald Carvalho e Menotti Dell Picchia. Esta mostra foi uma idealização de Di Cavalcante, e causou grandes mudanças na cultura brasileira. Este foi um dos principais acontecimentos para o Modernismo Brasileiro que fugiu das regras que seguiam as tendências europeias dando características e valorizando a cultura nacional.

O povo brasileiro é constituído por elementos populares que resultam da miscigenação como, por exemplo, a feijoada, prato típico brasileiro que nasceu nas cozinhas das casas dos senhores escravocrata ou o Bumba-meu-boi, que é uma ópera popular que nasceu da mistura das crenças dos portugueses, indígenas e africanos. A cultura deve ser mantida por ser a essência tradição e identidade, por ser a fonte dos valores de uma sociedade que é formada por fatos concretos. Já a memória nacional é caracterizada por pertencer não a um grupo social apenas, mas a todos, é universal e virtual, formalizada pelos discursos, sobre as ideologias sobre a nação (ORTIZ, 2006, p.133-136).

O Brasil como país colonizado viveu situações de conquistas. A mestiçagem brasileira originou as tradições explicando a pluralidade étnica, cultural, regional e

física do País. O regionalismo possui sua diversidade que forma este conjunto que define a cultura brasileira apesar de suas especificidades. É comum se observar nas salas de aula os educandos que desconhecem suas origens, não compreenderem sua ligação com as tradições e a importância de aprenderem estas tradições para darem continuidade.

A memória coletiva brasileira é representada pelas tradições que permitem apreendê-las como sistema estruturado da sociedade, está vinculada ao grupo social e estão associadas à preservação da memória. Elas só existem quando há preservação ou uma prática no cotidiano para que tenham significados para os atores sociais. No Brasil os costumes e tradições são de acordo com sua região, apresentam suas características pluriculturais nas manifestações que são mantidas pelo esforço dos sujeitos sociais como são os casos do chimarrão na cuia, os blocos de rua, os sotaques. Conforme Ortiz (2006, p.134), “[...] este saber popular não existe fora das pessoas, mas entre elas”. A memória popular precisa ser transmitida para se transforma em vivência assegurando assim a sua permanência.

A essência da memória coletiva brasileira é construída pela realidade da vida social, opera transformações simbólicas destas realidades não coincidindo com a memória coletiva de pequenos grupos populares. Os discursos que formam a memória nacional pressupõem valores mais amplos que implicam o Estado através de uma relação política que limita a construção da identidade. É relacionada à ideologia, é referente à história que transcende o sujeito e não se concretiza no cotidiano. Faz parte da ideologia de uma história social que se projeta para o futuro, não se limita a uma reprodução do passado.

Não é uma propriedade particularizada, é universal que se impõe a todos os grupos, não possui uma existência concreta, não se manifesta imediatamente nos grupos sociais e opera transformações simbólicas da realidade social. O Brasil possui uma memória nacional riquíssima, os símbolos nacionais como a Bandeira, o Brasão, o Hino Nacional e seus significados são um exemplo. Outra parte desta memória são fatos da história que nos relembram valores e patriotismo como o dia da Independência ou Libertação dos escravos (ORTIZ, 2006).

No Brasil a cultura popular se tornou um fenômeno que mesmo com as transformações da sociedade permaneceram como um legado. A cultura popular é colocada como uma tomada de consciência que demonstra a mentalidade e o

comportamento do povo brasileiro, ela é vista muitas vezes como periférica, vinda de uma vida social subalterna, mas que resiste e é constantemente reformulada de acordo com as mudanças na sociedade.

Cultura possui vínculos baseados em sua polissemia e fluidez. A identidade é um instrumento que permite a articulação entre o ser psicológico e o ser social de cada indivíduo. Sendo a identidade social o que diz respeito a um grupo, identificando um grupo entre os outros. Já a identidade étnica cultural é primordial, pois vincula o indivíduo ao grupo. As características do grupo são transmitidas por ele de forma inerente sem referências de outros grupos.

Para Hall (2006) a busca pelo conceito de identidade passa pelo sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo, de acordo com sua época representou o sujeito centrado, capacitado de razão, de consequências e ação, possuía uma concepção muito individualista do sujeito e sua identidade. O sujeito sociológico refletia a complexidade do mundo moderno e sua relação com a sua cultura, a identidade era formada pelo “eu” e a “sociedade”. O sujeito pós-moderno assume identidades diferentes de acordo com os momentos, a identidade é definida historicamente e não biologicamente.

As identidades ao serem construídas, precisam da memória, da valorização cultural, o fortalecimento desta identidade se dá com as tradições que permanece nos grupos sociais e levam o sujeito a se identificarem como parte deste grupo. Não há um conceito muito desenvolvido da teoria social e cultural para a identificação, mas na Psicanálise, trata-se do campo semântico demasiadamente complexo. É construída a partir do reconhecimento de origem comum ou de características partilhadas com os outros grupos e pessoas a partir de um mesmo ideal (HALL, 2006).

De acordo com Munanga (2012), falar da identidade tem a ver com a tomada de consciência. A discriminação vem da falta de conscientização, da desumanização e negação sofrida pelos afrodescendentes ao longo da história.

O modo de ser negro é uma resposta às situações históricas, psicológicas comuns entre os negros colonizados. O Brasil foi um dos últimos países a terminar com a escravidão, o reflexo deste fato perpetua ainda hoje na sociedade. A ideia de branqueamento desde o período de colonização fez com que o conceito de ser negro fosse desvalorizado, diferente, por exemplo, dos Estados Unidos.

A condição dos negros possuem informações que são ignoradas na antiga história do Brasil onde as diferenças culturais, econômicas, a exploração e o preconceito étnico entre brancos e negros fizeram com que os europeus tivessem uma desfiguração completada da personalidade, moral, intelectual e aptidão intelectual do negro (MUNANGA, 2012). Os colonizadores reconheciam as diferenças físicas, culturais dos negros achando-os inferiores a eles.

O movimento de resistência negra fez com que muitas tradições fossem preservadas e enfatizou a aceitação das características étnica deu impulso de luta contra o racismo. A história e a cultura foram usadas para opor-se à política da assimilação. De acordo com Munanga (2012), assumir uma identidade negra implica em aceitar a história, a cultura e a condição de negro. Esta afirmação se dá através de duas interpretações antinômicas: uma mítica e outra ideológica.

Para esta afirmação é necessário conhecer as memórias, a história africana e o relato dos acontecimentos, conhecer as glórias e as riquezas do passado, estes conhecimentos são necessárias para o equilíbrio do futuro onde estas lembranças possam ser manifestadas tornando viva a memória coletiva que se perpetua. O preconceito no Brasil fez com que muitos negros não fossem reconhecidos pela história, personalidades como Negro Cosmo, Esperança Garcia, André Rebouças entre outros, são poucos os que se destacaram como foi o caso de Machado de Assis, Lima Barreto e Aleijadinho, entre outros que são ícones na Literatura e na Arte sacra.

A identidade negra brasileira só tem sentido com o contexto multicultural por seus elementos constituídos de um processo que passa pelo discurso de acordo com o grupo ou sociedade do sujeito através das características culturais históricas, linguística e religiosas. Houve uma luta de resistência para que a cultura europeia que era dominante e que repudiava a classes populares, não sufocasse a cultura que vinha deste grupo.

O fator histórico ainda mostra o africano e afrodescendente de maneira depreciativa. A história dos negros brasileiros que os liga à África possui distorções e falsificações, a consciência histórica precisa ser reencontrada e transmitida às futuras gerações, regatar e autenticidade, desconstruindo uma história negativa e elevar a autoestima que foi destruída pelas ideologias racistas baseadas na colonização.

Em relação à cultura negra houve uma resistência proporcionada pelo movimento negro, pois o domínio da cultura erudita que repudiava a cultura popular tornou os movimentos populares numa cultura vinda dos guetos em cultura de massa como foi o caso do Samba e da Capoeira. Com os movimentos negros, foi adquirido identidade política coletiva com as mobilizações, artísticas, femininas, religiosa, etc., que formam através de seus discursos de resistência, fortalecimento da cultura coletiva.

O papel desta cultura popular é o de enraizar nas comunidades populares a importância de sua perpetuidade, resistindo e sendo constantemente reformulada. Encontramos nos grupos culturais como Ilê-Aiê, Filhos de Gandhi, nos terreiros de Candomblé e Umbanda não só a questão cultural ou religiosa, mas o fortalecimento das raízes ancestrais africanas, o resgate da língua, a aproximação das histórias e lendas que apresentam as características do povo negro, que aumenta a autoestima.

A educação tem um grande papel para a perpetuação das tradições e conhecimento da história para a formação da identidade afro-brasileira. A escola é um espaço sócio cultural que é responsável pelo processo coletivo de educação onde o debate a serviço da diversidade precisa acontecer com o grande desafio de levar a afirmação e a revitalização da autoimagem ao povo negro.

Possui também o papel de propagar a cultura, de incentivar a perpetuação das tradições através da promoção e atividades que promovam a pesquisa e a perpetuação das tradições locais. É no espaço escolar que os estudantes poderão conhecer a história de sua ancestralidade e reconhecer-se como parte dela. Com a história, aulas, debates e pesquisas a escola ajudará a fortalecer e manter a identidade da comunidade. Este fortalecimento aumentará a autoestima do educando e o ajudará a reconhecer-se como parte da história da comunidade em que vive.

## **2.2 Projeto “A Cor da Cultura para uma Educação Étnico- racial”**

O Projeto “A Cor da Cultura” foi elaborado para efetivação da Lei 10.639/03 de educação étnico-racial. Foram criados materiais áudios visuais sobre a história e cultura afro-brasileira para valorizar iniciativa da inclusão e dar visibilidades a ações afirmativas já promovidas pela sociedade, contribuindo com as práticas

pedagógicas. Ele ressalta o aspecto da beleza da cultura e conhecimento história e cultura afro-brasileira assim como os aspectos da cultura, economia, geografia e questões étnicas de valorização dos afrodescendentes (SANT'ANNA, 2005).

Este projeto foi uma parceria entre o Canal Futura, o Centro de Informação e Documentação do Artista Negro – CIDAN, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial-SEPPIR, a TV Globo, a TV Educativa e Petrobrás, visando esforços para a valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro.

A elaboração dos kits do projeto, segundo Sant'Anna foram idealizados para serem aplicados em sala de aula considerando:

As experiências pedagógicas que se propõem a empreender uma forma não discriminatória e de valorização do legado afrodescendente para a construção do conhecimento. E, também as reflexões sobre as implicações do preconceito, da discriminação racial e do racismo no ambiente escolar (SANT'ANNA, 2005, p. 31,32).

Os componentes dos Kits “A Cor da Cultura” abrangem a produção para a formação do professor e as produções audiovisuais com cinco grandes programações: *Ação*: Produção de quatro episódios dedicados a retratar as iniciativas sociais afirmativas desenvolvidas por organizações não governamentais; *O Programa Nota 10*: Voltados para o ensino e formação de professores. Possui cinco edições. *Heróis de todo o Mundo*: São trinta programas com dois minutos, cada, onde retratam a vida e a obra de homens e mulheres negros que se destacaram em diferentes áreas de conhecimento do Brasil; *Livros para os professores*; *Dicionário de língua africana*; *Jogos educativos*; *Recursos de fixação de conhecimento sobre a África e a população afro-brasileira*.

O projeto foi aplicado entre os anos de 2004 a 2006 nos estados da Bahia, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. A segunda fase do projeto foi realizada entre os anos de 2010 a 2011, em Minas Gerais, Amazonas, Paraná, Pernambuco e Ceará.

As atividades desenvolvidas no projeto visam disseminar contribuições à cultura negra para a sociedade brasileira. As ações do projeto foram idealizadas para serem trabalhadas de maneira interdisciplinar. Como é um projeto formativo voltado para a história do afrodescendente, ele configura-se com uma estrutura em torno da valorização da cultura afro-brasileira, buscando visibilidade ao

afrodescendente e valorização de sua cultura ancestral. A metodologia interdisciplinar possibilita a integração do projeto ao Projeto político pedagógico da escola

Os principais objetivos abordados são: disseminar contribuições da cultura negra para a sociedade brasileira, como um todo e mais diretamente para crianças, adolescentes e educadores; contribuir através de ações educativas para a erradicação dos efeitos das discriminações sociais e étnicos raciais que propagam no Brasil; criar condições para que as redes educacionais utilizem os materiais do projeto em seu Projeto Político Pedagógico para que faça parte do cotidiano escolar.

**Figura 6: kit A Cor da Cultura**



**Fonte:** Disponível em < <http://copirseduc.blogspot.com.br/2015/11/formacao-do-projeto-cor-da-cultura-2015.html> > Acesso em: março 2016.

O Livro *Modo de Ver* usa a interdisciplinaridade para buscar no modo de vida individual e coletivo e individual o coletivo, o compartilhamento do conhecimento e a preservação da memória através de jogos, músicas, atividades coletivas e do compartilhamento com o outro. As desigualdades são trabalhadas de modo que o aluno reflita que sempre haverá diferenças e que todos podem aprender a lidar com elas e a conviver com estas diferenças. Este material busca saberes e

fazeres reflete a diáspora africana, possui mapas e dá grande ênfase a história e a riqueza do patrimônio cultural negro e a reflexão de como é a concepção da construção da beleza a partir da simbologia e cultura dos povos.

No livro *Modo de Sentir* os conceitos se fundamentam no desenvolvimento de ações do projeto. Tem como princípios propostos a luta pela equidade e valorização das diferenças. Procura desenvolver e enfatizar a valorização do múltiplo e buscar dados além do senso comum, exercitar a escuta, permitir a transformação interna e socializar as informações. As atividades interdisciplinares deste contexto devem enfatizar o respeito e o reconhecimento do negro na sociedade. Reconhecer o racismo não como algo individual, mas como parte da estrutura da sociedade. Busca o aprendizado sobre os protagonistas da história afro-brasileira, reflete sobre a mudança na postura social sobre a aceitação das desigualdades. Busca conhecimento além do senso comum, exercitar a escuta, permitir a transformação interna e socializar as informações.

E no livro *Modo de Interagir*, corresponde à memória de gerações sucessivas em forma de relato, canto, dança e poesia, ritmo, emoção e vida cotidiana. Relaciona-se com a valorização da oralidade e outras formas de transmissão de conhecimento dos sábios mais velhos a partir de valores afro-brasileiros que nortearão as atividades em sala de aula. Há uma circularidade baseada na perspectiva do conhecimento produzido através das tramas tecidas no dia a dia. A circularidade apresentada pressupõe o constante movimento e trocas necessárias. As manifestações de rodas estão presentes nas Rodas de Samba, de Capoeira, rituais religiosos entre outros.

O Kit ainda possui: O Livro da Memória da Palavra que enfatiza verbetes de palavras africanas que foram inseridas no vocabulário brasileiro. Possui exemplos de palavras com fragmentos de jornais, músicas e poesias, mostrando a familiaridade que as palavras possuem como as de matriz africana; CDs que podem ser trabalhados interdisciplinarmente ou transdisciplinarmente com sons de origem africana que inspiraram as músicas brasileiras como a MPB, o samba, a capoeira; Vídeos que possuem um material audiovisual como base principal a imagem positiva do negro; Livros Animados que possuem ilustrações e narrativas que valorizam a estética africana e afro-brasileira, voltadas para o público de 5 a 10 anos.

Busca estimular a leitura de maneira lúdica e ressalta o valor da circularidade e elevar a autoestima, procura discutir temas como o multiculturalismo, etnia, racismo, identidade e memória. Os livros escolhidos do projeto são: O Menino Inesperado e Lili (Elisa Lucinda), A Rainha das Escolhas (Elisa Lucinda), O Filho do vento (Rogério Andrade Barbosa), Bruna e a Galinha d'Angola (Gercilga de Almeida), Ana e Ana (Célia Godoy), A Botija de Ouro (Joel Rufino), Ifá, o Orixá Adivinho (Reginaldo Pranti), Contos Africanos (Rogério Andrade Barbosa), Capoeira, Maracatu e Jongo (Sônia Rosa), Os Reizinhos de Congo (Edmilson de Almeida), Bichos da África 1 e 2 (Rogério Andrade Barbosa), O Menino Nito (Sônia Rosa), Menina Bonita do Laço de Fita (Ana Maria Machado).

A Série Nota 10, são 10 episódios que possuem exemplos de projetos mostrando as possibilidades de desenvolver o A Cor da Cultura de maneira interdisciplinar, realizados para a aplicação da lei 10.639 com temas sobre religiosidade, cultura igualdade de tratamento e oportunidade, material didático e África no currículo escolar.

O Jogo e a série Heróis de Todo Mundo, resgata as contribuições de personagens negros na história do Brasil através de trinta (30) documentários que apresentam a biografia destas personalidades. Esta série tem também como objetivo resgatar a autoestima a partir da história de brasileiros que contribuíram para o desenvolvimento do país nas mais diversas áreas.

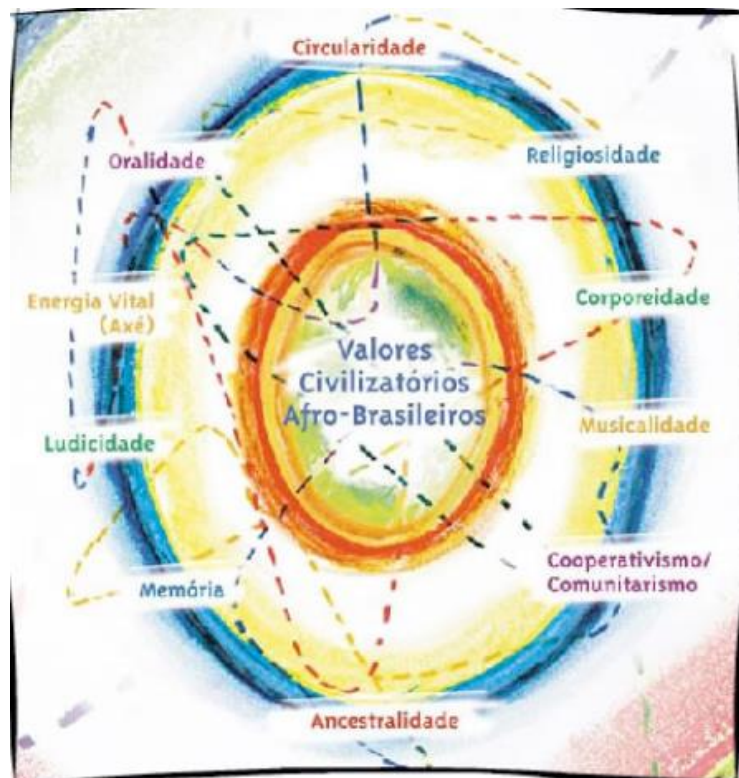
São eles: Adhemar Ferreira da Silva (atleta), Aleijadinho (artista plástico), André Rebouças (engenheiro), Antonieta de Barros (professora), Auta de Souza (escritora), Benjamin de Oliveira (ator/palhaço), Carolina M. Jesus (escritora), Chiquinha Gonzaga (compositora), Cruz e Souza (escritor), Elizeth Cardoso (cantora), Jackson do Pandeiro (músico), João Cândido (marinheiro/líder da Revolta da Chibata), José Correia Leite (jornalista), José do Patrocínio (abolicionista) Francisco José do Nascimento (jangadeiro/líder abolicionista), Juliano Moreira (médico), Lélia Gonzalez (professora/militante política), Leônidas da Silva (jogador de futebol), Lima Barreto (escritor), Luiz Gama (advogado) Machado de Assis (escritor), Mãe Aninha (ialorixá), Mãe Menininha (ialorixá), Mário de Andrade (escritor), Milton Santos (geógrafo), Paulo da Portela (sambista/um dos criadores das escolas de samba), Pixinguinha (músico), Teodoro Sampaio (urbanista), Tia Ciata (personagem histórica do samba).

O jogo resgata de maneira lúdica, educativa e transversal o conhecimento das trinta personalidades negras divididas por áreas de atuação e conhecimento como esporte, ciências, tecnologia, religião, artes e literatura.

Série Mojubá, são programas voltados para diferentes aspectos da religiosidade de matriz africana. São apresentadas as mais diversas religiões afro-brasileiras que sofrem grande discriminação e encontra maior resistência por parte das instituições de ensino. O programa apresenta os aspectos de religiosidade sobre a fé, a organização, natureza, arte e cultura. A apresentação da religiosidade tem como principal objetivo superar o preconceito e apresentar um novo olhar sobre as religiões afro-brasileiras.

O material vinha acompanhado de um Mapa das Rotas do Tráfego Negro, representando a diáspora africana durante o séc. XV. Ao séc. XIX e um cartaz com Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, (Oralidade, Circularidade, ancestralidade).

**Figura 7: Valores Civilizatórios Afro-brasileiros**



Fonte: Disponível em < <http://copirseduc.blogspot.com.br/2015/11/formacao-do-projeto-cor-da-cultura-2015.html> > Acesso em: março 2016

Os temas trabalhados no projeto se baseiam no diagrama dos Valores civilizatórios afro-brasileiros que possuem dez temas significativos, a saber: Circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, ancestralidade, memória, cooperativismo/comunitarismo, ludicidade, energia vital (axé) e oralidade. De acordo com o diagrama eles se conectam e possuem fluxos de diversas formas e direções.

Estes valores, ao serem trabalhados pelo professor seguem os seguintes temas levando em consideração seus objetivos. A circularidade é uma tradição afro-brasileira, reunir-se em círculo como nas rodas de samba, capoeira e cultos religiosos, indica que não tem começo nem fim, não há lugares definidos. A oralidade se baseia no sentido de perpetuar os valores africanos e afro-brasileiros através da oralidade. O valor da energia vital ou axé se refere a vida, na cultura afro-brasileira o respeito a mútuo a todas as formas de vida é ensinado para ser perpetuado. Musicalidade é um grande marco da cultura africana e afro-brasileira que são influências para a música popular brasileira como o samba, o chorinho, as músicas são expressões da religiosidade, festividade e resistência.

A ludicidade é o desenvolvimento das brincadeiras, o jogo é também uma forma de resistência pela sobrevivência ao sistema escravocrata e luta pela liberdade. A cooperatividade/comunitarismo ressalta o valor da coletividade que perpassa em todas as manifestações ressaltando a importância da união e lembrando a união e resistência. A memória preserva fatos históricos e culturais de suma importância para a formação do indivíduo, o respeito aos mais velhos também é trabalhado como detentores deste patrimônio que é transmitido de maneira oral.

A religiosidade ressalta o sagrado e seus elementos, o bem e o mal, a energia vital de forma reflexiva de maneira a valorizar e respeitar as criaturas e divindades. A ancestralidade valoriza o legado africano e evoca o sentimento de pertencimento aos mais novos como uma forma de assumirem suas origens. A afetividade está relacionada ao encontro, expressa desejos, emoções e desejos individuais e coletivos (SANT'ANNA, 2005).

Todos estes recursos procuram despertar o interesse pelo conhecimento e da formação da identidade afro-brasileira através de vínculos aos diversos temas com as disciplinas estudadas.

O material ainda disponibiliza o site com aprofundamento dos temas por meio de artigos e indicações bibliográficas. Os temas abordados selecionados na programação do projeto têm como tarefa reduzir e fragmentar o conhecimento sobre a realidade social, econômica, cultural e política da população afro-brasileira que contribuem para a formação de preconceitos que alimentam práticas discriminatórias. Para isso é necessário relacionar sete elementos estruturais para analisar e pensar e pensar em um projeto de educação antirracista: O Currículo Escolar, o Material Didático, a Formação docente, a minimização do problema racial, o Universo semântico, a distribuição desigual de afeto e estímulo, e a negação da diversidade racial na equipe de profissionais da escola.

O projeto contribuiu e ainda pode contribuir para a ruptura da discriminação social e evidencia o que há de belo na cultura africana e afro-brasileira. Mostra o que pode ser sedutivo e sedutor para a educação étnica racial (SANT'ANNA, 2005).

A proposta é enriquecedora e ainda é válida e necessária. O "A cor da Cultura" pode dar inspiração a outros projetos como o Leituraço<sup>15</sup>, promoção de seminários, peças teatrais, mostras culturais, entre outras.

De acordo com Sant' Anna (2005), o Kit propõe levar para as escolas experiências pedagógicas que propõe empreender uma formação escolar não discriminatória e de valorização do legado afrodescendente para a construção do conhecimento, promover reflexões sobre a implicação do preconceito da discriminação racial e do racismo no ambiente escolar.

Os resultados do projeto A cor da cultura foram apresentados através de uma pesquisa realizada pela TV Futura, realizada de 26 /11 à 07/12 de 2007 com professores, gestores municipais que atuaram no programa. A pesquisa quantitativa foi realizada com questionários que possuíam perguntas fechadas que chegaram aos resultados a seguir.

---

15 Projeto da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo de incentivo à leitura para o ensino fundamental com livros com contos africanos, afro-brasileiros e indígenas em 2015-2016.

**Tabela 4 : Contribuição do programa segundo os professores**

- Os professores consideram, de forma praticamente unânime, que o A Cor da Cultura contribuiu para dar mais visibilidade às culturas africana e afro-brasileira **(96%)**;
- O tempo decorrido desde a implementação do Programa nas escolas não fez diminuir o interesse dos alunos;
- **1/3** dos entrevistados considera que os alunos mais velhos e os alunos afro-descendentes demonstram mais interesse do que os demais;
- A maioria dos professores passou a exercitar mais a escuta e o diálogo com seus alunos, relatam **79,7%** dos pesquisados (% menor no PA e MA);
- **40%** dos entrevistados dizem que os alunos Cristãos têm menos interesse pelo Programa e por seus materiais do que os demais (BA 69,2%);
- A maioria dos professores passou a considerar os princípios defendidos pelo Programa na escolha dos livros didáticos do MEC, conforme opinam **60%** dos entrevistados.

Fonte: <<http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/avaliacao032008.pdf>>

Acesso em: 12/04/2016.

A maioria dos professores consideraram que o Projeto contribuiu para dar mais visibilidade à cultura africana e afro-brasileira. Os alunos demonstraram interesse sendo que os mais velhos demonstraram maior atenção. Com o projeto tiveram como resultado uma melhora no relacionamento entre professores e alunos com um maior diálogo entre eles. Apesar disso, foi constatado que alunos considerados cristãos demonstraram menos interesse, vê-se a necessidade de trabalhar mais a questão da liberdade religiosa e também de desfazer os mitos criados em torno da cultura e religiosidade africana e afro-brasileira. Na escolha dos livros didáticos, o fato deles conterem história e cultura africana e afro-brasileira se tornaram importantes, demonstrando uma maior conscientização dos professores em relação a educação e conteúdos étnicos raciais.

**Tabela 5: Condições das escolas**

- Segundo ¼ dos professores, **não há bibliotecas nas escolas**, ou o seu funcionamento ocorre em parte dos turnos;
- **Não faltam aparelhos** de TV, CD e DVD na expressiva **maioria** delas, geralmente funcionando bem (**cerca de 94%**);
- O acesso à Internet apresenta-se bastante diferenciado entre as escolas (**Total 64,3%, MA 34,6% e SP 89,2%**);
- Implementação das atividades do programa: a falta de apoio das SME às escolas é apontada por **1/3** dos professores (PA 54% e BA 47%);
- Confirmada por **35,8%** dos professores a existência de trabalho anterior contínuo voltado à valorização das culturas africana e afro-brasileira nas escolas;
- Participação restrita de parceiros externos (universidades - **8,8%** - ONG – **6,1%** etc) no planejamento/realização das atividades do Programa.

Fonte:<<http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/avaliacao032008.pdf>>

Acesso em: 12/04/2016.

Os professores revelam que a maioria das escolas que receberam o programa não tinham biblioteca ou ela não funcionava em seus turnos, o que dificulta o trabalho de pesquisa e incentivo a leitura de alunos e professores. Eles revelam que não faltam aparelhos de mídia e que estão em funcionamento, o que é um apoio para a utilização destes materiais a aplicação do projeto. As diferenças regionais ressaltam que há maior dificuldade a acesso a internet nos estados da região nordeste do que nos da região sudeste. A falta de apoio em relação a aplicação do projeto é maior na região norte do que nordeste. Os professores confirmaram que antes do projeto havia poucos trabalhos voltados para uma educação étnico racial nas escolas, não havia uma valorização do tema, e a parceria entre ongs e universidades eram mínimas. A educação eurocêntrica era o que predominava ações de incentivo a aplicação da Lei 10639/03 como o projeto, deram maior visibilidade ao tema.

**Tabela 6: Acesso ao programa**

- O **site** do Programa é conhecido pela **maioria** dos professores, segundo metade do total de entrevistados;
- Os programas veiculados pela TV também foram vistos, pelo menos uma vez, por uma parcela significativa de professores (**54%**);
- Cerca da metade dos entrevistados afirma que os **professores têm recorrido** às leituras complementares sugeridas nos diferentes materiais;
- A grande maioria dos professores das escolas envolvidas já usou algum dos materiais do *Kit*, relatam os pesquisados (**78,3%**);
- Independentemente do turno em que leciona, a grande maioria avalia que os materiais do *Kit* estão preservados e disponíveis quando procurados (**94,6**);
- **47,1%** consideram que a variedade de materiais do *Kit* é suficiente;
- Houve reprodução de materiais para atender a um maior número de interessados (**26,5%**);

Fonte: <<http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/avaliacao032008.pdf>>

Acesso em: 12/04/2016.

Foi constatado que a maioria dos professores conheciam o site do projeto um pouco mais da metade acompanhou a programação na TV. Metade dos professores recorreram a leitura do complementares do material, isso demonstra o interesse de professores que desejam saber mais sobre o assunto para a aplicação do projeto. O material foi usado pela grande maioria dos professores demonstrando facilidade em trabalhar com os materiais do projeto. Os kits estão disponíveis para todos dando a liberdade de trabalharem com eles com maior frequência , um pouco menos da metade considera que a variedade do material é o suficiente com poucas reproduções para o atendimento , demonstrando que efetivamente os professores trabalharam e conseguiram trabalhar os a diversidade de materiais apresentados pelo projeto.

**Tabela 7: Aceitação dos materiais do programa**

Mais aceitos na escola, segundo gestores	Mais aceitos pelos professores, segundo professores	Mais aceitos pelos alunos, segundo professores
1 Livros Animados	1 Livros Animados	1 Livros Animados
2 Heróis de Todo Mundo	2 Heróis de Todo Mundo	2 Heróis de Todo Mundo
3 CD Gonguê	3 Mojubá	3 Jogo Didático
4 Mojubá	4 Nota 10 e CD Gonguê	4 Memória das Palavras
5 Jogo Didático	5 Jogo Didático	5 CD Gonguê
6 Memória das Palavras	6 Memória das Palavras	6 Mojubá
7 Modos de Ver e Nota 10	7 Ação	7 Nota 10
8 Ação e Modos de Sentir	8 Modos de Ver	9 Ação
9 Modos de Interagir	9 Modos de Interagir	
	10 Modos de Sentir	

Fonte:<<http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/avaliacao032008.pdf>>

Acesso em:12/04/2016.

De acordo com a pesquisa os materiais mais aceitos pela por gestores, professores e alunos foram os Livros Animados e o Jogo Heróis de todo o mundo, certamente foram os materiais mais usados na aplicação do projeto por serem mais lúdicos e por envolverem mais os alunos com o jogo e a contação de histórias.

### Tabela 8: Mudanças percebidas

<b>Mudanças percebidas após a implementação do Programa</b>
➤ Alunos (79%) e professores (85,3%) estão mais sensíveis quanto à necessidade de eliminação de práticas discriminatórias;
➤ A maioria dos professores das escolas prioriza a discussão dos temas (75,6%) e tem facilidade para articulá-los aos conteúdos de suas áreas e disciplinas (59,5%).

Fonte:<<http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/avaliacao032008.pdf>>

Acesso em:12/04/2016.

A maioria dos alunos e professores se tornaram mais sensíveis quanto a necessidade de combater a discriminação , priorizando a discussão dos temas. Nota-se a que apenas um pouco mais da metade consegue articular os assuntos étnicos

raciais nas disciplinas, enfatizando a necessidade da compreensão de como trabalhar interdisciplinarmente com este tema.

De acordo com o Relatório Final, o projeto foi levado para escolas municipais e estaduais com capacitadores, professores, diretores e representantes governamentais participaram. As fundamentações teóricas e práticas repassadas formaram o educador para utilizarem de maneira interdisciplinar o material em suas comunidades. Apesar do pouco tempo de uso e de terem levado o material para boa parte do país os resultados demonstram que o projeto alcançou seus objetivos. O baixo investimento foi um dos desafios a serem travados, a falta de acompanhamento no decorrer do projeto pelos municípios, ongs, universidades e até mesmos representações religiosas dificultaram o trabalho e necessidade de apoio destes órgãos.

O próprio programa recomenda no final da pesquisa a importância do investimento na formação dos professores, interação entre as escolas para que possam discutir temas como a questão religiosa entre outros temas mais complexos, o canal futura ter um acompanhamento maior junto às escolas, considerar as diversidades regionais para a aplicação do projeto e ter grupos focais em cada região para discutirem o progresso. A aplicabilidade destas sugestões poderia levar à perpetuação e ampliação do projeto com as mudanças necessárias de acordo com as necessidades de cada região e comunidade. O tema da cultura africana e afro-brasileira seria mais difundido nos currículos escolares.

### 3 O JOGO HERÓIS DE TODO O MUNDO

É um desafio realizar uma educação étnico-racial nas escolas quando os currículos e projetos pedagógicos ainda não estão voltados para uma educação igualitária que promova o combate à discriminação e que apoie o respeito às diversidades que fazem parte da comunidade colocando à tona diferenças sociais, raciais e práticas discriminatórias.

A escola é um espaço sociocultural, institucional responsável pelo encaminhamento pedagógico e cultural de uma comunidade. O processo educacional tem em sua estrutura o reconhecimento das diferenças dentro do contexto da coletividade e da relação destas pessoas com o espaço social (NASCIMENTO, 2006). Iniciativas como debates, pesquisas que incluam as diversidades abrirão caminhos para que a história e a imagem do povo negro brasileiro e africano sejam valorizadas levando o educando a conhecer e reconhecer a contribuição deixada por eles.

Outro ponto importante é o resgate da autoimagem dos negros reconhecendo-se como negro. É fato que muitos afro-brasileiros não se reconhecem como negros, pois não querem sua imagem associadas ao negro que os livros didáticos apresentam como de classe subalterno e inferior.

Para muitos a associação com o lamentável passado escravocrata causa o desejo do embranquecimento de muitos negros e mestiços brasileiros afastando-os da formação de sua identidade a história e cultura de seus ancestrais.

Assim a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e branco, tem um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha esta aparência (MUNANGA, 2004, p.51).

A falta de identificação leva ao desejo do sujeito negro a querer ter sua imagem associada ao do branco, pois este recebe o estigma de que é melhor, é belo, é forte. Frantz Fanon (2008, p. 60) enfatiza que este desejo do embranquecimento é pelo fato de que “ser branco é como ser rico, como ser bonito, como ser inteligente”. A discriminação racial necessita ser combatida tanto socialmente como interiormente.

Munanga (2004, p.54) afirma que existe um problema de alienação nas personalidades, muitas vezes existe a pessoas e famílias negras se auto discriminam, pois não frequentam lugares que normalmente são frequentados por brancos e discriminam os outros. O sentimento de inferioridade leva-os ao isolamento, escolhem os lugares para serem frequentados para evitarem aqueles “olhares” que poderão fazê-los sentir-se fora do contexto.

O problema é saber se é possível ao negro superar o seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável. (FRANTZ FANON, 2008, p. 59).

A autoafirmação é um passo importante que precisa ter como alicerce a formação da identidade, para isso o sujeito negro precisa de referências que o faça reconhecerem a si próprio e ter a aceitação de sua própria história e de sua ancestralidade. Esta autoafirmação levará o sujeito a quebrar as barreiras discriminatórias dentro de si mesmo e a reconhecer-se.

Segundo Hall (2003), a identidade está relacionada com a identificação e a identificação tem como tarefa unir e misturar. É como um processo inacabado inclui símbolos exigidos para a sua sustentação, é condicionado, formando um elo entre o mesmo e o outro ou a fantasia da incorporação “consumir o outro”, de acordo com Hall (2000). Para a identificação é necessário um espelho, um exemplo que sirva de inspiração. É usar o exemplo do outro para formar sua própria identidade.

### **3.1 O Jogo Heróis e a Interdisciplinaridade**

A educação étnico-racial com as Leis de Diretrizes e Bases (LDB) e do Programa Curricular Nacional (PCN), inicialmente surge como parte dos Temas Transversais que tem como critério favorecer a compreensão de referências à realidade e participação social expressando conceitos e valores que correspondem às questões sociais. De acordo com Morin (2000,p.20), “o conhecimento não é um espelho das coisas do mundo”, todas as percepções são uma tradução dos estímulos que o cérebro recebe. Ter um jogo estimulará o estudante a aprender de maneira lúdica.

**Figura 8: Caixa do Jogo “Heróis de Todo o Mundo”**



**Fonte:** Disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/08/her%C3%B3is-400x229.png> >  
>Acesso em: 15 de março 2016.

O Jogo “Heróis de Todo o Mundo” possui uma caixa, peças com a imagem dos trinta personagens, seiscentos e sessenta cartas com perguntas sobre a vida das personalidades, noventa cartas de poder que indicam o percurso do jogo no tabuleiro, as regras e um tabuleiro. Regras do Jogo: o Tabuleiro é dividido em seis áreas de influência ou “Casas de Poder”, referente às profissões ou áreas de destaque das personalidades.

**Figura 9: Tabuleiro do Jogo Heróis de Todo o Mundo**



**Fonte:** Disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/08/her%C3%B3is-400x229.png> >  
>Acesso em: 15 de março 2016.

Essas áreas são identificadas por cores diferentes, e todos os peões tem a cor de sua “Casa”. Cada jogador escolhe uma figura histórica de uma área de influência ao iniciar o jogo e devem percorrer as dezoito casas do tabuleiro (três por Casa de Poder). Após uma volta completa, ele entra em uma área protegida, com mais duas casas, que representam seu percurso final em direção à Galeria de Heróis (na área central do tabuleiro).

O jogo inicialmente leva os educandos a conhecerem as histórias dos personagens, eles têm que realizar pesquisas, buscar conhecimento sobre cada personalidade. O professor como mediador pode além do Jogo, apresentar os vídeos onde personalidades negras atuais representam cada personagem. Com este conhecimento os estudantes aproximarão as histórias de suas vidas a das personalidades e poderão se identificar com as histórias de cada uma delas, esta aproximação com as histórias de vida real poderá desenvolver sentimentos como a afetividade, que ajudará a fixar o conhecimento e fortalecê-lo, onde o eixo intelecto e afeto são indispensáveis para o desenvolvimento do conhecimento (MORIN, 2000).

Mais do que transversalidade, a educação étnico racial tornou-se uma necessidade para a conscientização racial e um resgate da história afro-brasileira e africana, assim como um meio de elevar a autoestima dos afrodescendentes, este conhecimento precisa se tornar evidente. Segundo Morin (2000) é um conhecimento pertinente que deve buscar construir-se como referencia ao contexto, deve mobilizar o que o educando sabe sobre o mundo.

Ao trabalhar com o jogo o educador necessita compreender que o material não possui um conteúdo específico de uma disciplina, ele é interdisciplinar, pois possui vários contextos que estão interligados. Morin (2000) explica que o conhecimento específico, ou especialização, extrai um objeto do seu contexto rejeitando as intercomunicações, esta divisão limita o conhecimento que se torna isolado, quantitativo e mensurável construindo quebra-cabeças ininteligíveis. Para ele, quanto mais os problemas se tornarem multidimensionais, planetários e impensáveis.

O professor necessitará compreender que o pensamento que separa, reduz o conhecimento, enquanto o que une o torna complexo, planetário, com vários olhares que o distingue. Campos, (2013, p180) ainda cita que a criação rígida entre as fronteiras das disciplinas, mais tem a ver com a política de que com o poder

acadêmico. Cabe ao educador fazer com que tais barreiras sejam dissolvidas e que o educando tenha a oportunidade buscar este conhecimento e ver os resultados através de diversas vertentes.

Conforme Morin (2000), o ensino necessita ser universal centrado na condição humana reconhecendo a diversidade cultural humana. Este conhecimento é para situar o sujeito de sua condição no mundo e o como pode contribuir com o seu conhecimento.

[...] para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes [...] (MORIN, 2000, p. 48).

Ao trabalhar com uma visão ampliada e multidimensional, o professor promoverá ao estudante um vasto leque de pesquisas, de conhecimentos que serão aplicados em suas vidas e refletirão na sociedade. Todo o desenvolvimento humano reflete no desenvolvimento da sociedade.

O jogo “Heróis de Todo o Mundo” representa uma diversidade, as personalidades tem em suas histórias uma variedade de contextos que mostram aos educandos que os seres humanos possuem múltiplas diversidades e demonstra como cada um escolheu para a sua própria história. A interdisciplinaridade dará uma visão com dimensões mais ampliadas destes conhecimentos e ajudará o educando a relacionar os conhecimentos adquiridos com as histórias para serem aplicados em suas próprias vidas.

De acordo com Japiassu (1976), a interdisciplinaridade tem como objeto a crítica universal do saber.

[...] Portanto de um lado a interdisciplinaridade aparece como instrumento e a expressão de uma crítica interdisciplinar do saber como um meio de superar o isolamento como um meio de superar o isolacionismo das disciplinas como maneira de abandonar a pseudo-ideologia da independência de cada disciplina relativamente aos diversos setores do próprio saber do outro [...] (JAPIASSU, 1976, p.57).

O trabalho interdisciplinar ainda não é uma prática algo comum nas escolas públicas e particulares, e quando se trata de educação étnica racial a dificuldade ainda sofre várias barreiras. A ousadia é necessária para enfrentar tais barreiras e criar oportunidades para que o trabalho contribua para que os educandos a terem seus conhecimentos ampliados e que os desafie, a saber, de que forma este conhecimento poderá ser aplicado em sua realidade. Para iniciar um trabalho Brandão (2016, p.3) diz:

Ousadia? Antes de ter audácia e destemor; ou antes, possuir coragem e atrevimento para ir onde nem todos quiseram arriscar –se ou puderam chegar. Muitos acreditam, porém para serem ousados, basta apenas infringir as regras pétreas, questionar modelos preestabelecidos ou ainda dizer o que pensa a todos sem preocupar-se com as consequências. (BRANDÃO, 2016, p.3).

A educação construída interdisciplinarmente precisa de bases específicas apoiadas por trabalhos desenvolvidos nas mais diversas áreas. Este processo envolve outras dimensões como as questões políticas, normativas, as ideias, projetivas e científicas (FAZENDA, 2002). A possibilidade do trabalho interdisciplinar não necessariamente precisa esperar que as normas e currículos escolares fossem modificados, a aplicação dependerá de sua preparação para a aplicação da interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade escolar busca aprimorar técnicas que favoreçam o processo de aprendizagem tendo a interação dos saberes do professor e do aluno, respeitando o conhecimento prévio do educando. Só é possível um trabalho interdisciplinar quando as disciplinas se reúnem com um mesmo objetivo a partir de uma situação problema. No caso do Jogo, de acordo com as personalidades, serão apresentadas as especificações de cada personagem, sua área de atuação poderá ser explorada e o aluno poderá conhecer com diferentes contextos.

A questão da educação étnico racial enfrenta vários preconceitos como o de cor, religiosidade e posição social e econômica. Além destes, existe também os obstáculos voltados para as dificuldades à classificação de Gusttorf citado por Japiassu (1976, p.94), o conhecimento interdisciplinar apresenta quatro modalidades de obstáculos, o epistemológico, o institucional, o psicossocial e o cultural.

O Jogo “Heróis de Todo o mundo”, tem como obstáculo epistemológico as divisões das disciplinas e a não preparação do professor para saber como trabalhar

o assunto étnico racial em suas aulas. Não conseguem fazer a relação entre o assunto e sua especialidade.

O obstáculo institucional acontece com o jogo quando a instituição vê com preconceito o conhecimento étnico-racial, como por exemplo, instituições religiosas que ignoram a lei e a importância do estudo da cultura africana e afro-brasileira por considerarem as religiões de matriz africana demoníacas.

O psicossociológico forma outra barreira quando os professores colocam apenas a visão de sua especialidade no projeto sem ver as dimensões que poderão ser alcançadas quando trabalhadas interdisciplinarmente. Com isso muitos especialistas não conseguem ver uma interação do jogo com sua disciplina ou conteúdo estudado.

Obstáculo cultural é encontrado em escolas ou comunidades que veem a cultura afro-brasileira, assim como a indígena, como inferiores e submissas. As escolas que possuem uma educação Eurocêntrica são exemplos deste tipo de instituição. Não só nas escolas, mas em comunidades, até mesmo em universidades encontram este obstáculo para uma educação de igualdades raciais.

Estes obstáculos surgem quando a mudança precisa acontecer, quando as fronteiras precisam ser quebradas, quando a interação das disciplinas é necessária mostrando a vantagem de que o conhecimento construído necessita de uma interação entre as diversas ciências, suas práticas e realidades.

Ao trabalhar com o jogo o professor buscará alcançar a compreensão e a ética de cada educando. Para que a discriminação seja e as diferenças sejam combatidas os educandos assim como o corpo docente precisarão exercer da ética do futuro, ou antro-po-ética que consiste no esclarecimento da consciência de assumirem-se como humanos (indivíduo/sociedade/espécie), alcançarem esta consciência pessoal de humanidade refletindo o seu papel na sociedade, assumir o seu destino como ser humano em sua plenitude, alcançar uma unidade planetária tendo compreensão de si como parte do universo, desenvolver ética de solidariedade porque o outro é importante, desenvolver a ética da compreensão e ensinar a ética do gênero humano, (MORIN, 2000). Para esta mudança, a educação é uma ferramenta de apoio que pode ajudar a desbravar os caminhos da consciência humanitária com reflexões que podem apresentar caminhos que alcancem uma unidade social.

### 3.2 O Jogo e a identificação com as personalidades

A história da humanidade está repleta de mitos, em todas as épocas os mitos tem florescido de acordo com a história e as necessidades humanas. Eles nascem das religiões, filosofias, artes, formas sociais, descobertas científicas e tecnológicas e dos próprios sonhos, (CAMPEBELL, 1997, p.6).

Buscavam no mito a explicação, as suposições ocultas para explicar os fenômenos naturais e acontecimentos na vida humana, mas é também o relato de uma história verdadeira que recebeu interferência sobrenatural e tornou-se uma nova realidade ( BRANDÃO,1986).

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se. E, como afirma Roland Barthes, o mito não pode, conseqüentemente, "ser um objeto, um conceito ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma" .Assim, não se há de definir o mito "pelo objeto de sua mensagem, mas pelo modo como a profere". (BRANDÃO, 1986, p.31)

O mito representa a realidade humana como uma representação que busca compreender o inconsciente coletivo, faz parte da herança das identidades independente da época que tenham vivido. A soma destes elementos que são transmitidos por gerações formam a *mitologia* que é mutável, sujeito a transformações tem papel principal estudar histórias de mitos que são aceitas como verdadeiras. A função da mitologia é a de fornecer símbolos que levam o espírito humano a avançar para superar suas fraquezas através de da religião ou através dos heróis. Com as mudanças do mundo moderno os mitos, a religião e os heróis foram suprimidos mas ainda são a fonte de superação , esperança e conforto a aqueles que buscam alcançar equilíbrio espiritual, ( BRANDÃO, 1986).

O herói nasce das manifestações de massa, surgem da vida comum como guardiões, é dotado de valores , é justo, é altruísta, de acordo com Brandão ( 1997) , ele conserva, defende, é o que nasceu para servir. Ele coloca o interesse coletivo acima do seu, se sacrifica por um ideal e luta pelo bem comum. "Para Campebell (1997), o herói é um homem submisso ao seu ideal, sua morte ou vitória são conseqüências de sua bravura." O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas

normalmente válidas, humanas”. O herói ao morrer renasce como eterno, transfigurado, eternizado pela história para ensinar a lição de vida de aprendeu. Exemplos como as histórias de Prometeu, Buda e Moisés retratam bem a história de heróis que retratam em suas histórias sua missão a favor do outro.

Campebell (1997) explica que existe vários tipos de heróis, o *herói composto do monomito*, que é uma personagem que possui dons excepcionais, são honrados pela sociedade e costuma não receber reconhecimento e seu mundo vive em ruínas; o *herói do conto de fadas*, possui um triunfo macroscópico e traz uma mensagem para o mundo com seu heroísmo.

A literatura possui vários tipos de heróis, de acordo com Feijó (1995) o *herói divino*, que surge na poética da mitologia, nele ressalta o sentimento e a ação e o *herói trágico* que surge na história cheio de poder e que ao longo da história se torna frágil, trava uma grande luta contra o seu destino e tem a grandeza de recuperá-lo, este herói se torna mais humanizado no percurso de sua trajetória; o *herói trivial*, que é um ser comum que procura em sua trajetória elevar sempre a classe social a qual pertence; o pícaro, que é o herói malandro, busca sempre levar vantagem, possui a finalidade de lucrar mais com menos trabalho.

Na vida real os heróis são pessoas comuns, homens mulheres que de acordo com o seu tempo fizeram uma realização que se tornou um marco em sua história, foram altruísta, inventaram um mecanismo que solucionou o problema de uma geração, conquistou uma batalha, etc. Muitas destas pessoas, que não são reconhecidas como heróis estiveram dispostas a morrer por uma causa. No decorrer da história do Brasil, as várias conquistas para a construção do país foram marcadas por personalidades que em muitos casos deram sua vida pelo povo brasileiro. Várias personalidades negras, muitas delas desconhecidas, tem uma história de luta e conquista em geral não são conhecidas e valorizadas pelo povo brasileiro.

Atualmente dificilmente se ouve falar de pessoas que se sacrificam por uma “causa” ou por outras pessoas. O que esperam dos heróis modernos é a prova de sua integridade moral, arrependimento e redenção. Para Bauman (2007) estes heróis modernos também esperam por recompensas, para eles não existe sacrifício sem retorno. É surpreendente como o ato de devolver uma carteira com dinheiro ao proprietário se torna um ato heroico, sem necessitar de sacrifícios maiores.

A sociedade de consumo líquido-moderna estabelecida na parte rica do planeta não tem espaço para mártires ou heróis, já que mina despreza e milita contra os dois valores que desencadearam sua oferta e demanda. Em primeiro lugar, milita contra o sacrifício das satisfações imediatas em função de objetivos distantes e, portanto, contra a aceitação de um sofrimento prolongado tendo em vista a salvação na vida após a morte - ou, na versão secular, retarda a gratificação agora em nome de mais ganhos no futuro. Em segundo lugar, questiona o valor de sacrificar satisfações individuais em nome de uma "causa" ou do bem-estar de um grupo (na verdade, nega a existência de grupos "maiores que a soma das partes" e de causas mais importantes do que a satisfação individual). (BAUMAN, 2007, p.65)

A falta de caráter e a luta pelo poder são características da humanidade moderna, os heróis ou mártires estão sendo substituídos pelas celebridades, não importa seus feitos, mas o que esta pessoa representa. As celebridades buscam o reconhecimento de quem são sua fama, mesmo que de maneira rápida busca uma maneira de sobreviver à memória do público. Diferente dos heróis que tem suas histórias perpetuadas pela memória coletiva ( BAUMAN, 2007).Nestes tempos modernos ter exemplos de pessoas reais que tiveram realizações positivas podem ajudar a nova geração quererem seguir o exemplo destes homens e mulheres e fazer com que estes se tornem os heróis da próxima geração.

A história brasileira está repleta de exemplos de personalidades negras que tem em sua trajetória fatos importantes que colaboraram com o Brasil e que poderão servir de referências e inspiração para as novas gerações. Estes homens e mulheres comuns demonstram em suas histórias que apesar de suas fraquezas humanas, pois eles não eram divinos, foram capazes de superar, enfrentar, mudar e criar uma nova história, não somente para eles, mas pela causa a qual se empenharam. Alguns pagaram com a própria vida, sua bravura não foi em vão. É com este propósito que o *Jogo "Heróis de todo o mundo"*, traz à tona o conhecimento da trajetória de trinta personalidades negras brasileiras que se destacaram na história do Brasil nas mais diversas áreas, como Literatura, Artes Plásticas, Música, Educação, na luta pela libertação ou igualdade racial, entre muitas outras.

Para uma criança um "herói" é um ser com poderes extraordinários com capacidade de salvar o mundo, um personagem imaginário. As personalidades escolhidas do Jogo "Heróis de Todo o Mundo" são pessoas comuns, mas que marcaram uma época com as suas decisões e atitudes que superaram preconceitos

e condições sociais. Muitos destes estavam à frente de seu tempo mudando o percurso da história como foi o caso de Chiquinha Gonzaga e Maria Firmina dos Reis que como mulheres, assumiram profissões até então consideradas masculinas como a de ser maestrina no caso da primeira e escrever em colunas de jornais a segunda.

A identificação segue uma determinação ou se ajusta a ela ou obedece a lógicas e opera por meio da diferença; é uma expressão remota de laço emocional. Possui uma ambivalência ligada a alguém em busca do preenchimento de seus vazios, uma moldagem de acordo com o outro, pois, o objeto de identificação pode ser tanto odiado quanto adorado.

Hall (2000) explica que a identificação é ambivalente, não prende alguém a um objeto, ela é moldada de acordo com o outro. Está fundada na fantasia da projeção da identificação. Já a identidade não possui um núcleo estável, está constantemente em transformação. Não possui o mesmo significado de identidade cultural que abrange coletividade que são histórias e ancestralidades partilhadas. Hall confirma:

Em contraste com o "naturalismo" desta definição, a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, um processo sem fim: sempre "em processo". Não está determinado, no sentido de que é sempre possível "vencer" ou "perdê-lo", sustentá-lo ou abandoná-lo. Embora não tenha condições específicas de existência, que incluam os recursos materiais e simbólicos necessários para sustentá-lo, a identificação é, em última instância, condicional e contingente (HALL, 2003, p.15)

A identificação é um processo que não é determinado, não é submisso, está sempre em construção, está sujeito a uma determinação ou falha, nunca possui uma proporção adequada ou uma totalidade. Para Hall (2003) o conceito de identificação tem como legado semântico o seu uso na psicanálise onde o sujeito faz seu vínculo emocional com outra pessoa. As figuras parentais possuem significado de representação do ideal a ser alcançado pelo outro, toda criança vê em seus familiares o exemplo do que ele quer ser, a imitação nas primeiras fases infantis demonstram esta afirmação.

A identificação monta a imagem do outro ligado aos sentimentos que o sujeito tem deste outro procurando compensar sentimento de perda de prazer libidinais do narcisismo primário, baseado na fantasia, na projeção, na idealização de seu objeto adorado ou odiado (HALL, 2003). É possível que o estudante consiga

identificar-se com uma personalidade e tomar a vida deste como exemplo e inspiração para a construção da própria história.

Os “heróis” deste jogo são personalidades que não possuem destaque nos livros didáticos sendo esquecidas pela história, com o jogo suas trajetórias são resgatadas para que suas dificuldades e superações, feitos surpreendentes e conquistas venham a ter o merecido reconhecimento e despertar o tê-los como inspiração para a vida dos educandos, como por exemplo: Aleijadinho, escultor, André Rebouças, engenheiro, abolicionista, astrônomo, matemático, biólogo, geólogo, higienista e filantropo; Cartola, sambista; João Cândido, líder da Revolta da Chibata; João do Vale, músico; Leônidas, astro do futebol; Machado de Assis, poeta, jornalista, dramaturgo, cronista, romancista, crítico, ensaísta, o mais conceituado escritor brasileiro e Zumbi dos Palmares, líder quilombola, entre muitos outros.

**Figura 10: Heróis de todo o mundo**



**Fonte:** Disponível em < <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/episodios> > Acesso em: 12 de janeiro 2018.

Ter como exemplo personalidades negras dará ao estudante, principalmente o negro, ter exemplos de pessoas de sua mesma etnia a quem ele poderá espelhar-se e compreender o seu “eu”. A subjetividade busca compreensão do “eu”, envolve os pensamentos emoções conscientes e inconscientes do sujeito. Faz parte do sujeito social onde linguagem e cultura são partes do contexto social que dão significado à identidade.

Possuem significados que são construídos pelos discursos e que podem ser eficazes e convencem o sujeito, porém quando o sujeito se posicionou, assumem então sua identidade. As subjetividades são dimensões inconscientes do “eu”, podem ser tanto racionais quanto irracionais e permitem a exploração do sentimento que envolve os processos da produção da identidade, explicando as razões do sujeito se apegar a identidades particulares (HALL, 2000, p. 111-112).

Tais referências podem contribuir positivamente para a formação da identidade dos educandos independente de sua etnia, ajudá-los a buscar a fazer suas próprias escolhas e serem protagonistas de suas histórias.

### **3.3 Conhecendo as Personalidades para tê-las como referência**

Todas as personalidades do Jogo podem contribuir com a formação da identidade dos estudantes por considerando suas histórias. Destacam-se duas das trinta personalidades, a saber, Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense que passou muitos anos esquecida na história tendo contribuído para a literatura com suas poesias e romances, além de ter sido uma educadora que tinha em suas características a calma e doçura, mas era firme em seus ideais abolicionistas e igualitários de acordo com Moraes Filho (1975). E Abdias do Nascimento que usou o seu tempo de reclusão na prisão e exílio para aprender e criar novas formas de combater as desigualdades e discriminação racial com seus conhecimentos intelectuais sobre africanidades, poesia e artes plásticas.

### 3.3.1 Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira

Maria Firmina dos Reis nasceu, em São Luís, Maranhão no dia 11 de outubro de 1825. Filha ilegítima<sup>16</sup> de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis. Ainda pequena mudou-se para a cidade de São José Guimarães no município de Viamão conde viveu na casa de uma tia materna.

**Figura 11: Maria Firmina dos Reis**



**Fonte:** Disponível em< <http://www.oexplorador.com.br/considerada-a-primeira-romancista-brasileira> >Acesso em 12/02/2017

Parte de sua educação foi dada por Sotero dos Reis<sup>17</sup>, seu primo que era escritor e gramático, que a incentivou a escrever. Na época, as famílias que tinham dinheiro mandavam seus filhos estudar em Paris, Coimbra e Estados Unidos, ela sendo autodidata, mostrou em suas obras um conhecimento profundo da Literatura

---

<sup>16</sup> Termo encontrado nos registros de pesquisa pelo fato de seus pais não serem casados oficialmente.

<sup>17</sup> Francisco Sotero dos Reis: nascido em São Luís – MA (1800-1871). Parlamentar, filósofo, professor, lente de Latim do Liceu Maranhense do qual foi primeiro diretor. Jornalista e poeta, fundou os jornais maranhenses: Constitucional e O Maranhense. Colaborou com: Investigador Maranhense, O observador, Publicador Maranhense, A Revista e Os Correios de Anúncios. Conforme Silvio Romero, em História da Literatura Brasileira (1949), colaborou, juntamente com Joaquim Sousa Andrade, Henrique Leal e outros no Semanário Maranhense. Ocupou a cadeira 17 da Academia Maranhense de Letras e foi Patrono da Academia Brasileira de Letras. Autor das obras: Curso de literatura portuguesa e brasileira, Apostilas de gramática geral aplicada à língua portuguesa pela análise dos clássicos, Curso de literatura romana e outras (MEIRELES, Mário. Panorama da literatura maranhense. São Luís: Imprensa Nacional São Luís, 1955, p. 71-72).

e uma vasta leitura (MENDES, 2006, p.18). Firmina faleceu em 11 de novembro de 1917 com 92 anos de idade, no município de Guimarães no Maranhão, solteira, cega e pobre e desconhecida da crítica de sua época (NÉRES, 2017).

Durante muitos anos a escritora que ficou no esquecimento, atualmente tem chamado atenção por seu pioneirismo e vem saindo do esquecimento e ganhando projeção, ainda que esteja morta fisicamente há tanto tempo (NERES, 2017).

Em 1847 foi aprovada em concurso público municipal como professora de primeiras letras, de 1847 a 1881. Na ocasião a família, orgulhosa pelo destaque de Firmina, quis homenageá-la construindo para ela um palanquim para que fosse à cerimônia de posse do governo maranhense por ser a primeira mestra concursada de Guimarães, mas a mesma rejeitou e exclamou que ia a pé, afirmando que negros não eram animais para andarem montados. Ela era firme em seus ideais libertários e notadamente uma mulher de firmes atitudes (MORAES FILHO, 1975).

Em 1859, Maria Firmina publicou seu primeiro romance, *Úrsula*, obra que retrata a condição da população negra brasileira. Foi considerado como um dos primeiros escritos de uma mulher negra brasileira sobre a Abolição e as tradições africanas. Sua inspiração veio de seu contexto social sendo considerado um ato de coragem relatar tais condições neste romance.

Ela também superou suas limitações como mulher, pois em sua época as mulheres viviam submetidas em afazeres domésticos, principalmente as negras. Devido tais condições ela utilizou apenas o pseudônimo “Uma Maranhense” por um tempo, para que seu romance fosse aceito pelos leitores.

Sua carreira literária foi extensa, publicou *Gupeva*, (1861) um romance indianista. Sobre a questão da população negra ela ainda escreveu “*Cantos a Beira-mar*” (1871) e “*A Escrava*” (1887). Colaborou com o jornal *A Imprensa* (1860), com a publicação de poesias onde assinava M.F.R. (medida tomada para ser aceita pelos leitores), *Publicador Maranhense* (1861), *Porto Livre* (1863), *Eco da Juventude* (1865), *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense* (1867), *O Domingo* (1872), *O Diário do Maranhão* (1889), *Pacotilha* (1900), *Federalíssima* (1903).

Participou da antologia poética *Parnaso Maranhense* (1861). Escreveu no *Almanaque de Lembranças Brasileiras* (1863,1868) um artigo com o título “*Minhas impressões de virgem*” (1872), um diário com o título “*Álbum*” (1865), além de várias

charadas e enigmas. Foi compositor de músicas clássicas e populares como Autos de Bumba-meu-Boi, músicas em “Os Versos de Garrafa”, a que ela atribuiu a Gonçalves Dias<sup>18</sup> (MORAES FILHO, 1975).

Em seus trabalhos, a pátria, o amor e a liberdade são os temas recorrentes de suas obras. Uma de suas obras foi o *Hino à Libertação dos Escravos* a fim de comemorar a Lei Áurea, demonstrando seu interesse pelas questões abolicionistas do país (NERES, 2017).

HINO À LIBERDADE DOS ESCRAVOS  
(Maria Firmina dos Reis, 1888)<sup>19</sup>

Salve Pátria do Progresso!  
Salve! Salve Deus a Igualdade!  
Salve! Salve o Sol que raiou hoje,  
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia  
Da nefanda Escravidão!  
Aqueles que antes oprimias,  
Hoje terás como irmão!

Firmina retoma em suas obras os saberes africanos e deu voz aos negros expressando seus sentimentos e pensamentos como pessoas boas, honestas e gentis. Ela também retrata a condição da mulher no sistema patriarcal levando as pessoas da época a refletirem esta condição contraditória em que casamentos eram feitos como acordo entre famílias e contra vontade da mulher. Sempre com a certeza de que o lugar que ela procurava ocupar nas letras não seria fácil acesso, em seus prefácios ela pedia desculpas por ser mulher e pela árdua tarefa de superar, afinal ela contrariava a morfologia da época onde as mulheres não tinham voz (SILVA, 2014).

Ela pertencia à classe média da época, não tinha posses, porém, não vivia na pobreza. Aos 54 anos, antes de aposentar-se, não concordando com a educação católica que promovia desigualdades sociais entre meninos e meninas, ela abriu uma sala para ambos os sexos. Ao aposentar-se em 1880, fundou a primeira escola

---

18 A tradição popular conta que antes de morrer no naufrágio, Gonçalves Dias colocou em uma garrafa seu último poema que veio parar nas parias de Guimarães, Maria Firmina musicou o poema em 1859. (MORAES FILHO, 1975, s/p).

19 Disponível em: <<http://lintrab.blogspot.com.br/2013/04/hino-liberdade-dos-escravos.html>>. Acesso em : 10 outubro 2017.

mista gratuita do Maranhão, tal iniciativa causou um escândalo no povoado de Maçaricó forçando-a a fechar o estabelecimento (MENDES, 2006).

Ela era uma das poucas mulheres na Literatura Brasileira, seu trabalho nos jornais foi algo de vanguarda, pois as mulheres não ocupavam tal posição; ainda era abolicionista quando em sua época os abolicionistas em sua maioria eram homens filhos dos senhores aristocratas que chegavam ao Brasil com ideais de liberdade.

**Figura12: Busto de Maria Firmina no Museu Histórico do Maranhão**



**Fonte:** Disponível em < <https://ingress-intel.com/portal/busto-de-maria-firmina-dos-reis/> > Acesso em 12/02/2018.

A história de Maria Firmina foi resgatada pelo jornalista, escritor e historiador Jomar Nascimento de Moraes Filho, em uma de suas pesquisas na Biblioteca Pública Benedito Leite, em 1973, quando buscava artigos de jornais maranhenses do século XIX. Causou-lhe muito espanto e curiosidade para saber quem era aquela mulher percussora que já escrevia em jornais do século passado, não tinha reconhecimento na História e nem na Literatura. Ele juntou seus escritos e depoimentos de ex-alunos Em sua obra “Maria Firmina: Fragmentos de uma obra” e reeditou os contos “A Escrava” e “Gupeva” (SILVA, 2014).

Descobrimo-la, casualmente, em 1973, ao procurar nos bolorentos jornais do século XIX, na “Biblioteca Pública Benedito Leite”, textos natalinos de autores maranhenses para nossa obra, “Esperando a Missa do Galo”. Embora participasse ativamente da vida intelectual maranhense publicando

livros ou colaborando quer em jornais e revistas literárias quer em antologias – “Parnaso Maranhense” – cujos nomes foram relacionados; em nota, sem exceção, por Silvio Romero, em sua História da Literatura Brasileira, registrada no cartório intelectual de Sacramento Blake – o “Dicionário Bibliográfico Brasileiro” – com surpreendentes informações, quase todas ratificadas por nossa pesquisa, Maria Firmina dos Reis, lida e aplaudida no seu tempo, foi como que por amnésia coletiva totalmente esquecida: o nome e a obra (MORAES FILHO, 1975, s/p).

Maria Firmina dos Reis é um exemplo que mesmo em suas circunstâncias como mulher, negra e desprovida de bens, colocou em seus contos, poemas, músicas e romance os seus sonhos, os seus protestos, a sua coragem. Ela não foi apenas “Uma Maranhense” como usava em seu codinome, mas um ícone da literatura, do abolicionismo e da educação.

### **3.3.2 Abdias do Nascimento, ativista, poeta e artista plástico**

Abdias do Nascimento nasceu em Franca, São Paulo, 1914. Filho de Josina que era doceira e seu Bem-Bem, que era músico e sapateiro. De origem pobre, porém coesa, forma-se em contabilidade pelo Atheneu Francano em 1929. Abdias do Nascimento era diabético, estava internado há dois meses no Hospital do Servidor do Rio de Janeiro quando veio a falecer de parada cardíaca aos noventa e dois anos em 24 de março de 2011<sup>20</sup>.

Aos quinze anos alistou-se no exército e mudou-se para São Paulo. Em 1930 engajou-se na Frente Negra Brasileira e passa a fazer parte da luta contra a segregação racial em estabelecimentos comerciais da cidade. Organizou o Congresso Afro-Campineiro em 1938. Neste mesmo ano, forma-se em Economia pela Universidade do Rio de Janeiro (MACEDO, 2005; CUSTÓDIO, 2012).

---

<sup>20</sup> Fonte: Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/05/morre-no-rio-abdias-nascimento-ativista-do-movimento-negro.html> > Acesso em Jan.2018.

**Figura 13: Abdias do Nascimento**



**Fonte:** Disponível em <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/episodio/abdiasnascimento>> Acesso em 12/02/2018

Em 1922, ocorreu um fato que é relatado em sua biografia, este acontecimento tornou-se o “Marco Zero” de sua consciência racial, foi quando viu seu colega de escola, preto, órfão e pobre ser espancado pela vizinhança branca pelo fato do garoto ter passado na rua em frente as suas casas. Sua mãe saiu em defesa de seu amigo salvando-o dos espancadores (MACEDO, 2005).

Tornou-se integrante da Santa Hermandad Orquídea, um grupo de poetas argentino e brasileiro, viaja com eles pela América do Sul, fazendo uma série de palestras. Na Argentina, assistiu a uma peça, O Imperador Jones, de Eugene O’Neal, estrelada por um ator branco, Hugo D’Eviere, pintado de preto. Este fato trouxe várias reflexões a Abdias, que participou de movimentos de conscientização do negro no teatro (MACEDO, 2005).

Em 1941 é preso na Penitenciária do Carandiru, condenado por ter resistido a agressões racistas em 1936. Funda o teatro do Sentenciado com um grupo de presos que escreviam, dirigiam e interpretavam peças dramáticas. Ao sair da prisão busca apoio entre intelectuais e artistas, como não encontrou apoio, mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1944 funda o Teatro Experimental do Negro - TEN, entidade que patrocinou a Convenção Nacional do Negro em 1945-1946, como resultado a Convenção propôs para a Assembleia Constituinte em 1946 a inclusão de políticas públicas para a população afrodescendente e um dispositivo constitucional definindo como crime a discriminação racial.

Em sua estreia o TEN apresentou no Teatro Municipal o espetáculo, O Imperador Jones, com o ator negro Agnaldo Camargo (MACEDO, 2005).

A história do TEN é marcada não somente por sua produção teatral, também pelas atividades paralelas que desenvolvia a militância política de seus membros vai desde a alfabetização de adultos e cursos de cultura geral passando pela organização de conferências e congressos, cursos de beleza e artes plásticas a publicação de um jornal, Quilombo, e de livros. (CUSTÓDIO, 2015, s/p.)

Em 1949-1950, à frente do TEN, organizou o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro. Como Militante do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB foi exilado e participa da fundação do Partido Democrata Brasileiro-PDT. Em 1981, após o exílio, lidera a criação da Secretaria do Movimento Negro do PDT. De 1949- 1951 fundou e dirigiu o Jornal Quilombo (MACEDO, 2005).

Forma-se na primeira turma do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e estreia peças de sua autoria: *Sortilégio: Mistério Negro* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1957 fundou o Museu de Arte Negra no Rio de Janeiro no Museu de Imagem e Som. Abdias do Nascimento foi envolvido em vários inquéritos policiais e retirou-se para os Estados Unidos onde foi convidado a dar várias palestras pelo Fairfield Foundation (1968).

De 1968 a 1969 passa a atuar como Conferencista Visitante da Yale University, School of Dramatic Arts. Nesta ocasião iniciou sua atuação como Artista Plástico, pintando telas que transmitem os valores de cultura religiosa e de luta pelos direitos humanos dos povos africanos. Ainda nos Estados Unidos participou do Seminário “A Humanidade em Revolta” durante um ano (1969-70) junto com outros intelectuais (CUSTÓDIO, 2015).

Foi convidado a fundar a Cadeira de Culturas Africanas no Novo Mundo, no Centro Porto-riquenho da Universidade de Nova York em Buffalo (1970). Participou da Conferência de Planejamento do VI Congresso Pan-Africano em Kingston, Jamaica, (1973). Em 1974 participou do sexto Congresso Pan- Africano Dar-es-Salam na Tanzânia, como o único representante da América Latina. De 1976-77 trabalhou como professor convidado pela Universidade Ife, Ilê-Ife na Nigéria.

Ainda em 1976 foi convidado a participar do Seminário “Alternativas para o Mundo Africano”, nesta ocasião os participantes fundaram a União de Escritores Africanos. Participou como observador do Segundo Festival Mundial de Artes e Culturas Negras e Africanas realizado em Lagos, (1977), neste Colóquio ele

denunciou a discriminação racista vivida pelo negro no Brasil. No exílio, participa a distância da fundação do novo PTB, mais tarde PDT.

Ao retornar para o Brasil foi eleito Deputado Federal, foi o primeiro a dedicar seu mandato contra o racismo (1983- 87), apresentou projetos de lei definindo o racismo como crime e criando mecanismos de ação compensatória em prol a igualdade racial na sociedade brasileira. Continuou sua luta pelos mesmos ideais como Senador da república de 1999 a 2000. Enquanto Senador retomou a Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras.

Foram muitas realizações com seu mandato e após cumpri-lo continuou atuando em prol os Direitos Humanos. Após seu mandato ele voltou a dedicar-se à pintura e a poesia. Recebeu várias menções honrosas pelo seu trabalho em defesa aos direitos humanos, como por exemplo, o Prêmio Comemorativo das Nações Unidas por serviços relevantes em Direitos Humanos, no Rio de Janeiro em 2003; Prêmio de Reconhecimento da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Matilde Ribeiro em Brasília em 2004.

Foi homenageado pelo então pela Presidência da República pelos 90 anos do maior expoente brasileiro na luta pelos direitos dos negros no combate à discriminação, ao preconceito e ao racismo em Brasília; Prêmio de Reconhecimento pelos Dez “*Years of Freedom-South África*” (1994-2004), do Governo da África do Sul em abril de 2004.

Além das peças teatrais, poemas e ensaios e trabalhos de pesquisa, Nascimento escreveu vinte livros, organizou revistas, antologias e coletâneas que possuem registros de sua atuação cívica e das entidades que fundou. Sua peça *Sortilégio* tem versões em português e em inglês.

Juntamente com a produção política, a produção artística ampliou sua contribuição para a construção de uma imagem pública no contexto internacional como “ativista e pensador da diáspora”, um ativista político, crítico, teórico e artista que expressava sua militância nas artes, na academia e na cultura (CUSTÓDIO, 2015). O principal tema de suas pinturas é a cultura negra, assim como em seus discursos, Nascimento tinha como referencial as divindades das religiões afro-brasileiras, Umbanda e Candomblé.

**Figura 14: Oxumaré Ascende – Acrílico sobre tela- 1971**



**Fonte:** Disponível em < [http://www.abdias.com.br/obra\\_artistica/obra\\_artistica.htm](http://www.abdias.com.br/obra_artistica/obra_artistica.htm) > Acesso em: 12/02/2018.

A produção poética segue o mesmo caminho com as produções respaldadas na religiosidade afro-brasileira nas figuras do Candomblé (CUSTÓDIO, 2015). Uma de suas obras é uma homenagem a Exu, que na mitologia afro-brasileira é o que abre as portas, como:

O Agadá da Transformação

Em meu peito vazio de despeito  
 Oxum ficou o seu ixé  
 Seu o peixe mergulhado  
 No canto do pássaro odidê  
 Pousado numa folha da vida.  
 Trinando a temura  
 Que aconchega a criança  
 Ó peixe dourado que vais nadando  
 Os dias e as noites de minha sorte  
 Emblema de Oxum me levanto  
 Águas de Oxalá me lavando  
 No banho lustral de minha morte (...)

(Abdias do Nascimento, Salvador-BA, 14/01/1982)

**Figura 15: Composição n.2- Acrílico sobre tela- 1971**



**Fonte:** Disponível em <[http://www.abdias.com.br/obra\\_artistica/obra\\_artistica.htm](http://www.abdias.com.br/obra_artistica/obra_artistica.htm)> Acesso em 12/02/218

Conhecer a trajetória de vida de Abdias do Nascimento tem como importância aprender sobre a liderança e a luta de um homem comum que saiu de uma vida simples para buscar seus ideais e que em seu caminho os percursos e obstáculos travados lhe deram força e meios de superação sem esquecer seus propósitos. A prisão, o exílio mostraram a ele caminhos como ativista, artista e o leva ao caminho de liderança pelos direitos humanitários. Tudo o que Abdias Nascimento produziu e construiu, mostram a sua preocupação com o povo afro-brasileiro, negros e mestiços empoderarem-se e vencerem a discriminação e as diferenças sociais. Seus estudos sobre negritude, sua militância, sua arte e poemas tiveram como resultados leis de amparo ao cidadão afro-brasileiro, campos abertos para a pesquisa e para a arte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por objetivo geral analisar o Jogo “*Heróis de todo o Mundo*” para a educação das relações ético-raciais de maneira interdisciplinar e a sua contribuição para a formação da identidade dos educandos.

Com a pesquisa alcançou-se a compreensão conceitual entre a identidade para a formação do educando, concluiu-se que a identidade é formada a partir da cultura, da memória coletiva e da subjetividade, de acordo com os autores estudados consideramos importante para o sujeito ter uma referência. A identidade dos sujeitos se dá por meio da socialização e das relações estabelecidas com “o outro”. Assim a consciência racial contribui para a constituição da identidade racial. Disso resulta a necessidade do afrodescendente reconhecer-se e identificar-se como negro, conhecer a história e cultura dos ancestrais africanos para alicerçar o conhecimento de sua ancestralidade e de sua própria identidade.

Constatou-se que a participação do povo negro foi fundamental para o desenvolvimento econômico, social e cultural do país. Compreendemos que durante toda a história do Brasil, os africanos trazidos para o país escravizados foram vítimas de uma violência brutal com a escravatura. Verificou-se com a pesquisa que as lutas travadas pelos movimentos negros trouxeram muitas conquistas, mas que não estão próximas de um ideal, compreende-se ainda que haja muito a ser feito para que haja uma igualdade racial, compreensão e aceitação das diferenças. Apesar dos fatos históricos, das lutas e conquistas dos movimentos negros com as Leis 10.639/03 e 11.645/08 há ações muito modestas para a aplicação destas leis nas escolas pela falta de preparação do corpo docente e por não contemplarem em seus currículos e Projetos Políticos Pedagógicos com ações que sejam voltadas à valorização da cultura e história africana e afro-brasileira.

A análise do jogo “*Heróis de Todo o mundo*” se deu com o a pesquisa dos aspectos interdisciplinares deste jogo e verificou-se que o aspecto lúdico pode contribuir com o educando para que ele possa aprender sobre a vida das personalidades e torná-las referências positivas. Concluímos que o Jogo “*Heróis de Todo o Mundo*” é muito atual e possui em seu contexto várias personalidades que não se encontram nos livros didáticos, mas que contribuiram para a luta contra a discriminação, preconceito, direito à liberdade e igualdade social. Com o Jogo, os

estudantes podem aprender de maneira lúdica a história destas personalidades e usá-las como referências.

Assim, a análise sobre o Jogo “Heróis de todo o mundo”, que faz parte do Projeto “A Cor da Cultura”, demonstrou a necessidade da prática de uma educação étnico-racial nas escolas públicas e particulares de ensino fundamental. O material do projeto “A Cor da Cultura” propõe ações eficazes de combate aos diversos tipos de preconceito assim como a valorização da história e cultura negra. Professores que participaram dos treinamentos com este material deram continuidade a outros projetos inspirados no que aprenderam.

Compreendemos que ao conhecer personalidades inspiradoras como a de Maria Firmina dos Reis e Abdias do Nascimento, os estudantes aprenderão sobre a história do Brasil e isto pode possibilitar a aumentar sua autoestima, dando-lhe inspirações positivas para projetarem o seu futuro. O conhecimento sobre estas personalidades negras servem para todos independentes de sua cor da pele. O Jogo não necessita ficar preso ao passado, personalidades atuais podem ser apresentadas aos educandos dando continuidade ao ciclo do conhecimento e ampliando suas fronteiras sem esgotar o assunto.

Constatou-se que o Jogo é inteiramente interdisciplinar, pois as personalidades são das mais diversas áreas, seus feitos podem abranger a área da música, literatura, artes plásticas, geografia, psiquiatria, religiosidade, em fim os assuntos que não estão apenas em uma direção. O professor é o principal mediador, a interdisciplinaridade só terá efeito se o professor ousar, superar suas limitações e especialidades ajudando os educandos a se tornarem mais humanistas com uma visão mais planetária.

É necessário que haja uma continuidade na aplicação do projeto “A Cor da Cultura”, sobretudo do Jogo “Heróis de todo o Mundo” nas escolas públicas e particulares para minimizar o preconceito em suas diversas modalidades assim como enfatizar a valorização e beleza da cultura afro-brasileira para a formação da identidade cultural dos educandos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil**. Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais- Brasília : 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedito Vecchin**. Tradução : Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro – Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Tradução : Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro – Jorge Zahar- 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol.1. Editora Vozes: Petrópolis, 1986.

BRANDÃO, Jackson. **Interdisciplinaridade: ousadia, rompimento e regresso**. Razôn y Palabra Número 92 Diciembre 2015 – marzo 2016. Disponível em< [www.razonypalabra.org.mx](http://www.razonypalabra.org.mx)> Acesso em 17/05/2016.

BRASIL .**Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira**. Ministério da Educação. Brasília:2004.

\_\_\_\_\_. **Orientações e Ações para Educação da Relações Étnico-raciais**. Brasília. SECAD, 2006.

\_\_\_\_\_. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. GOMES, Nilma. Janete Beauchamp, Sandra Denise Pagel Aricélia Ribeiro do Nascimento ( org.). Brasília, 2007, 48 p.

\_\_\_\_\_. **Movimento Negro Celebra cinco anos de conquistas**. Secretaria Nacional de Políticas de Promoção de Igualdade Racial. Ministério dos Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/noticias/julho/seppir-comemora-cinco-anos-do-estatuto-da-igualdade-racial> . Acesso em 18/04/18.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.639/03**. <sup>1</sup>Disponível em : [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.678.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.678.htm). Acesso em: 18/04/18

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. “Art. 26-A”. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

\_\_\_\_\_. **Superando o Racismo na escola** – MUNANGA, KLabenguele (org.)- Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - 2ª edição – 2005.

\_\_\_\_\_. **Aprendizagem e ensino das Africanidades brasileiras** – MUNANGA, KLabenguele (org.)- Superando o Racismo na escola . Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

\_\_\_\_\_. **Documento final da Conferência de Revisão de Durban**. Secretaria Nacional de Políticas de Promoção de Igualdade Racial. Ministério dos Direitos Humanos. Disponível em: [http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/pubassuntosinternacionais/documentofinal\\_conferenciadurban.pdf/view](http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/pubassuntosinternacionais/documentofinal_conferenciadurban.pdf/view) Acesso em : 16/04/2018.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Ouvidoria Nacional de Igualdade Racial**. Secretaria Nacional de Políticas de Promoção de Igualdade Racial. Ministério dos Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/ouvidoria/sobre-a-ouvidoria-nacional-da-igualdade-racial>. Acesso em 18/04/2018.

\_\_\_\_\_. **Em 3 anos, 150 mil negros ingressaram em universidades por meio de cotas**. Secretaria Nacional de Políticas de Promoção de Igualdade Racial. Ministério dos Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/noticias/2016/03-marco/em-3-anos-150-mil-negros-ingressaram-em-universidades-por-meio-de-cotas> . Acesso 3m 18/04/18.

CANDAU, Vera; M. F.RUSSO, Kelly . **A Interculturalidade e Educação na América Latina: Uma construção plural, original e complexa**. Revista Diálogo Educacional, vl. 10, nº29, 2010, p.151-159. Em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=3429&dd99=view&dd98=pb> Acesso: 27 /09/2017

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. **A Interdisciplinaridade e as radicais transformações do pensamento científico**- Revista Lumen et vírus , vl IV, nº8, fev. 2013.  
Em:[http://www.jackbran.com.br/lumen\\_et\\_virtus/numero\\_8/PDF/A%20INTERDISCIPLINARIDADE%20E%20AS%20RADICAIS%20TRANSFORMA%C3%87%C3%95ES%20DO%20PENSAMENTO%20CIENT%3%8DFICO.pdf](http://www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/numero_8/PDF/A%20INTERDISCIPLINARIDADE%20E%20AS%20RADICAIS%20TRANSFORMA%C3%87%C3%95ES%20DO%20PENSAMENTO%20CIENT%3%8DFICO.pdf)Visto em : 15.09.2016

CAMPEBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral.Cultrix /Pensamento. São Paulo: 1997.

CUSTÓDIO, Túlio Augusto. **Construindo o (auto) exílio. Trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos da América. (1968-1981)**. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/producao-academica/construindo-o-autoexilio/> Acesso em: novembro 2017.

CUCHE, Denys. **A noção da culturas nas ciências sócias**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DA MATA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil- Rio de Janeiro** : Ed. Roccol LTDA.1986.

DARWIN, Charles. **Origens das espécies**. Trad.: Ana Afonso. Portugal- Planeta Vivo, 2009. Em: [http://darwin-online.org.uk/converted/pdf/2009\\_OriginPortuguese\\_F2062.7.pdf](http://darwin-online.org.uk/converted/pdf/2009_OriginPortuguese_F2062.7.pdf)  
Acesso: 23/08/2016.

DEBRU, Michel. **A identidade nacional brasileira**. Revista Estudos Avançados, v. 04, n. 8. São Paulo, jan.- abril, 1990.  
Em : <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141990000100004>. Acesso em: set. 2017

DA SILVA, Gilberto Ferreira. **Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação**. In FLEURI, Reinaldo Matias (org.). Educação Intercultural mediações necessárias - Rio de Janeiro - DP&A, 2003.

FAZENDA, Ivani (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?** – São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dicionário em construção: Interdisciplinaridade**. 2 ed. . São Paulo: Cortez. 2002.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. Editora Brasiliense. 1995

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto negro**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989: - ( Coleção polêmicas do nosso tempo: v.33).

\_\_\_\_\_. **A integração no negro na sociedade de classe**. Vol. 1. 3 ed. São Paulo: Globo, 2008.

FLEURI, Reinaldo M.. **Intercultura e a Educação**. Revista ESC, Educação, Sociedade e Cultura, nº 23, 2005, p. 91-124. Em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC23/23-Reinaldo.pdf>  
Acesso : 25/08/2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem fronteiras, v.12,n.1,p.98-Jan.\Abr.2012.

\_\_\_\_\_. **Alguns Termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão**. Em : <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf> Acesso em: 27.07.2016 às 21:11h

HALL, Stuart. **Identidade na pós-modernidade** – Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. II edição – Rio de Janeiro – DP&A, 2006;

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora: Identidade e mediações culturais**. Tradução: Adelaide La Guarda Resende, et al. Belo Horizonte. Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_ et al. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_ ; GAY, Paul do. **Cuestiones de identidad cultural** . 1ª ed. Buenos Aires. Amorroutu, 2003.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e a patologia do saber** – Imagino Editora LTDA : Rio de Janeiro. 1976.

KENECHEL, Maria do Rosário . **Multiculturalismo e processos educacionais** – Curitiba: FACINTER, 2003.

LIMA, Heloisa Pires. **Personagens Negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil**. In Superando o Racismo na escola, Kabengele . Munanga (org.). Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: 2005.

MACEDO, Marcio José de. Abdias do Nascimento. **A Trajetória de um Negro Revoltado (1914-1968)**. Universidade de São Paulo. São Paulo 2005. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/producao-academica/a-trajetoria-de-um-negro-revoltado/> Acesso: outubro 2017.

MENDES, Algemira Mendes. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: Representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX**. Disponível em : <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2230> Acesso: Janeiro 2018.

MORIN, Edgar . **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawya; revisão Edgar de Assis Carvalho. São Paulo : Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina: fragmentos de uma vida**. São Luís: COCSN, 1975.

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Revista Estudos Avançados, vol.18, nº50. São Paulo. Jan/abr. 2004. Em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005) Acesso em 22 /06/2016.

\_\_\_\_\_. **Negritude e identidade negra ou afrodescendente ? Um racismo ao avesso**. Revista ABPN, V.4, nº8, 2012, Jul. – out. p. 06-14. Em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/246> . Acesso em: 26 /07/2016.

\_\_\_\_\_. **Uma conceitual das noções de raça , racismo, identidade e etnia** . Em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-identidade-e-etnia>. Acesso em : 10/01/2018.

\_\_\_\_\_. **Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: Um ponto de vista em defesa das cotas.** Sociedade e cultura , v. 4, n.2, Jul. - Dez 2001, p.31-43

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NERES, José. **Nossa Primeira escritora.** Literatura- Conhecimento Prático. 08/03/2017. Disponível em: <http://literatura.uol.com.br/nossa-primeira-escritora/> Acesso: outubro /2017.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SKIDMORE, Thomas E. . **Preto no branco: raça e nacionalidade do pensamento brasileiro;** Tradução de Raul de Sã Barbosa, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

SANTOS, Gevanilda. **Relações Raciais e desigualdade no Brasil –** São Paulo: Selo Negro,2009.

SANT'ANNA, Wânia. Marco Conceitual do Projeto A Cor da Cultura. Fev. 2005. Disponível em < <http://www.acordacultura.org.br/>> Acesso em 05/07/2016.

SUA PESQUISA.COM .**Semana de Arte Moderna.** Em: <https://www.suapesquisa.com/artesliteratura/semana22/> . Acesso: 23/08 /2017.

SILVA, Gilberto. **Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação.** In : FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). Educação Intercultural: Mediações necessárias- Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-52.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e . **Aprender, ensinar e relações Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil** Em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/educaçao> n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Acesso em : 26\07\2016 às 23:09h.

\_\_\_\_\_. **Movimento Negro e Educação.** Revista Brasileira de Educação. Set./Out./ Nov./Dez./ 200.nº15. Em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a09.pdf> . Acesso em 22/06/2016.

SILVIA, Régia Agostinho da. **A mente, essa ninguém pode esvaziar:** Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em:<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0592.pdf> . Acesso em: Janeiro 2018.

SILVA, Lourdes Ana Pereira; Oliveira, Ilzver de Matos. **Imprensa Negra Online: O Racismo na pauta** .16/01/2008. Disponível em< <http://www.afropress.com/post.asp?id=13131> > Acesso em 10/04/2018.

Silva Jr., Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais** – Brasília: UNESCO, 2002.

UNESCO. **Número de analfabetos no Brasil**. Em: <https://nacoesunidas.org/unesco-758-milhoes-de-adultos-nao-sabem-ler-nem-escrever-frases-simples/> . Acesso em: 28/10 /2017.

VALENTE, Ana Lúcia E. F.. **Ser Negro no Brasil Hoje**. São Paulo: Moderna, 1987.